

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL
NÍVEL MESTRADO ACADÊMICO

Theo Storchi da Rocha

Laboratório Cartográfico: Masculinidades, Polifonia e a Rua

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2020

RESUMO:

Trata-se de um estudo cartográfico onde procuro pensar o conceito de masculinidades e suas expressões no cotidiano de uma cidade. Entendendo as masculinidades como foco de problematização e transformação contínuas, nessa pesquisa procurei peregrinar no território urbano em torno do tema, propondo encontros com homens e mulheres a partir de minhas andanças e deslocamentos pela cidade de Porto Alegre (RS). Chego à proposta de peregrinação partindo do trabalho que desenvolvo como psicólogo no campo da assistência social junto a população em situação de rua. Na intenção de tratar o processo e o passo a passo da caminhada enquanto método, faço uso de princípios da cartografia como a auto implicação e a construção incessante do objeto na relação entre pesquisador-pesquisa, entendendo o deslocamento sem destino fixo como agenciador de encontros e trocas que abordam, direta ou tangencialmente, o tema escolhido. Assumo a concepção de polifonia, extraída da música e da literatura, na tentativa de afirmar a multiplicidade de olhares possíveis envolvendo masculinidades, apresentando os resultados dos encontros que tive com a cidade, com os inúmeros sujeitos com os quais conversei e com as conversas que também escutei por meio das minhas peregrinações. As cartografias apresentadas são resultado de anotações destas conversas, de recortes de diários de trabalho e de observações que fiz ao longo do caminho, na tentativa de performatizar as múltiplas nuances das masculinidades que se revelam e que também se escondem no cotidiano da cidade.



Figura 1 - “Granada de Fragmentação”, do artista Ernesto Marengo. Esmalte sobre cimento de areia fina e aço, 2019.
Website do artista: <http://www.ernestomarengo.com/>

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	7
1 SOBRE A RUA, O PROCESSO E A VIDA DUPLA DE PESQUISADOR.....	8
1.1 A INCESSANTE INTERVENÇÃO DA RUA	8
1.2 CARTOGRAFIA DO ESCROTO	10
1.3 O DIA EM QUE EU DESCOBRI QUE FUI PAUTA NO PRESÍDIO CENTRAL:	13
2 MÉTODO OU PASSO A PASSO	16
2.1 PROCESSO-PEREGRINAÇÃO.....	16
2.2 ESCRITA: CARTOGRAFIA E POLIFONIA	22
2.3 O TESTAMENTO DE SHAKESPEARE E CONSIDERAÇÕES SOBRE O REGISTRO.....	26
3 MASCULINIDADES	28
3.1 UMA POSSIBILIDADE DE RUPTURA	28
3.2 FRONTEIRAS	32
3.3 MASCULINIDADES: HEGEMONIA E SUBALTERNIDADE	33
3.4 RETOMANDO A ESCROTICE ENTRE O PÚBLICO E A PRIVACIDADE	39
4 VOZES.....	41
4.1 O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI, E QUAL É O OBJETIVO POR TRÁS DE TUDO ISSO?.....	41
4.2 SOBRE O PASSADO E A URBANIDADE	48
4.3 SOBRE O PRESENTE.....	53
4.4 SOBRE O TRABALHO.....	55
4.5 SOBRE POLÍTICA	58
4.6 SOBRE FAMÍLIA	62
4.7 SOBRE SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE	65
4.8 SOBRE (A MINHA) PRESENÇA.....	67
4.9 SOBRE O FUTURO	68
5 DIÁRIOS DA VIDA ENTRE PEREGRINXS.....	73
5.1 CURTAS E GROSSAS	73
5.2 ADEUS AO ALBERGUE MUNICIPAL.....	75
5.3 O DIA EM QUE EU NÃO FUI ASSALTADO.....	78
5.4 RACISMO E AUTO-ÓDIO NO MUNDO PEREGRINO	79
5.5 CARTOGRAFIA DE UM SOCORRO: [ALERTA DE GATILHO – VIOLÊNCIA]	79
5.6 DAS COISAS QUE TEMOS EM CASA, MAS ENCONTRAMOS ALEATORIAMENTE NA RUA	81
6 REGISTROS SOLITÁRIOS SOBRE PEREGRINAR NA PESQUISA.....	83
6.1 CONVERSAS DE BAR.....	83

6.2 CONVERSAS DE UBER	83
6.3 PAPO DE PAI PRA FILHO.....	84
6.4 ESPAÇOS ALEATÓRIOS DE CONFISSÃO	85
6.5 MAIS CONVERSAS DE BAR.....	85
6.6 MAIS E MAIS CONVERSAS DE BAR	87
6.7 MAIS ESPAÇOS ALEATÓRIOS DE CONFISSÃO	87
7 O IMORAL SE TORNOU POEIRA DO DIA A DIA ?	88
REFERÊNCIAS	92

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	04
Figura 2.....	38
Figura 3.....	45
Figura 4.....	46
Figura 5.....	47
Figura 6.....	70

1 SOBRE A RUA, O PROCESSO E A VIDA DUPLA DE PESQUISADOR

1.1 A INCESSANTE INTERVENÇÃO DA RUA

Ao término de “Café da Manhã dos Campeões”, romance de Kurt Vonnegut, o personagem Kilgore Trout, miserável e desconhecido escritor de ficção científica, encontra com seu criador – o próprio autor da história. Vonnegut o promete fama e prosperidade para o fim de sua vida, mas isso não significa nada para Kilgore. “Me faça jovem novamente”, pede Kilgore, para um criador que faz pouco caso de sua demanda, deixando-o proferindo sozinho as últimas palavras que encerram a história: as súplicas de um desejo não atendido.

Nos idos tempos de 2012, supervisores de estágio no Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul faziam vista grossa à crítica que um jovem eu, estagiário, fazia sobre algumas concepções institucionais acerca do “processo”. Sim: tudo está em movimento e o universo está em expansão constante, o que quer dizer que estamos sempre em algum lugar, destinando-se a outro. Todavia, corremos o risco de banalizar o deslocamento se “processo” se torna verbo intransitivo, quando dizemos “isso é processo” de forma casual, e fechamos as portas para a autocrítica e a autoimplicação. No final, pouco importa se o universo está ou não em constante expansão se não paramos para minimamente olhar as estrelas, ou, pior, se parássemos de olhar para as estrelas meramente porque “o universo está em expansão mesmo então f*da-se”.

Quando falamos de processo corremos o constante risco de banalização justamente porque tudo é processo, assim como eu, em algum momento do trabalho com população em situação de rua, escrevi que “tudo na vida é peregrino” (a ver, mais tarde). Kilgore Trout queria ser jovem e deter o aprendizado dos anos acumulados, e mesmo em uma história fantástica em que criatura encontra criador, esbarrou em uma negativa – ainda que estética e artisticamente arbitrária.

Este trabalho de mestrado também é atravessado por um processo-peregrinação, e talvez as únicas coisas em comum entre início e fim sejam o cenário, composto pelo furdução da cidade enquanto rua, e o objeto: masculinidades.

Em um primeiro momento, inspirado pelo trabalho da jornalista Svetlana Aleksievitch, comecei a entrevistar pessoas que conhecia aleatoriamente enquanto transitava por Porto Alegre, sobre temas como passado e futuro, cidade, trabalho, gênero e sexualidade, política e sabedoria popular. A intenção era criar uma escrita polifônica, feita de mil vozes, que fosse tão caótica e controversa quanto o próprio conceito de masculinidade, aproveitando a fuga do

ambiente universitário onde imperam conceitos eurocêntricos e brancos. Minha pergunta inicial para a pesquisa veio de uma conversa com uma motorista de Uber. Ela, em tom de deboche, aproveitou quando disse que pesquisava masculinidades pelo mestrado e me perguntou, curiosa pela resposta: “Qual é o problema dos homens?”.

Eu ainda não sei responder essa pergunta.

Essa circulação urbana (e rural, dado que fui até o meio do nada entrevistar um idoso para coletar histórias sobre a velha Porto Alegre) me rendeu em torno de 30 encontros e muitas páginas de narrativas e anotações. Conheci pessoas em paradas de ônibus, parques, bares, além de receber indicações dessas pessoas que surgiram ao acaso. Após acúmulo de material, fiz um trabalho de recorte e colagem dos registros para a qualificação que levou 3 madrugadas e rendeu 32 páginas de um material que era intenso de inúmeras maneiras.

O método de escrita polifônica desenvolvido pela jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch envolvia a coleta de relatos de inúmeras pessoas para desenvolvimento de narrativas em primeira pessoa que mudam de sujeito, produzindo conflito entre vozes e pintando um cenário fiel à multiplicidade de olhares e vivências, durante momentos históricos que marcaram o regime soviético no século XX, como o desastre de Tchernobyl e a abertura política nos anos 1990. Já na música, polifonia diz respeito a duas ou mais linhas ou narrativas melódicas sobrepostas, que criam a impressão de harmonia e complementação, ou desencaixe, conflito e cacofonia.

O desafio que eu vi nessa execução foi que, em meio a tantos ditos e não ditos, no formato do material perdi marcadores que considerava importantes acerca do que cada sujeito dizia, e de que lugar. Como disse um amigo que avaliou o material em uma disciplina, “parece que são todos tu, por um efeito de universalização onde, sempre que temos um sujeito oculto, sem marcadores claros, imaginamos um homem branco falando”.

O que acaba configurando o marco inicial dos problemas em torno de masculinidades, ou o que é ser homem: em um país onde a divisão por raça se dá bem antes da divisão por classe, qual o sentido de pensar em uma só masculinidade? E como abordar o tema de ser homem em um cenário já escaldado por mais de 500 anos de divisão racial? Mesmo para o processo de qualificação, onde tomei a pergunta da motorista de uber e convenientemente a manipulei para “o que é, o que foi e o que será dos homens?”, levando em conta que eu nunca responderia qual era o problema dos homens – até porque não me parece um só problema, nem que ele tenha alguma solução – o perigo de tornar homogêneo meu objeto de pesquisa sempre me pareceu muito próximo.

Paralelamente a isso, levando em conta que boletos não se pagam sozinhos, comecei a trabalhar com população em situação de rua em Porto Alegre, primeiro através de um projeto da Saúde Coletiva que formava peregrinos para serem agentes de saúde para outros peregrinos, depois pela assistência social no Centro POP¹ X, e finalmente onde estou agora, no Centro POP Y. Gradualmente, cartografias e escritas cotidianas foram sendo tomadas por outra abordagem da rua – não apenas como palco ou cenário, mas também como moradia.

A vasta maioria da população em situação de rua é do sexo masculino. “A rua é que nem se diz na bíblia”, disse um peregrino pra mim. “O dia é de Deus, a noite é do Diabo”. Há variações e inúmeras definições para a rua. Eu, embriagado certa vez em uma noite de sexta feira, disse: “a rua é a coisa pura, tanto no bom quanto no mau sentido”.

Não é fácil propor uma definição, ou olhar definitivo para o campo da rua. Jornalistas esportivos tendem a dizer que o futebol é um reflexo da sociedade, e se o for, a rua é a própria materialização dela. Estamos inevitavelmente jogados no terreno histórico do urbano e a repetição de seus costumes, mesmo que alheios a isso. A cidade é desenhada por segregação racial, misoginia, transgressão e relações que surgem e se vão como partículas num LHC². A rua é só onde tudo livremente se materializa. Por isso é coisa pura. A rua é o suco da fruta humana.

Em um sonho, certa vez, me veio uma imagem que ilustra, talvez, minha relação com a rua: enquanto pesquisador, enquanto Theo, enquanto psicólogo, e enquanto profissional da assistência. Rua, enquanto palco, enquanto público, enquanto mar onde se navega, enquanto moradia. A imagem era um sacerdote que abandonava a batina ao descobrir que Deus, na verdade, habitava os lugares mais profanos.

*

Ironicamente, na tentativa de responder à pergunta da motorista de Uber, escrevi a Cartografia do Escroto, como exercício descontraído de patologizar a normalização do comportamento masculino em público. É a primeira vez que a rua surge enquanto palco na minha produção, bem antes do trabalho com a peregrinação.

1.2 CARTOGRAFIA DO ESCROTO

¹ Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua. Equipamento da rede sócio assistencial que visa garantir direitos básicos como higiene e alimentação, através de acesso diurno a uma casa que oferta banho, lanche, atividades lúdicas e atendimento técnico.

² Grande Colisor de Hádrons, maquinário destinado a aceleração e colisão de partículas para intuito de pesquisa científica.

Quão difícil é criar uma doença nova? Pense num nome, uma causa ou origem e uma sintomatologia, cedo ou tarde todo mundo é doente. Ou como diria a minha vó: “longo prazo por longo prazo, estaremos todos mortos”.

Eu poderia dizer que pessoas com braços longos têm uma tendência natural a mentir mais. Toma-se uma amostra de pessoas de braços longos e se constata que todas mentem. Em algum momento, nos damos conta que todo mundo já contou uma mentira, e podemos generalizar e dizer que todo mundo tem ao menos um pouco de Braçolongura, e que isso é parte constitutiva do ser humano. Nossos braços nos fazem mentir.

Interessantemente, um grupo de homens há pouco mais de um século e meio criaram uma doença originária em um órgão – especificamente um órgão feminino – e a chamaram de histeria. O útero era a causa de uma série de desvios característicos de diversas mulheres que, coincidentemente, habitaram um tempo e um espaço em comum. Foi, a longo prazo, o olhar masculino sobre esses úteros que erigiu um dos principais pilares da psicanálise. Mas há, também, outras formas de ver isso.

A histeria era, no mínimo parcialmente, a doença de ser mulher numa era que estritamente limitava papéis femininos. Ela deve ser entendida como uma resposta a sufocantes demandas e expectativas sociais, propriamente expressas em paralisia, surdez, mudez e um sentimento de estar sendo estrangulada. Blanche, Augustine e Genevieve [pacientes de Charcot] exibiam sintomas que fisicamente ilustravam suas condições sociais. Elas viveram num tempo em que as mulheres eram exclusivamente definidas através das suas relações com os homens. Sem pai, sem marido e pobres, essas três mulheres se viram em um mundo que reconhecia pouca utilidade para elas. (HUSTVEDT, 2011, p. 4, tradução minha)

Se os historiadores já partem do pressuposto de que, quando olhamos para o passado, olhamos com a subjetividade do nosso olhar e do nosso tempo, nós podemos muito bem olhar para uma doença como a cria do seu tempo. É claro, Hustvedt (2011) ainda argumenta que se essas três mulheres tivessem vivido no nosso tempo, provavelmente sequer teriam adoecido, e exibiriam um quadro de sintomas completamente diferente. A origem da psicanálise, nesse sentido, nada mais é que um olhar masculino subdesenvolvido e pueril: ao útero, a doença. Ao pênis, a inveja, e por vezes até a cura.

Mas há um erro – um erro anatômico – no desenho do órgão masculino na psicanálise, que eu estou disposto a consertar aqui. Vivemos uma era falocêntrica, afinal. Ainda, na constituição do órgão sexual no feto, não é o pênis que antagoniza o útero, mas os testículos.

Assim, se tomarmos a liberdade de pensar histeria em homens, não falamos do pênis, ou do útero, mas do saco, do escroto. E por falar em tomar liberdades, tomei a liberdade de chamar a doença dos órgãos masculinos de “Escrotice”.

“Escrotice” segundo o Dicionário Informal³: “Qualidade de escroto. Falta de senso: reles, ordinário, baixo, vil, ruim, mal feito, grosseiro, mau caráter, estúpido, malvado, rude”. Em outra definição: “filha-da-putagem, sacanagem, covardia, deslealdade, filhadaputice, porquice, imundice, sujeira, nojeira, porqueira”.

Bem, e por que não? Se tratamos tantos comportamentos como histeria (sedução, nervosismo, indecisão, sentimentalismo, irracionalidade), porque não tratar outros como escrotice? O útero, lá dentro do corpo, traz uma dimensão de vida interior, ou interioridade. De segredo, intimidade. Ao escroto sobraria a exterioridade, a superfície, o explícito. O escroto não se esconde. Ele transborda dos corpos dos homens quando eles andam na rua, dirigem, gritam, correm, falam, brigam, cantam, oram, pedem perdão, bebem, riem. Ele está lá fora o tempo todo, junto com os homens enquanto eles buscam desesperadamente, todos os dias, alguma solução rápida e prática para um problema que eles nem sabem direito qual é. A escrotice é uma doença de imposição, e imposição à superfície.

E da mesma maneira que se cria a histeria em um momento e lugar históricos favoráveis a isso, pode-se arriscar a pensar na escrotice a partir do que é atual nesse momento. Tiroteios em massa, cultura do estupro, feminicídio, masculinidade tóxica. A falta de um modelo ou representatividade no campo das masculinidades, que leva a uma busca por uma suposta virilidade, ou uma masculinidade extraordinária. Talvez a histeria dissesse respeito ao privado, à intimidade. A escrotice é pública, exterior. Se constata sua manifestação no trânsito, nas relações, na política, nas instituições, na rua.

Ainda assim, não se trata de generalizar o comportamento masculino. Se trata de, talvez, pensar essas expressões a partir de um viés de adoecimento, de saúde mental, uma questão que talvez estivesse passiva de escuta e tratamento. Da mesma maneira que se torna ridículo condicionar a histeria ao útero, também seria errado da minha parte condicionar a escrotice a um par de bolas. Acho que, pegando carona nas lutas pela despatologização da diferença, às vezes pode ser divertidamente produtivo patologizar aquilo que se encontra no espectro da normatividade.

³ <https://www.dicionarioinformal.com.br/escrotice/>

A Cartografia do Escroto marca o ponto inicial de um processo de pesquisa. Minha intenção com o processo de encontro e registro de narrativas não se tratava de analisar discursos, ou apontar violências cotidianas. O que eu realmente queria tinha a ver com acesso: chegar onde não se chegava, produzir conteúdo oriundo de onde não se via. Não se tratava de abordar *o problema* dos homens, mas como eles olhavam e como eram olhados. Transgredir, ou transcender, o que quer que fosse normal ou mundano e abordar o que tinha ali de exclusivo, de incomum, de belo. A Cartografia do Escroto marca um ponto inicial porque ela é uma especulação, um senso comum, uma generalização.

Também vem, na mesma cartografia, uma certa sátira sobre pilares que sustentam alguns discursos sobre a psicologia: se existe histeria a tanto tempo, porque não se pode falar de escrotice? Por que soa engraçado, ou assustador, ou assume um caráter satírico, quando pensamos em homens a partir de seus testículos, mas o mesmo não é feito em relação a mulheres? A Cartografia do Escroto configura bem um primeiro momento do meu processo de pesquisa porque ela delinea uma estética no meu trabalho, mais caracterizada pela literatura e produção textual do que pelo discurso *psi*.

Em contrapartida, uma das minhas cartografias mais recentes vai justamente no sentido oposto, onde propõe uma identificação, mesmo que pouco ortodoxa, com a psicologia e o fazer *psi*:

1.3 O DIA EM QUE EU DESCOBRI QUE FUI PAUTA NO PRESÍDIO CENTRAL:

Devia fazer em torno de 90 dias que eu trabalhava no Centro POP Y, depois de seis meses sendo psicólogo e técnico no Centro POP X. Já havíamos mudado a metodologia de atendimento para cumprir normas da OMS de prevenção ao Coronavírus, e a recém-instalada pandemia determinou que muitos internos do cárcere fossem libertos a título da prevenção. Vários deles, talvez a maioria, se encontrava provisoriamente em situação de rua, e, se antes tínhamos 40 peregrinos por turno dentro de um espaço fechado para suprir demandas de banho, lanche, atendimento e lavagem de roupas, dessa vez entravam apenas 7 por vez, e a aglomeração, incomum e inflacionada pelos recém libertos, se dava no espaço da rua.

Abordo no pátio um peregrino de em torno de 30 anos de idade, novo no espaço, para explicar os fluxos do acesso. Ele separava uma pilha de roupas para lavar, e eu o interpelei para informar que, com a mudança metodológica, o acesso era breve – 15 minutos – para que todos os seus colegas da rua conseguissem acessar e suprir suas demandas. “Portanto, o máximo de peças de roupa para lavar são três”, eu o disse, “e o senhor terá que levá-las molhadas para

estender na rua”. O peregrino em questão, sequer olhou para meu rosto. Manteve a cabeça baixa, separando roupas para lavar. Disse que havia saído do presídio central no dia anterior, que ia ser breve sua passagem ali e eu que não enchesse o saco dele. Saí de perto ouvindo resmungos e insultos e achei melhor deixar pra lá.

Ou, pelo menos, tentei. Estava depois de passagem pelo corredor quando ele juntava seus pertences no armário para sair, depois de ter lanchado e lavado roupas. “Com licença”, eu disse, “se precisar de atendimento qualquer dia desses, meu nome é Theo, sou psicólogo aqui”. Ele parou de guardar as roupas molhadas numa sacola e dirigiu o olhar pra mim pela primeira vez. “Theo?”, ele perguntou. Depois olhou em volta no corredor, e perguntou, levemente confuso: “Theo, o Theo do Centro POP X? Eu tô no Centro POP X?”

“Tu tá no Centro POP Y”, eu disse. “Mas eu fui do Centro POP X, só vim pro Y recentemente. Fui promovido”, eu disse, rindo. “O Theo psicólogo do Centro POP X! Caralho! Me desculpa por antes viu, o cara na rua é foda. Caralho, Theo do Centro POP X, deixa eu apertar tua mão. Tu é foda irmão”. Ele ria. Ofereci o cotovelo para o cumprimento, mantendo normas da OMS. Ele bateu o cotovelo no meu, ergueu a sacola com as roupas molhadas sobre o ombro e foi indo pra saída. “Como tu sabe quem eu sou?”, eu perguntei, entre o riso e a vergonha. “Ah sabe como é né Theo”, ele disse sem atrasar o passo. E foi embora.

Obviamente eu suspeito sobre quem pode ou não ter falado pra ele de mim no presídio central, mas são só especulações. Tentei prevenir vários peregrinos, foragidos da justiça ou não, de cometerem crimes ou serem presos – na maioria das vezes sem sucesso – nos tempos de Centro POP X, e isso já daria páginas e mais páginas de relatos tão cômicos quanto trágicos. O que me deixou realmente matutando foi como o trabalho com população em situação de rua, em um lugar que visava a garantia de direitos completamente básicos e primordiais como higiene e alimentação, me levou gradualmente a, pela primeira vez na vida, me ver como psicólogo de fato. E como pensar que eu fui pauta no presídio central, e esse reconhecimento marginal e nada comum teve mais valor e legitimidade pra mim do que um diploma.

Pareceu, na verdade, um salto identificatório. Desde que me graduei em psicologia, em janeiro de 2015, fui educador social, motorista, músico e compositor, escritor, curador de obra de arte, modelo nu, oficinairo, cenografista, ator, garçom, gerente. Eu cheguei, em dado momento, a vender meu cabelo para pagar os boletos, coletei doações enquanto músico de rua e vendia zines assinadas por um alter ego. Deve ter havido pelo menos umas 20 coisas que eu fiz na base do topa tudo por dinheiro, e nunca havia me identificado com um ofício específico.

Eu nunca mais vi o peregrino que me graduou. Sequer sei seu nome. Imagino que tenha, como se diz na assistência, “se organizado”. Mas sou grato a ele por ter me concedido o primeiro título de psicólogo com o qual me identifiquei.

A única entidade que liga dois pontos determinantes em todo meu processo é essa coisa chamada Rua⁴. Respeito-a, portanto destarte proponho a forma mais original de deslocamento: a caminhada, por trajetos sonoros e cacofônicos, entre a formalidade e a marginalidade. Desejo que seja confuso, mas nem tanto a ponto de não fazer sentido.

⁴ Se acaso o leitor carecer de definição acadêmica e conceitual para a rua, deixo a seguinte: rua enquanto território existencial, simbólico e dinâmico, espaço de produção e reprodução de práticas e relações sociais através do encontro, da habitação e da circulação (GEHLEN, SCHUCH, 2012).

2 MÉTODO OU PASSO A PASSO

2.1 PROCESSO-PEREGRINAÇÃO

“Deus abençoe suas pernas”

Saudação cigana da região da Macedônia. Quando a escritora e jornalista Isabel Fonseca ouviu isso de um ancião romani, pensou se tratar de uma cantada. O intérprete interveio para completar a sentença enquanto também explicava o sentido verdadeiro dela: “por trazê-la até aqui”.⁵

“A peregrinação é uma das modalidades fundamentais do caminhar; é andar à procura de algo intangível”

Rebecca Solnit – A História do Caminhar

Há certa polêmica – e não é à toa – acerca da terminologia usada dentro dos espaços da assistência social. Os mais críticos disso tentam chamar de “educandos” aqueles que frequentam os espaços da assistência, mas o termo mais recorrente, com toda sua evidente problemática, é “usuários”, aludindo a pessoas que *fazem uso* desses espaços. Nos lugares dedicados ao atendimento à população em situação de rua, não é diferente, embora o público-alvo prefira aludir-se com o termo “Peregrino”.

“Peregrino”. Por que? Dizem que é o termo que mais respeita a trajetória de todos. “Veja bem”, me disse um peregrino que se dizia xamã, leitor assíduo da obra de Carlos Castanheira, e que foi um dos primeiros que teve paciência para ser didático comigo quando precisei. “A pessoa em ‘situação de rua’: nada mais é do que alguém que está na rua sem necessariamente *querer*. Ele deixou a casa pra ex, passou por um divórcio, ou não conseguiu pagar mais o aluguel. O sonho dele é ter um lugar pra morar de novo, nem que seja uma pecinha com apenas uma cama. ‘Morador de rua’, por sua vez, é quem sonha com um viaduto inteiro só pra si, e que ninguém o incomode. Se você disser ‘mendigo’ pra alguém, vai apanhar, porque ninguém tá nisso por falta de dignidade”.

Atento para a didática do xamã: o uso de denominações diferentes alude a origens e ambições diferentes, ou díspares. O termo “peregrino” contempla a todos que estão na rua, porque se refere a uma caminhada: não diz respeito ao passado nem ao futuro, muito menos ao

⁵ Relato da própria autora, presente livro *Bury Me Standing – The gypsies and their Journey* (1995)

desejo de ninguém, só faz alusão ao que a vida e a rua, de fato, são: peregrinação, ou movimento. Não é à toa que os peregrinos chamam suas idas e vindas, seus objetivos e suas aspirações de “caminhada”.

A verdade é que chamar de peregrino respeita igualmente qualquer trajetória, porque qualquer trajetória é inconstante, independente de “de onde veios” e todos os “aonde vais”. Se reconhecemos que tudo no mundo está em constante transformação e movimento, reconhecemos que, ao fim e ao cabo, tudo na vida é peregrino.

*

Talvez pela influência de tanto tempo cercado de peregrinos, tenho dificuldade de separar a ideia de processo, e, portanto, processo de pesquisa, de peregrinação e caminhada. O ato e ritmo de escrever envolve a lentidão do andar casual, e até o termo “método” pode ser substituído, e é cotidianamente “coloquializado”, pela gentil expressão: “passo a passo”.

O livro “A História do Caminhar” (SOLNIT, 2016, p.64) argumenta que “o caminhar ereto é o primeiro marco daquilo que viria a se tornar humanidade”, observando que os membros excedentes nesse processo, os braços, ficaram livres para segurar, fabricar, destruir ou manipular objetos do mundo material. A autora toma preceitos da fenomenologia de Husserl para afirmar que o caminhar é a maneira essencial pela qual entendemos o corpo em relação ao mundo.

O corpo é a maneira como experimentamos o que sempre se encontra aqui, e o corpo em movimento experimenta a unidade de todas suas partes como o ‘aqui’ contínuo que segue na direção e através de vários ‘acolás’. Ou seja, o corpo se move, mas é o mundo que muda, e é assim que se distinguem um do outro: viajar pode ser uma maneira de experimentar essa continuidade do ser em meio à vicissitude do mundo e, portanto, começar a entender cada um deles e sua relação mútua (SOLNIT, 2016, p. 56).

Ainda assim, no entanto, obviamente é necessário atentar para a particularidade de cada corpo, já que isso molda a perspectiva através da qual ele se percebe e percebe o mundo. Assim como o trabalho com peregrinos e vulnerabilidade social afetou meu processo de pesquisa, minha abundância de marcadores de normalidade etnocentrista – homem cis heterossexual branco de classe média – me situa o tempo todo na rua e no mundo enquanto tal. Mas isso é assunto para mais adiante.

O método – ou passo a passo – da pesquisa através da cartografia marca o andar do pensamento, e talvez do sentimento, no período em que me dediquei a pensar, ler e especialmente ouvir sobre masculinidades. Cada cartografia salpicada nessa dissertação sou eu em algum lugar do mundo, pensando e sentindo alguma coisa. Por vezes, as cartografias

marcam o trânsito pela cidade, por outras o encontro. Às vezes marcam vivências no trabalho, outras vezes conversas despreziosas em lugares diversos. Em um dos braços que o bipedalismo deixou livre no meu corpo, levo a cartografia enquanto instrumento, não apenas de autoanálise e autocrítica no processo, mas de potência criadora e criativa. O exercício de distanciamento do ambiente acadêmico através do encontro ao acaso com interlocutores na deriva urbana, e da vivência profissional com peregrinos, teve em seu cerne o objetivo de encontrar o que fosse novo, ou pouco usual, que desse condições de inventar e reinventar o olhar.

Em 1984, Gabriel Garcia Márquez fora premiado pela Academia Sueca de Letras com o Nobel de Literatura pela obra “Cem Anos de Solidão”. A obra fora escolhida com unanimidade pelos acadêmicos europeus, que ainda se viam embasbacados com a escrita do autor colombiano: nunca o realismo havia sido tão fantástico, e a fantasia tão realista, em uma obra que lança mão desse estilo com imagens riquíssimas. A esse clima de surpresa e incredulidade, em seu discurso na premiação, Gabo responde:

Me atrevo a pensar que é esta realidade descomunal, e não só sua expressão literária, que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca de Letras. Uma realidade que não é a do papel, mas que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desdita beleza, e do qual este colombiano errante e nostálgico não passa de uma cifra assinalada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável. Este, amigos, é o nó da nossa solidão. Pois se estas dificuldades nos deixam – nós, que somos da sua essência – atordoados, não é difícil entender que os talentos racionais deste lado do mundo, extasiados na contemplação de suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para nos interpretar. É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários (MARQUEZ, 2018).

O que, a meu ver, Gabo ressalta em seu discurso, é a inadequação do pensamento europeu na interpretação da realidade do Novo Mundo, e a possível violência que pode haver na aplicação desse pensamento em contextos mais diversos. Sim, dentro da universidade podemos dialogar extensivamente com os pensadores franceses, e eles propõem ferramentas que podem ser úteis e bem aplicadas nas nossas observações, mas quanto abrimos mão da nossa

própria singularidade em nome desse uso? E quanto disso pode ser dialogado com uma motorista de Uber, ou com alguém que serviu ao exército durante a ditadura militar brasileira? Mais que isso, qual é nosso potencial de criar, e criar olhares e interpretações, se apenas reproduzimos aquilo que já possui uma legitimidade estabelecida?

*

Na introdução deste trabalho, falo de um sonho meu com a imagem de um sacerdote que abandona a batina ao descobrir que deus está nos lugares mais profanos. Rebecca Solnit fala do aspecto espiritual da peregrinação:

A peregrinação tem como premissa a ideia de que o sagrado não é totalmente imaterial e há uma geografia do poder espiritual. A peregrinação passa a ser o limite tênue entre o espiritual e o material ao enfatizar a *narrativa* e o seu *cenário*. (...) A peregrinação une crença e ação, pensar e fazer, e faz sentido que essa harmonia seja alcançada quando o sagrado tem presença e localização materiais (SOLNIT, 2016, p. 92, grifo meu).

Não quero entrar em pormenores em torno de espiritualidade. Proponho pensarmos na batina enquanto ortodoxia e rigidez de método, e o espiritual, ou imaterial, enquanto o ato de pensar ou refletir. Peregrinação enquanto processo que é caracterizado enquanto narrativa e reflexão pela escrita, e pela deambulação ou deriva, a partir da vivência em um cenário concreto e absolutamente profano: a rua.

A rua produz saber todos os dias. A diferença é que esse saber não presta serviço a qualquer formalidade ou ortodoxia. Como eu propus o abandono à batina, e não gostaria de sair por aí pelado, proponho o pensar e o sentir, e o registro através da escrita, para jogar com ele. A rua pode ser a repetição de violências tão perpetuadas, a causa e a consequência, mas também é encontro e desencontro. É fervura em ponto de congelamento. A rua é difícil de definir, e não segue metodologia, porque ela é a constante e insistente presença de inúmeras contradições.

A vivência desse cenário – enquanto psicólogo e trabalhador da assistência com população em situação de rua – e nesse cenário, enquanto pesquisador, em busca de narrativas pouco usuais, traz a necessidade óbvia da prática cartográfica. Não se trata de estabelecer regras prévias, ou pré-condições, ou delimitar as fronteiras e formas rígidas enquanto conhecedor de um campo já estabelecido, pois tanto a pesquisa quanto a rua se transformam ao passo da movimentação. A abertura ao encontro e a construção de sujeito, objeto e das relações entre ambos são os únicos pressupostos do trabalho.

Jung (2010) fala de símbolo morto enquanto uma imagem que perde a força de transformação quando interpretada e limitada a um significado, sem possibilidade de abrir

novas perspectivas e olhares. Da mesma maneira, ALVAREZ e PASSOS (2009) apontam para o processo de pesquisa enquanto emersão de sujeito e objeto “como realidades que não estão totalmente determinadas previamente, mas que advêm como componentes de uma paisagem ou território existencial” (ALVAREZ, PASSOS, 2009, p.148).

Ao ato de cartografar cabe tomar algo em seu processo de produção e transformação, encarando a pesquisa como um campo de experimentação, atravessado por um regime de sensibilidade (ZAMBENEDETTI, SILVA, 2011). Ao fim e ao cabo, o método cartográfico não se compromete a tomar um mapa já desenhado ou abordá-lo enquanto produto final, mas sim pelos deslocamentos que traçam as linhas que o caracterizam. Deslocamentos estes que requerem a implicação do pesquisador, habitação do território pesquisado e a sensibilidade necessária para encarar os elementos da pesquisa enquanto construções sem fim determinadas pelo constante jogo de forças que a compõem (KASTRUPP, 2009).

Achille Mbembe(2017) chama de “ética do passante” o ato de passar de um lugar⁶ para o outro tecendo entre eles uma relação de solidariedade e desprendimento, ainda que nunca de indiferença, enfatizando que o aprendizado dessa passagem deveria ser projeto, já que a mesma configura seu destino. Mbembe toma o sufixo “pas” atribuindo a ele os sentidos tanto de instância negativa, como algo que não existe ou existe pela ausência, quanto de ritmo, cadência ou caminhada de uma viagem. Por fim, afirma que o “tornar-se-homem-no-mundo” (sic) não se trata de origem ou lugar de nascimento, mas de trajeto, circulação e transfiguração:

O projecto de transfiguração exige do sujeito que ele abrace conscientemente a parte fragmentada de sua própria vida; que ele se obrigue a desvios e reconciliações por vezes improváveis; que opere nos interstícios, se quer dar expressão comum a coisas que por hábito dissociamos (MBEMBE, 2018, p. 247).

A ética do passante surge como alternativa para evitar o risco de uma sociedade de inimizade, ao passo que trata cada passagem de lugar a lugar com implicação e responsabilidade, levando em conta que o deslocamento entre um lugar e outro – e, portanto, entre um encontro e outro – é o próprio destino. Da mesma maneira, afirmei previamente que tudo na vida é peregrino. Prefiro, afinal, o foco na movimentação e na transformação.

Penso todos os dias na abordagem de “masculinidades” enquanto objeto e sempre me lembro da pergunta da motorista de Uber, e da vontade de tentar respondê-la. A verdade é que

6 Mbembe toma o conceito de Fanon para definir “lugar” enquanto “experiência de encontro com o outro que dá azo à autoconsciência” (MBEMBE, 2017 p. 247).

pelas vias desse trabalho haverá muito mais pontos de interrogação em torno desse construto do que cercados e definições. Ainda permanece, e talvez permanecerá por um tempo, a pergunta formulada no processo de qualificação: “O que é, o que foi, e o que será dos homens?”.

Por outro lado, trago o hodos-metá da peregrinação aqui para abordar exclusivamente a questão do processo.

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: metá-hódos. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. (PASSOS e KASTRUPP 2009 p. 10-11)

A inversão proposta traz a ideia de método construído ao longo do processo, ou de método de construção de método no durante. O que acaba por tornar necessário, como já falei previamente, um olhar crítico sobre o processo, além de uma documentação feita no próprio caminhar da pesquisa e do pesquisador. Partindo da ideia de construção e relação com objeto de pesquisa, levando em conta que não existe isenção no olhar do pesquisador, trago o andar enquanto elaboração do método. Não penso em analisar masculinidades a partir da vulnerabilidade e da vida peregrina, muito menos idealizar condições de violação de direitos. O que é importante ressaltar é que neste período, e durante esse processo, estive em contato com situações-limite, presenciei violências de todos os tipos, vi e vivi situações que, se tivesse a escolha, talvez preferisse esquecer. Fui duplamente implicado, de um lado com um processo de pesquisa que eu mesmo construí, e que amo e no qual acredito, e de outro com um trabalho que muitas vezes me tirou o sono ou até me acordou de sobressalto aos berros na cama. Tudo isso é processo, assim como o universo está em constante expansão. Quero olhar – e falar sobre – as estrelas.

Enquanto metodologia de escrita, pensando em registro e cartografia, trago o conceito de escrita polifônica, o qual penso se alinhar mais à paisagem sonora da minha caminhada.

2.2 ESCRITA: CARTOGRAFIA E POLIFONIA

“Eu não sei... não entendo isso. Quer dizer, eu sei que isso acontece, mas não consigo entender. Tenho 80 anos de idade. Não sou mais desse mundo. Sou de outro mundo. Eu falo pra minha esposa, ela tem 80 anos também. A gente conversa sobre as coisas. Minha esposa me pergunta se não somos nós os errados mas... Eu acho é que quem nasceu depois dos anos 70 tem outra mentalidade. É diferente. A gente tá muito velho, não entende mais. Pra nós tudo era muito simples: ou é honesto ou é desonesto. Ou é verdade, ou é mentira. Hoje em dia, com essas máquina tudo [aponta para o celular sobre a mesa], a gente não sabe mais nada! As pessoas mentem e não tem mais como saber o que é mentira e o que é verdade. Eu... é isso. Eu não vou me acostumar. Nunca. Não vou ficar acostumado com isso. Não vou mesmo.”

(Arredores de Santo Antônio da Patrulha, outubro de 2018: janela narrativa entre a Porto Alegre dos anos 50 e as relações virtuais dos anos 10)

O conceito de polifonia, na música, é facilmente explicado: simultaneidade de duas ou mais linhas melódicas, ou narrativas. No caso da fuga (estilo de composição barroco que chegou no seu pico com a obra de Bach), essas linhas se perseguem formando diferentes combinações harmônicas, até terminarem juntas, na nota tônica (ou fundamental), no conhecido efeito “tcharan!”. No século XX, Stravinsky quis romper com as normas de resolução de conflito, criando tensões que não se resolvem na narrativa, num acúmulo crescente de desconforto que não encontra alívio algum. Em “Sagração da Primavera”, há uma linha melódica em dó maior, e outra em fá sustenido maior, duas escalas que não se conversam e não harmonizam entre si. O truque que ele usa se expressa como uma hipertonalidade, porque as notas executadas criam acordes melódicos, mas o excesso de informação e a progressão das notas em cada uma faz com que o ouvido humano se esforce para tentar isolar uma das sequências para ouvir, causando mais desconforto ainda.

O prêmio Nobel de literatura, concedido a Svetlana Aleksievitch em 2015, garantiu maior visibilidade a outro método de escrita polifônica, um que não possui narrativa central. Coletando relatos por décadas, seus livros são composições de inúmeras narrativas que abordam o lado pessoal e subjetivo de marcos históricos do século XX, na voz de quem os viveu. Conflitantes entre si, os relatos variam radicalmente, sem proporcionar qualquer sensação de harmonia, ou desfecho. Talvez esse modo seja mais semelhante à Stravinsky, onde o excesso e

o deslocamento de elementos tirem do espectador o conforto de ter uma nota tônica fundamental.

A horizontalidade das vozes trazidas por Svetlana desmonta a narrativa unilateral da História e a superficialidade do olhar sobre o passado: entrevistando mulheres que lutaram na Segunda Guerra Mundial, ela rompe com a noção de heroísmo cultivada na União Soviética sobre as atrocidades da guerra. No registro das vozes das “pessoas comuns”, ela dá visibilidade às vivências subjetivas enquanto a União Soviética se desmontava durante a *perestroika*, focando na infância, no amor, na perda, e em como a vida se desdobra apesar de (ao mesmo tempo que por causa de) marcos históricos e eventos que mudaram a vida de todos. Svetlana entrevista pessoas pessoalmente, e por vezes grava narrativas durante jantares, encontros ou manifestações, onde muitos falam ao mesmo tempo e discordam ou concordam entre si.

Sempre me atormentou o fato de que a verdade não se sustenta num só coração, num só espírito. Que ela é de algum modo fragmentada, múltipla, diversa e dispersa pelo mundo. Há em Dostoiévski a ideia de que a humanidade sabe muito mais sobre si mesma do que aquilo que consegue fixar na literatura. O que eu faço? Recolho sentimentos, pensamentos, palavras cotidianas. Reúno a vida do meu tempo. O que me interessa é a história da alma. A vida cotidiana da alma. (...) O que é literatura hoje? Quem pode responder? Vivemos mais rápido que antes. O conteúdo rompe a forma. Ele a quebra e a modifica. Tudo extravasa das margens: a música, a pintura e, no documento, a palavra escapa os limites do documento. Não há fronteiras entre o fato e a ficção, um transborda sobre o outro. Mesmo a testemunha não é imparcial. Ao narrar, o homem cria, luta com o tempo assim como o escultor com o mármore. Ele é um ator e criador. (ALEKSIÉVITCH, 2017, p. 372 - 373)

A pluralidade de narrativas e seu formato intensamente oral desloca a noção de protagonismo no texto, descentralizando olhares e suas formas, conferindo um entendimento subjetivo do texto, fazendo da fragmentação um elemento a mais dentro da composição textual. Enquanto exemplo disso, trago um recorte do livro *O Fim do Homem Soviético*, composto de pequenos recortes de conversas registradas por Svetlana durante manifestações de Primeiro de Maio em Moscou, no início da década de 1990:

“Enterrem Lenin, e sem honras.”

“Lacaios dos americanos! A troco de que venderam o país?”

“Meu amigo, vocês são uns idiotas...”

“Iéltsin e o bando dele roubaram tudo de nós. Bebam! Fiquem ricos! Em algum momento isso vai acabar...”

“Têm medo de dizer logo ao povo que estamos construindo o capitalismo? Todos estão dispostos a pegar em armas, até minha mãe, dona de casa”
 “Dá pra fazer muita coisa com uma baioneta, mas sentar em cima dela é desconfortável.”
 “Já eu passava com os tanques por cima desses malditos burgueses!”
 “Quem inventou o comunismo foi Marx, um judeu...”
 “Só uma pessoa pode nos salvar: o camarada Stálin. Se ele voltasse por dois dias que fosse... fuzilaria todos eles, e depois podia ir embora, voltar a ficar lá deitado.”
 “Glória a ti, meu Deus! E a todos os santos.”
 “Essas putas do Stálin! O sangue nas mãos de vocês nem esfriou ainda. Por que é que mataram a família imperial? Não tiveram dó nem das crianças.”
 “A Grande Rússia não se faz sem o grande Stálin”
 “Cagaram no cérebro do povo...”
 “Sou um homem simples. Stálin não tocou nas pessoas simples. Da nossa gente, ninguém sofreu, eram todos operários. Quem perdeu a cabeça foram os chefes, o homem simples vivia tranquilo.”
 “Esses vermelhos do KGB! Logo vão chegar ao absurdo de dizer que não tinha campo nenhum, só o dos pioneiros. Meu avô era zelador.”
 “E o meu era agrimensor”
 “O meu era maquinista...” (ALEKSIEVITCH, 2016, p. 53-54).

A escrita de Svetlana é composta de estruturas mais caóticas como essa ou de longas entrevistas ou testemunhos. A autora abre mão da sua própria palavra – exceto em prólogos e epílogos – e enfatiza o registro da narrativa de terceiros, conferindo certo efeito de mosaico na escrita. É a partir dessa lógica descentralizada e stravinskiana que proponho a escrita polifônica nesse trabalho: um conjunto de vozes e registros escritos, sem eixo central fixo, em processo de construção de um objeto, do cenário e do momento histórico em que vivem, valorizando a pluralidade de olhares, de vivências, de formas de escrever e de criar narrativas.

A ideia de escrita polifônica foi primeiramente descrita por Bakhtin (2002), caracterizada como a presença de outros textos dentro de um texto. Amorim (2001) dirá que o texto polifônico concede um grau de alteridade enquanto presença de outros discursos no interior de um discurso. A autora ressalta que a polifonia dá lugar à representação do vivido dentro de um processo de pesquisa, atribuindo ao processo de escrita uma prática de descoberta e invenção ao conciliar vivência e escrita acadêmica.

Não é simples a tarefa de escrever um texto que dê conta dos acontecimentos, visto que as exigências dos crivos científicos podem se tornar um espartilho. No texto acadêmico, o referente do acontecimento vivido é o manancial de onde brota nossas palavras, um acontecimento que nos teve simultaneamente como espectador e como ator e que, agora, nos requer uma determinada autoria. Como enfrentar o desafio de transpor para a escrita do texto

acadêmico a experiência do que foi vivido na pesquisa de campo? (SOUZA e CARVALHO, 2016)⁷.

Como, de fato? Amorim (2001) partirá do fato de que todo o texto se torna outro em contextos diferentes, portanto, não se trata de tomar o vivido ou restituir a vivência real, já que o rearranjo da textualidade desloca o próprio sentido que ela representa. Quando tratamos de escrita polifônica, penso que o “como?” se responde através da experimentação, e do fazer. O que me pergunto mais frequentemente é: “por quê?”.

Retomando a citação já presente nesse texto anteriormente, Marquez (2018) atribui a solidão na América Latina ao fato de essa ser medida e submetida a partir de moldes provenientes do velho mundo e, portanto, eurocêntricos. Porém, no final, um método que parte da polifonia não trata apenas de traçar linhas e percorrer palavras que partam de territórios fora da formalidade do ambiente universitário, mas de retratar vivências e narrativas e expressá-las da maneira que eles ocorrem no cotidiano: simultâneas, conflitantes, múltiplas.

O recorte que abre esse capítulo expressa incerteza frente a abundância de fatos e versões. Harari (2015) escolhe definir o excesso de informação que caracteriza a produção de conteúdo nas redes sociais e na mídia tradicional como uma nova forma de censura: é impossível ter acesso a toda informação, e é plenamente possível se encerrar em uma bolha de informação retroalimentada completamente desconexa da realidade.

Independente de nosso olhar sobre o passado, se era ou não era possível se inteirar de fatos e versões, pouco resta para os dias de hoje. Informação e verdade se confundem em produções cacofônicas, e só nos sobra escolher o que acessar. Por que polifonia? Porque dialoga diretamente com o contexto vivido pelos interlocutores, e por mim enquanto pesquisador. A Sagração da Primavera provoca angústia ao obrigar o ouvinte a tentar, em vão, escolher algo para ouvir que faça algum sentido dentro da cacofonia. A escolha pela polifonia vem justamente da tentativa de introduzir o conflito dentro do processo e da escrita na pesquisa, já que esse conflito, e essa angústia, circulam todo o território onde se dá o encontro. No final pode ser que a escrita seja um instrumento que tanto viabilize o acolhimento daquilo que é desconhecido, quanto de pesquisar contra si mesmo (AZEVEDO, HENZ, RODRIGUES, 2019).

Há também um atravessamento sólido dentro dessa escrita: é uma escrita de mestrado. Não se trata apenas de trazer recortes e deixar que eles façam sentido sozinhos, como Svetlana o fez por se tratar de uma obra literária. O processo de cartografar também implica constelar e

⁷ Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100008&lng=pt&nrm=iso

documentar caminhos. A presença da escrita cartográfica aqui também se propõe a compor uma polifonia, levando em conta que a presença de um diário de campo se alinha mais a uma proposta de escrita informal, despida de rigor acadêmico, mas equipada de uma maior fidelidade à crueza do olhar. Há, sim, uma proposta de descentralização de vozes, mas não se pode ignorar o fato de que as mesmas chegaram aos ouvidos de alguém momentaneamente situado no lugar de pesquisador. Recortes setorizados separadamente, como “*conversas de uber*” e “*conversas de bar*”, além de recortes que trazem vivências com a peregrinação, trazem a documentação e registro de momentos em que o outro interveio no meu olhar, mesmo que, enquanto em ato ou ação, eu não estivesse necessariamente pesquisando, ou atentando para isso.

Portanto, a composição polifônica dentro dessa escrita é uma composição de registro, de voz e de formato, evidenciando simultaneamente pluralidade e conflito, e colocando destaque no que é pequeno, ou corriqueiro, ou invisível. Ela marca e documenta as intervenções e os momentos no processo, e a necessidade de demarcar as pegadas na areia enquanto o trajeto foi trilhado. Vem do desejo de registrar, mas de confundir, e do desafio de produzir sentido na confusão, apesar da tentação de deixar tudo em aberto.

2.3 O TESTAMENTO DE SHAKESPEARE E CONSIDERAÇÕES SOBRE O REGISTRO

O registro é peregrino. Muito antes de propor uma viagem no tempo a quem o acessa, ele mesmo surfa nas décadas e nos séculos, se transformando radicalmente, mesmo que sem mudar sua forma física. A memória garante a existência, ainda que cobre o módico preço da constante mudança.

Assinado em março de 1616, o testamento de Shakespeare traz uma frase que viaja no tempo carregando consigo o pensamento, as práticas e as paixões não da época em que foi escrita, mas do momento em que ela é lida. A frase diz: “deixo à minha esposa a segunda melhor cama no mobiliário”.

Um olhar até hoje insistente sobre a polêmica frase terá desenvolvimento durante a Era Vitoriana na Inglaterra: Shakespeare era infeliz no casamento e tinha dezenas de amantes. A assertiva no testamento é, portanto, uma sinalização de desprezo à esposa, um insulto. Também pudera: com a ascensão do romantismo no fim do século XIX, não prevalece apenas a polêmica especulação sobre as vidas privadas e seu possível desajustamento, mas também uma ideia de que o verdadeiro amor é aquele impossível de se concretizar. Bryson (2012) dirá que não é por acaso que a psicanálise surgirá nessa mesma época. Ainda hoje se produzem dramatizações

teatrais que colocam Anne Hathaway, sua esposa na época, como uma mulher deixada de lado, abandonada por um homem que, caracterizado por uma veia artística forte, se desprende de instituições tradicionais como o casamento, e vai à capital para viver uma vida criativa guiada por práticas libertinas e prazeres do corpo.

No entanto, a partir da metade do século XX, com o desenvolvimento da contracultura e a virada do pensamento em direção às subjetividades e liberdades individuais, historiadores culturais tenderão a olhar essa frase de outra forma. Camas eram muito caras na virada do século XVII, e, num conceito de sala de estar ainda incipiente e engatinhante, era comum que as melhores camas fossem deixadas pelas famílias abastadas nesse cômodo em questão. Era, afinal, uma forma de ostentação, já que seus convidados poderiam admirar um item caro e refinado em um espaço de sociabilidade. Dessa maneira, a segunda melhor cama do casal seria aquela onde residiria toda a memória afetiva do casal, seus momentos mais íntimos. Assim, o poeta e dramaturgo, em verdade, teria deixado à amada esposa um objeto de apreço íntimo do casal, como uma forma de ser lembrado pelos bons momentos. Tanto essa interpretação quanto a anterior coexistem, e trazem consigo as evidências que garantem parcialmente suas respectivas legitimidades. No entanto, a única garantia permanente, quando se olha para o passado (e, nesse caso, um passado até distante), é a da especulação.

O testamento de Shakespeare, assim, traz consigo muito mais do que uma marca do passado. Ele carrega também a construção que se produz sobre ele, no presente em que ele é acessado. No que concerne o registro, pode-se dizer que faz parte de – e produz – redes de possibilidades e plausibilidades na elucidação de problemas que ele mesmo, por existir, gera.

Portanto, não se trata mais de encerrar um registro em uma interpretação, já que, dentro de cem anos, ou talvez menos, a construção em cima de um emaranhado de palavras escrito à mão em 1616 pode ser completamente diversa das construções que conhecemos hoje, e quiçá ainda inimaginável para nós, vivendo no arquipélago do agora. Da mesma forma, me indago sobre o que produz a partir do registro que eu produzi. Esse é um trabalho feito de vozes, e de reorganização de narrativas registradas por mim, onde meus ouvidos puderam chegar. Não se trata apenas do que é dito, ou o que pode ou não ser dito. Se trata também de algo que é dito nessa época, visto por alguém que a vive.

3 MASCULINIDADES

3.1 UMA POSSIBILIDADE DE RUPTURA

“Tu acha que eu vou trabalhar batendo em bandido, e de pé, e mosquito, calor, e colete a prova de balas naquilo ali, num calorão do inferno, calor infernal, de coturno! Tá louco! É que é uma profissão que tu ganha um pouquinho melhor. Mas é aquilo: trabalha armado. Isso todo dia. Se tomar um tiro, se der um tiro... tudo isso. É outra coisa, tu dá um tapa num cara lá, tá todo mundo armado... e pressão. Se tu não tem jogo de cintura, os guri são... eu tô com três colegas no hospital: enfarte. Três colegas no hospital por enfarte. Entendeu? É muita pressão. Então como é que tu vai trabalhar num lugar que tu tem que dar pancada e não pode dar pancada? A pressão do cara é muito grande!

...isso aqui vai ser pesado: vocês vão ver muita morte ano que vem. Vai ter. O bicho vai pegar, vai pegar mesmo. E o povo pediu, velho! Tem que fazer uma... tu não faz um omelete sem quebrar os ovos. Vai morrer gente? Vai, mas nós vamos ter que fazer virar um pouco. Depois começar de novo. E vai, o bicho vai pegar, vai ser feio. A pancada vai ser muito feia. Vou dizer pra vocês”

(Teresópolis, novembro de 2018 – entre a precarização no trabalho e a escolha pelo 17 nas urnas)

Na época em que estava concluindo minha escrita de qualificação, lembro de reparar que proliferavam nas prateleiras de supermercados produtos de higiene destinados ao público masculino: xampus de cerveja, ou gel para barba feito de whisky, com rótulos que traziam caveiras e facões e copos de chope. Por vezes, pra tentar entender como o marketing chega ao cúmulo do ridículo, fico tentando imaginar como são reuniões de *briefing* e acabo inevitavelmente me divertindo sozinho. Na época, bolei um *slogan* que trouxe para a qualificação enquanto sátira: “Cuidado de si com brutalidade, que é pra não perder a virilidade”.

Tristemente, enquanto o Brasil ultrapassa os 100.000 mortos pela Covid-19, parece que o tema do cuidado de si – e do outro – está em todos os lugares. Também parece que o cuidado acaba sendo a única esfera temática onde qualquer masculinidade pode ser abordada, independente de raça, então surge como ponto de partida mais lógico.

Um contexto inédito como o da pandemia de Coronavírus acabou por fornecer alguns atalhos para quem trabalha com população em situação de rua através de um viés pedagógico. Digo isso porque, antes, era necessário fazer uma acrobacia discursiva para convencer

peregrinos e peregrinas de que cuidar de si é cuidar do outro, e vice-versa. Hoje, tudo é mais claro. É como disse um peregrino para mim quando o pedi para fazer uma rima que abordasse medidas de prevenção ao Covid, na tentativa de oferecer descontração à seriedade do cotidiano de quem não tem casa para quarentenar: “Use sua máscara e lave suas mãos, isso te protege e protege teus irmãos”. De certa forma, a pandemia de 2020 tornou concreta uma noção que até então era apenas metafórica. Quem cuida de si, cuida dos outros. Quem cuida dos outros, cuida de si.

Obviamente isso não quer dizer que o cuidado tenha virado prática corriqueira. No mesmo mercado onde eu havia composto, há um ano atrás, o slogan satírico, presenciei um homem branco desrespeitando trabalhadores e funcionários ao se recusar a usar máscara. Enquanto homem com 30 anos de vivência no Brasil, fico triste em dizer que já esperava uma dose de indiferença frente a um número exorbitante de mortos em meio a uma pandemia, mas fui pego desprevenido ao constatar a resposta colérica de alguns em relação a medidas de cuidado e prevenção. É como o homem que, ao ver a manifestação da ONG Rio da Paz na praia de Copacabana, poderia ficar indiferente, mas escolhe intervir e derrubar as cruzeiras erguidas em memória aos mortos⁸.

De onde vêm tantos ódios? Por que observamos a subida do tom de voz e do nível de cólera frente a qualquer ato de sensibilidade ou racionalidade? Por qual razão a valorização da vida foi tomada de rejeição? E o que isso pode, ou não, ter a ver com os homens?

Mbembe (2017, p. 52), ao falar sobre saída da democracia, coloca o racismo como motor do princípio necropolítico, “enquanto este é o epíteto da destruição organizada, o nome de uma economia sacrificial, cujo funcionamento requer que, por um lado, se reduza o valor da vida, e, por outro, se crie o hábito da perda”. Lembro que li este trecho em meados de 2018, e nessas semanas de 100.000 mortos ele caiu no meu colo novamente por acidente deixando um gosto amargo.

A pergunta que mais me pergunto ultimamente é: por que aceitamos acordos que nos deixam tão pouco? Por que, enquanto homens brancos, a maioria de nós se contenta, e aceita os privilégios envolvidos em deixar os demais em condição de desvantagem? Em tempos de pandemia e reações coléricas a ideia de sensibilidade em relação à morte e de cuidado de si e do outro, não consigo deixar de pensar que a noção de cuidado se situa em algum lugar das possíveis respostas.

⁸ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/06/homem-derruba-cruzeiras-e-ataca-homenagem-a-vitimas-da-covid-19-no-rio-ckbb3pbes008s01j6ttx0sjs.html> acesso em 13/08/2020

Michel de Oliveira (2018), em “O Sagrado Coração do Homem”, dirá irônica, e de certa forma poeticamente, que a busca por sentido e serventia coloca os homens como funcionários da morte.

Homens são conscientes da pouca serventia. Descobrem quando mamam: seios fartos lhes dão vida e prazer. A figura da mãe é esmagadora para o homem, nunca conseguirá ter a força e a importância da mulher. Um só homem será pai da humanidade, o que atesta a inutilidade dos demais. Em busca de valor que não têm, e assumindo a fraqueza, apelam desde pequenos para a força e a violência.

Homens se apressam em produzir por serem inaptos para reproduzir. Crescem, vestem ternos e impostam a voz: trabalhamos para sustentar a família. Inventaram fábricas, guerras e escritórios em busca de importância. Dissimulam a barateza com produtos caros. Procuram nas coisas valor que não encontram em si. (OLIVEIRA, 2018, p. 146)

O documentário “O Silêncio dos Homens”⁹ centraliza a causa da homo e da hétero agressividade masculina no fato de que homens não são ensinados ou incentivados a falar sobre seus sentimentos, serem seres emocionais ou compartilharem suas fraquezas. Aponta-se para rodas de conversa e grupos de acolhimento para homens agressores enquanto uma metodologia eficiente de combate ao feminicídio e à violência doméstica ao propor o acolhimento e a troca, abordando temas como autoestima e insegurança. Outros grupos, não necessariamente focados em questões de violência, abordam temas como paternidade, ou apenas o debate sobre “ser homem” ou “dever ser homem”, trabalham a partir da universalidade, sendo direcionados e acolhendo homens independentemente de sexualidade ou raça, outros grupos abordam a raça como fator central e oferecem um espaço de, e para, homens negros, por exemplo.

Penso que a existência desses espaços tem um caráter, sem sombra de dúvida, revolucionário e essencial na abordagem da temática de masculinidades, especialmente em se tratando de um tema atual e emergente. Em outras palavras, é ótimo que haja. Não obstante, eles apontam fatos e questões ainda um tanto incômodas: estamos, enquanto sociedade, prontos para acolher os homens em sua fraqueza e vulnerabilidade? Se a dominação masculina faz milhares de vítimas todos os dias, é correto esperar das vítimas, independente de gênero, a compreensão e o acolhimento dessas fraquezas? E mais: se os homens, e a sociedade, precisam desse espaço em primeiro lugar – e isso é uma certeza, pois precisam mesmo – não quer dizer que nós homens estamos odiando a nós mesmos, sabotando a nós mesmos e aos outros, transitando entre o auto-ódio e a hétero agressão?

⁹ Link para o documentário na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=4s>

A expressão “auto-ódio” é mais usada em estudos de relações raciais, partindo do entendimento que uma sociedade racista, cujos padrões de beleza são exclusivamente brancos, faz com que homens e mulheres de pele escura não se reconheçam, e, portanto, também não reconheçam seus semelhantes, enquanto belos. Eu gostaria de tomar esse conceito emprestado para arriscar a afirmação de que na base fundamental dos fenômenos de preconceito, banalização da morte e reafirmação de privilégios por parte dos setores mais privilegiados da sociedade está o desprezo por si mesmo.

E por que não? Quando afirmamos que cuidar de si é cuidar do outro, o que nos impede de dizer que no ódio às diferenças mora o desprezo por si mesmo? Se a prática de cuidar de si e dos demais não é socialmente atribuída ao homem, de que forma ele desenvolveria a estima por si mesmo em primeiro lugar? É possível ensinar afeto e solidariedade sem investir no auto amor e no autocuidado?

Trago esses temas introdutórios sem de forma alguma tentar justificar comportamentos violentos e estratégias de dominação. Quando me perguntei sobre nossa motivação por acordos sociais que nos deixam apenas migalhas, contentes por uma sociedade baseada em relações de dominação e coação, também fiz a escolha por um olhar sobre o ideário que temos de nós mesmos, de talvez enquanto homens não sermos merecedores.

Bell Hooks, quando fala de masculinidade feminista, faz uma provocação que cruza meus pensamentos quase todos os dias desde que li o livro “Feminismo é para todo mundo”:

O que é e foi necessário é uma visão de masculinidade em que a autoestima e o auto amor da pessoa, que é única, formam a base da identidade. Culturas de dominação atacam a autoestima, substituindo-a por uma noção de que obtemos nosso senso de ser a partir do domínio do outro. Para mudar isso, homens devem criticar e desafiar a dominação masculina sobre o planeta, sobre homens menos poderosos e sobre mulheres e crianças. Mas devem também ter uma visão clara do que é a masculinidade feminista. Como você pode se tornar o que você não consegue imaginar? (HOOKS, 2019. p.106-107).

De fato: como, enquanto homens, nos tornamos algo ou almejamos ser alguma coisa que não sabemos o que é, nem por onde começar? Mais que isso: se dizemos que faltam modelos representativos de uma masculinidade que seja alternativa, é possível pensar que é isso que faz com que homens jovens e idosos busquem representação em homens medíocres, de discursos de ódio, focados na insensibilidade, na dominação e no acúmulo de bens materiais, como Jair Bolsonaro?

Por isso, talvez pelo embalo de um ano e meio de trabalho com a peregrinação, e em meio a uma pandemia que segue matando milhões mundo afora, arrisco dizer que o primeiro passo no longo caminho de rompimento às normas impostas é o cuidado de si. Que homens possam sentir, e serem abertos quanto ao que sentem, e saibam acolher o outro quando este precisar. Que interpelem seus semelhantes e apontem suas falhas, que saibam pedir e aceitar desculpas. Que não tenham restrições à fragilidade ou ao uso de camisinha. Que tenham apreço pelo lar onde moram, sendo autônomos e ativos no cuidado para manter esse lar limpo e confortável. E criem suas próprias estratégias de autocuidado, respeitando a si mesmos e aos demais. Que o cuidado, ao final, seja libertador, e subverta demandas normativas de virilidade ou de dominação.

3.2 FRONTEIRAS

“I struggle with naming without fragmenting, without excluding¹⁰”, diz Gloria Anzaldúa em “To(o) queer the writer – loca, escritora y chicana” (2009, p. 166). A escritora se coloca em lugar de múltiplas fronteiras, mesclando inglês e espanhol entre denominações como mulher, *chicana*, queer ou lésbica, e de que maneira ela é lida enquanto narra. Ela se indaga acerca de limitações e definições enquanto ocupa um lugar de escrita e de escritora, e as implicações de ser identificada enquanto escritora *chicana*, ou escritora *queer*. Sobre a poli existência das fronteiras e o caráter limitante das classificações quando se fala em “identidade”:

Identidade não é uma série de gavetas preenchidas respectivamente com intelecto, raça, sexo, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre e sobre aspectos de uma pessoa. Identidade é um rio – um processo. Contida no rio está sua identidade, e ela precisa fluir e mudar pra se manter um rio – se parasse, seria um corpo de água contido como um lago ou açude. As mudanças em um rio são externas (mudanças no ambiente – leito do rio, clima, vida animal) e internas (dentro das águas). O conteúdo do rio flui dentro de suas fronteiras. Mudanças em identidade também são externas (como outros percebem um e como um percebe os outros e o mundo) e internas (como um se percebe, autoimagem). Pessoas em regiões diferentes nomeiam as partes do rio/pessoa que eles veem (ANZALDUA, 2009, p. 166, tradução minha).

A autora defende que compartimentar separadamente classificações identitárias seria o equivalente a colocá-las em oposição ou isolamento, enquanto na verdade se encontram em diálogo e transmutação constante e incessante. A autora coloca a identidade enquanto um rio, que corre, flui e subverte-se a partir de sua própria movimentação e do ponto em que é visto.

¹⁰ Traduzindo para o português: “Eu luto para denominar sem fragmentar, sem excluir”

Da mesma maneira que Anzaldua coloca seu lugar fronteiro enquanto atuante na maneira que ela lê e é lida, ela nos convida a fazer os mesmos questionamentos na nossa própria prática de escrita.

Não obstante, ao meu olhar, parece que há um grande marcador que carece de fronteiras e seus efeitos convidativos ao questionamento. Carregado por séculos de etnocentrismo, o homem branco cisgênero heterossexual frequentemente dispensa marcadores descritivos por ocupar um lugar de centralidade na ciência, na política, na escrita, na história e suas narrativas, nas relações e em qualquer espaço que, confortavelmente, habita sem necessariamente ter sido convidado em primeiro lugar.

Como facilmente podemos reparar, ninguém já foi definido enquanto “escritor branco”, ou “escritor heterossexual”. Definições identitárias marcam apenas o que desvia da norma (ou do centro geográfico imaginário das identidades, como o próprio nome indica, etnocentrismo), o que nos leva a concluir, quando temos um sujeito indefinido, que este sujeito é homem, é branco, é cisgênero e é heterossexual.

Ocupando este posto de normatividade, me indago sobre minhas fronteiras nesse lugar: que contradição é essa, na qual é o sujeito indefinido que carrega uma “grande” definição, um pacote unitário, a partir do qual demais marcadores divergem? E o que significa falar de masculinidades – no plural – se apenas o marcador de gênero não confere lugar comum e ainda arrisca uma perigosa homogeneização dentro de um campo cuja diversidade pode ser a maior potência?

Ao primeiro olhar, certamente pode parecer que o pesado bloco monolítico do combo (hétero)(etno)normativo, e toda sua imobilidade e campo gravitacional, estão em estado inercial enquanto demais identidades fluem e transmutam-se em sua volta. Enquanto parte do problemático bloco, prefiro Anzaldua: nós, homens brancos cisgêneros e heterossexuais, embora pilares de adoecedora noção de normalidade, também somos rio. Um dia, o homem vai acabar.

3.3 MASCULINIDADES: HEGEMONIA E SUBALTERNIDADE

Mesmo o homem branco e hétero pode estar fragilizado, e tu negar isso, é tu negar a condição da pessoa de também participar desse processo. É voltar pra uma política identitária de que só alguns sabem o que é isso. A testemunha, né. Tipo

*assim, não! A gente tem que fragilizar isso um pouco, assim. E ver nossas coalizões. A gente junto tem muito mais força do que só eu com as gays, ou sei lá, coisas assim que a gente possa pensar como “em comum”.
Centro de Porto Alegre, novembro de 2018. O direito ao desajuste.*

“Então... tu parece um cara *deboas*, talvez possa me responder uma pergunta”, me diz hesitante a motorista do Uber. São uma e meia da manhã e chove forte enquanto cruzamos a Osvaldo Aranha em um Logan. Conversávamos sobre ofícios, e eu falei que pesquisava, para o mestrado, masculinidades. Ela faz a pergunta, com um riso que flutua num ar de deboche, ainda que com aromas de curiosidade. “Qual é o problema dos homens?”.

Pergunta ambivalente para um problema de pesquisa. Por um lado, eu jamais poderia iniciar uma pesquisa a partir dessa questão específica. Em primeiro lugar, ela pressupõe que há um problema só, e que, uma vez constatado, pode ser resolvido. Em segundo, soa um pouco arrogante, já que também se supõe que, a partir de alguns recortes e teorizações, eu poderia oferecer uma resposta satisfatória que pudesse encerrar meu processo de pesquisa e pensamento com uma grande conclusão, quase como se pudesse dizer: “Eis aqui *O Problema dos Homens*”.

Por outro lado, a mesma pergunta soa devidamente sedutora e honesta ao meu processo de trabalho: circulação e encontro ao acaso com pessoas desconhecidas, coletando o que é falado “por aí”, fora do ambiente universitário e jogado às correntes e vendavais do mundo. Essa pergunta volta e meia acontece, e meus interlocutores aleatórios também refletem sobre o tema. Essa é uma pergunta que me encontrou, e não o oposto. Mas também não é a única, e não é central a esse trabalho. Ela apenas faz parte de uma linha sem início nem fim que insiste, pelo menos nesse estudo, em reformular possíveis maneiras de se pensar os homens e as masculinidades (no plural, sempre, porque jamais haverá apenas uma).

Talvez o plural seja a melhor forma de abordar o tema de maneira introdutória, pelo menos para já nos prevenirmos do risco da universalização. Segundo Restier (2019), é comum que o homem branco cisgênero heterossexual de classe média (como este mesmo que vos fala) seja visto como referência universal de ser humano, como se fosse a personificação da ausência de marcadores. Também pudera: a História frequentemente ensinada é a história do homem branco europeu. O protagonismo da ciência branca, europeia e lombrosiana exportada às colônias sob a alcunha de “progresso” (PESAVENTO, 2008) é comumente masculino. Não é à

toa que este setor raramente se veja propriamente como apenas mais um setor, e insista em se naturalizar como nada mais, nada menos do que a normalidade. Tal naturalização fez com que os estudos em masculinidade, pelo menos até meados do século XX, girasse em torno do conceito de virilidade, que dissesse respeito à virtude, firmeza moral, segurança, força física, dominação (VIGARELLO, 2013).

Não é difícil observar essas influências nos mitos que nos contamos, vide o Rio Grande do Sul, que nos serve de um bom exemplo desse discurso. A imagem do gaúcho propagada pela cultura rio-grandense é clara (e, sendo irônico, clara também): um homem branco, dono de terras, sagaz, viril, vestindo uma bombacha e tomando chimarrão: um exemplo de moral elevada e um modelo a se seguir. Sabe-se, apesar de isso não ser tão comentado, que o *gaúcho* tem outra origem, apesar de vir, também, dos pampas. Os *gaúchos* eram os filhos do estupro de mulheres indígenas pelo homem branco. Rejeitados pelos colonizadores, assim como pelos índios, eles eram caracterizados pela solidão, e por não ter nada. Seus trajes eram trapos, ele não tinha terras, e seu idioma gerou nosso glossário regional: uma mistura entre o português, o espanhol e o guarani.

A partir da segunda metade do século XX, com a emergência de movimentos pelos direitos das mulheres e estudos sobre o feminismo, o delineamento do conceito de masculinidade será guiado pelo antagonismo às ideias feministas. Connell (2005) chamará de masculinidade hegemônica o conjunto de comportamentos e padrões impostos pela sociedade que visa garantir a dominação masculina sobre as mulheres. O olhar sobre o homem, dessa vez colocando-o como um agente opressor, embora seja preciso e acurado, situando sua crítica sobre a normalidade, corre o risco de ignorar outras formas de subjetividade.

Se tomássemos por ponto de partida o cuidado, ou mesmo a pergunta da motorista de Uber, de algum jeito ou de outro estaríamos falando de saúde mental. Segundo dados do Ministério da Saúde¹¹, se constatou que entre 2011 e 2016, o suicídio entre jovens (de 15 a 29 anos) foi quatro vezes maior para homens do que para mulheres. Também se constatou, triste e ironicamente, nesse mesmo estudo, que entre pessoas casadas, o suicídio de mulheres era maior: o casamento então aparece no estudo como fator de proteção para os homens, e de risco para mulheres (o que talvez nos faça refletir sobre toxicidade). Entre homens, o suicídio figura em terceiro lugar em causas de morte, perdendo para acidentes de trânsito, em segundo, e agressões em primeiro (estas causadas por outros homens). Entre mulheres, o suicídio figura em oitavo

11 Boletim Epidemiológico do Suicídio: <https://cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201809/05162957-boletim-de-vigilancia-epidemiologica-de-suicidio-n1-2018.pdf> acesso em: 14/07/2019

lugar. Em terceiro, estão agressões, também causadas por homens. Nos EUA, 98% dos tiroteios em massa foram causados por homens.¹²

Quando se fala em masculinidade tóxica, normalmente se entende a busca por valores que dizem respeito à agressividade e à violência, configurando um quadro de repressão às emoções e a sensibilidade. Isso também se relaciona com a busca por uma masculinidade extraordinária, caracterizada pela historiadora Joan Scott¹³, que defende que é a falta de representatividade leva o público masculino a eleger líderes brutos, ignorantes e insensíveis que se colocam como todo poderosos, a exemplo das eleições de Donald Trump e Jair Bolsonaro. O psicanalista Pedro Ambra (2019) escolhe chamar isso de Mito da Virilidade Perdida: uma busca por um ideal masculino baseado numa virilidade verdadeira, não castrada e sem lei, que se encontraria num passado não tão distante e representaria a volta da ordem pela aniquilação da diferença.

É impossível falar em aniquilação da diferença sem tomar a descrição de necropolítica de Mbembe (2017): o governo pelo terror no território colonial, a banalização da violência e a multiplicação da morte. Esse contexto no Brasil não pode ser ignorado, já que o genocídio étnico também forma subjetividades e formas de expressão. Retomando o tópico do suicídio, homens negros têm 64% mais chances de se suicidar do que os homens brancos. César (2019) coloca que todos os homens estão condicionados a padrões de comportamento que dizem respeito à masculinidade hegemônica, mas tudo o que foge aos padrões de branquitude, heterossexualidade ou classe acabam por poder se designar como “masculinidades subalternas” ou “subalternizadas”. Fanon (2008) dirá que o homem negro não é um homem, atentando para o fato de que, apesar de fazer parte do gênero mais privilegiado, ele será privado da própria humanidade. Os estudos brasileiros em masculinidades negras colocarão o colonialismo na centralidade para pensar subjetividades masculinas negras.

Restier (2019) coloca o homem negro como um tabu a priori, já que todas suas relações serão afrontas diretas ao contexto colonial: desafia a lógica heteronormativa se acaso se coloca como homossexual, desafia a virilidade do homem branco se acaso se relaciona com mulheres brancas, e desafia o projeto de embranquecimento no Brasil quando se relaciona com mulheres negras.

Se por um lado, uma série de representações negativas se vincula ao homem negro desde o período escravocrata como: libidinoso, violento, indolente,

¹² <https://veja.abril.com.br/mundo/homens-sao-os-grandes-responsaveis-por-tiroteios-em-massa-nos-eua/> acesso em 29/07/2018

¹³ Entrevista pela BBC Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504880> acesso em 12/07/2019

hipererótico, emotivo, grotesco, degenerado, etc. por outro existe o rechaço a esses rótulos, tensionando e se contrapondo a esses clichês raciais de diversas formas, muitas delas inusitadas. Assim, características tais como confiança, bom humor, charme, maturidade, inteligência, independência, assertividade, dentre outros atributos compõem e ampliam a percepção de humanidade desses homens. (RESTIER, 2019, p. 10)

O fator raça configura um atravessamento tão determinante no Brasil que mesmo no debate sobre transmasculinidades ela ocupa um lugar chave. Santana (2019) argumenta, de um lugar de homem trans negro, que se deu conta de que alcançou certa passabilidade cis¹⁴ pela primeira vez através da forma com que era visto na rua: de um lugar de vítima e/ou objeto de desejo, enquanto era visto socialmente como mulher, a um lugar de ameaça, quando passou a ser percebido como homem negro.

O que quero dizer aqui é que é impossível fazer qualquer construção de objeto numa pesquisa que se situa em território brasileiro sem considerar a realidade colonialista que o cerca, e as complexidades que resultam como produto dessa herança. Ela é o único princípio geral na construção desse objeto: definiu as possibilidades das relações e das expressões no passado, da mesma maneira que, junto com esse passado, segue definindo as relações e expressões de hoje. Entre hegemonias e subalternidades, fica claro que a distinção delineada aborda condições de exercer poder ou dominação, e evidencia os privilégios e desvantagens que determinado contexto histórico viabiliza nas múltiplas possibilidades de constituição dos homens.

Jane Ward (2015) analisa o fenômeno de homens brancos que fazem sexo com homens, apesar de se identificarem enquanto heterossexuais, e avalia o que essa prática nos diz sobre normatividade e hegemonia. Ao abordar recortes de anúncios no *Craigslist*¹⁵ de homens heterossexuais que procuram outros homens por sexo ou masturbação, Ward (2015) observa que o que define o que é sexo gay, ou não, é o convite a práticas como tomar cerveja, ver pornografia heterossexual e falar de esportes ou mulheres (e, se isso ocorrer, qual seria problema se sexo estiver incluído?), conferindo a autoridade para homens héteros afirmarem que não há nada gay acontecendo se isso se faz entre amigos, especialmente se isso inclui práticas que dizem respeito a performatividade de uma masculinidade normativa. No Brasil, a mesma prática foi comicamente batizada de “broderagem”.

Mais do que definir identidades entre homo e heterossexualidade, a broderagem deixa a entender uma predisposição à aliança entre pares ocupantes da normatividade, e a consequente

¹⁴ Passabilidade cis: possibilidade de uma pessoa trans de não ter o gênero questionado pela sociedade, e portanto ter menos chance de sofrer agressões transfóbicas.

¹⁵ Site de anúncios dos EUA.

busca por espaços que sejam isentos do conflito que a diferença causa, e favoreçam a perpetuação de formas de dominação. Ao fim e ao cabo, o status quo é mantido: qualquer comportamento que desvie da heteronormatividade, como ser “viado”, é evitada, assim como se busca legitimidade e companheirismo não necessariamente para o ato sexual, mas para falar de mulheres de forma objetificante, e outras práticas caricaturalmente estereotípicas do mundo masculino hegemônico.



Figura 2 Perfil no Tinder mencionando broderagem. Imagem disponível no Google

Enquanto participe do recorte hegemônico, uma das coisas que mais me chama atenção é justamente as múltiplas possibilidades de experienciar a solidão. Se mesmo entre sujeitos mais favorecidos e menos desafiados por determinados contextos históricos a demanda por aliança e aceitação permanece com evidente intensidade, é possível dizer que a solidão não tem atravessamentos identitários, sem justificar ou banalizar a violência?

Outro fenômeno cuja subjetividade cruza os hemisférios – e, de certa forma, também diz respeito à solidão – é o dos *Involuntary Celibates*¹⁶, ou Celibatários Involuntários (Incels). Unidos através de fóruns da internet, homens heterossexuais de classe média culpam as mulheres e o feminismo pelo fracasso em encontrar parceiras sexuais, e em dar condições dignas para suas vidas. Os fóruns, que promovem o encontro virtual entre pares, ao invés de oferecer acolhimento, são marcados por retóricas pseudocientíficas que se baseiam em genética, colocando a rejeição em lugar de inexorabilidade e inflando discursos que desumanizam as mulheres. O efeito e consequência da retórica retroalimentativa para os frequentadores de fóruns Incels acaba sendo a promoção da depressão e o suicídio, além da formação de atiradores em massa.

¹⁶ Vídeo didático, analítico e propositivo acerca dos *Involuntary Celibates*, da autoria do perfil Contrapoints, disponível com legendas em português: <https://youtu.be/fD2briZ6fB0>.

O que nos traz, novamente, à questão do cuidado: é possível afirmar que a naturalização e a reinvenção de formas de perpetuação da violência acabam por colocar os homens na condição dúbia de carrascos e vítimas de si mesmos? E se o único teto possível para o homem é o de vidro, e ele rejeita essa fragilidade e a responsabilidade e os cuidados que ele demanda para não se estilhaçar? E se não há teto, e só restou o espaço público?

3.4 RETOMANDO A ESCROTICE ENTRE O PÚBLICO E A PRIVACIDADE

Quando eu trouxe o trecho cartográfico referente a teoria da Escrotice, o fiz por abrir uma possibilidade de delineamento de algo em comum, a partir de certa dualidade entre o masculino/público e o feminino/privado – por maior que seja meu tom anedótico de antagonismo ao surgimento da histeria no século XIX. Paul Preciado (2019) analisará a disposição dos banheiros públicos feminino e masculino a partir de suas próprias arquiteturas e planejamento de espaços enquanto parte produtora de tal dualidade e reafirmação do espaço público como um lugar masculino. Enquanto o banheiro feminino, organizado a partir de cabines, produzirá a feminilidade a partir da privacidade e da privação do corpo e necessidades fisiológicas do olhar público, o espaço dos mictórios no banheiro masculino confere o reconhecimento da masculinidade ao tornar pública a satisfação das necessidades fisiológicas dos homens.

Mijar de pé publicamente é uma das performances constitutivas da masculinidade heterossexual moderna. Desse modo, o discreto mictório, antes de ser um instrumento de higiene, é uma tecnologia de gênero que participa da produção da masculinidade no espaço público. Por isso, os mictórios não estão fechados em cabines opacas, mas em espaços abertos ao olhar público, uma vez que mijar-de-pé-entre-homens é uma atividade cultural que gera vínculos de sociabilidade compartilhados por todos aqueles que, ao fazê-lo publicamente, são reconhecidos como homens. Duas lógicas opostas dominam os banheiros de damas e cavalheiros. Enquanto o banheiro de mulheres é a reprodução de um espaço doméstico no meio do espaço público, o banheiro dos homens é uma dobra do espaço público no qual se intensificam as leis de visibilidade e posição ereta que tradicionalmente definiam o espaço público como espaço de masculinidade¹⁷. (PRECIADO, 2019)

O autor ainda afirma que o espaço da cabine no banheiro masculino delega privacidade ao ânus, já que integra parte passível de penetração, servindo de certa forma à prevenção da homossexualidade e atestando que ao pênis é permitido o espaço público, enquanto o ânus, possível comprometedor da virilidade masculina, fica direcionado um lugar isento do olhar.

¹⁷ Link para o texto: <https://performatus.com.br/traducoes/lixo-e-genero/#:~:text=Na%20porta%20de%20cada%20banheiro,da%20urina%20e%20da%20merda>

Enquanto comportamentos socialmente atribuídos à feminilidade são vistos como demonstração de fraqueza e vulnerabilidade, e orientados a permanecerem mantidos em lugar de segredo e privação, parece que o que atribuímos, e, de certa forma, demandamos – “seja mais homem” – do lugar identitário masculino e seu ideário é que exponha sua virilidade e força onde quer que encontre o olhar do outro.

Foi tanto a partir desse viés público da masculinidade quanto a partir da ideia de diversificação das práticas que a circulam que busquei a deambulação pelo ambiente urbano da rua buscando aleatoriedade no registro de vozes que trazem expressões possíveis da mesma na relação com a cidade, com passado e futuro, com gênero e sexualidade e com política, família e trabalho.

4 VOZES

4.1 O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI, E QUAL É O OBJETIVO POR TRÁS DE TUDO ISSO?

Há uma certa polêmica – insolúvel pelo menos até agora – em torno do título desse trabalho, que envolve a escolha entre “laboratório” ou “atelier”. A atividade que, no processo de pesquisar, eu chamei temporariamente de “turno interno”, abordou a operação de recorte e montagem de todos os meus registros de diários e encontros, ocorreu a título de pura experimentação, e estranhamente transita entre o domínio da arte e da ciência.

Em “Proust foi um neurocientista”, Jonah Lehrer (2010) estuda como a arte no século XIX e início do século XX antecedeu a produção de conhecimento na neurociência: Proust antecede hipóteses de estruturação e funcionamento da memória em “Em busca do tempo perdido”, Gertrude Stein influenciou teorias da linguagem em sua escrita e Igor Stravinsky, já previamente abordado nesse trabalho, explorou a plasticidade do cérebro e a possibilidade deste se acostumar com a hiperestimulação ao propor, justamente na Sagração da Primavera, que a cacofonia acaba fazendo sentido uma vez que a escuta sempre muda, e se adapta continuamente ao novo e ao inesperado.

Ao tentar estabelecer relações entre a arte e a ciência, Lehrer (2010) argumenta que o reducionismo do método científico deveria ser associado a uma investigação artística da experiência. Tanto a ciência quanto a arte são incompletas na percepção e descrição do mundo que nos cerca, feito que somos constituídos tanto por sonhos quanto pela matéria. “A ciência necessita da arte para emoldurar o mistério, mas a arte necessita da ciência para que nem tudo seja um mistério. Nenhuma das verdades sozinha é a solução, pois a realidade existe no plural” (LEHRER, 2010, p. 16).

O trabalho de turno interno a ser apresentado tem um teor laboratorial, que busca experiências de mistura ou composição de elementos para a produção de outro material. Divide ou combina trechos de uma ou outra coisa, remonta pequenas ou grandes partes para formar um todo que é inevitavelmente incompleto. É quebradiço, ainda que sem perder maleabilidade.

No entanto, também é atelier. O elemento usado é a palavra, que forma narrativas, e produz imagens que geram identificação, sensibilidade, repulsa ou outras sensações. É tempo e espaço que produzem a partir do conflito entre o que aconteceu na rua dentro e o aconchego da casa ao sintetizar séries de representações, na intenção de compor um todo, novamente

incompleto, cujas lacunas só podem ser preenchidas através de tentativas fracassadas, mas cujo fracasso gera movimento.

A técnica de recorte e colagem de textos foi desenvolvida e batizada de “Cut Up” por William Burroughs e Brion Gyson. O método envolve a montagem de um novo texto a partir de um texto prévio, na busca de novos sentidos e imagens gerados pela espontaneidade e acaso nas novas combinações.

Cut-ups são para todo mundo. Qualquer um pode fazer cut-ups. É experimental no sentido de ser algo pra fazer. Aqui, escreva agora [*Right here, write now*, trocadilho da língua inglesa com “escrever aqui e agora”]. Não é algo para se falar sobre ou argumentar. (...) Recorte as palavras e veja como elas se dispõem. Shakespeare e Rimbaud vivem em suas palavras. Recorte seus versos e ouça a voz deles. Cut-ups frequentemente vêm como mensagens codificadas com um significado especial para quem as recorta. (...) O método cut-up pode ser usado para avantajear o processamento de dados científicos. Quantas descobertas já ocorreram por acidente? Não é possível produzir acidentes num estado de ordem. (BURROUGHS, GYSIN, 1978, p. 32-33, tradução minha)

Enquanto Burroughs propõe o recorte e montagem de páginas inteiras, adaptei o método para a execução desse trabalho visando preservar o sentido dos excertos, alterando apenas a sequência entre eles, e transformando-os em pequenos e breves trechos, ordenando-os misturados uns com os outros e vivenciando uma imersão no texto físico enquanto objeto manipulável. Escrevo isso agora em um dispositivo eletrônico que otimiza a produção textual, mas não permite que o corpo se cerque das palavras como ocorre, por exemplo, quando as ouvimos enquanto vibração do ar, ou as pegamos na mão quando escritas.

O que nos leva, finalmente, ao rol de objetivos dessa elaboração e desse trabalho como um todo. Se minha pergunta, que surgiu em uma carona de Uber, se indaga sobre o problema dos homens, e eu no processo de pesquisa a reformulei para “o que é, o que foi e o que será dos homens?”, a caminhada e o registro textual das intervenções que sofri no processo e na rua surgem como forma de tentar respondê-la através do que vem de fora, ou do outro em interlocução comigo. O objetivo, portanto, é a busca de expressões e formas de olhar para os homens, e o contexto que, continuamente, os constitui.

O processo tem caráter definitivamente artístico, no sentido de que é completamente subjetivo. No entanto, não deixa de ser científico em sua busca de descrever o mundo e as pessoas. Prefiro a visão de Lehrer (2010) e entender essa dualidade como polos que se complementam. Só não chamo de “laborateller” porque é uma palavra muito feia.

Os seguintes recortes fizeram parte de encontros entre julho e novembro de 2018. São encontros proporcionados pela deriva, andança e deambulação urbana, pautados sobre a troca de ideias, experiências e reflexões. Alguns, que começam com letras em negrito, fazem parte de diálogos entre duas ou mais pessoas. São encontros em Porto Alegre, pelos bairros do Partenon, Bela Vista, Teresópolis, Jardim Botânico, Centro Histórico e até uma ida a Santo Antônio da Patrulha. Algumas pessoas conheci na rua, outras por indicação de pessoas que conheci na rua ou já conhecia. Alguns conheci em alguma janta ou aniversário, outros no furdunço da noite. Alguns em paradas de ônibus, outros na fila do banco.

A montagem dos recortes se deu em casa, manipulando em forma física textos formados pela oralidade, anotadas durante ou depois dos encontros. Entre as temáticas, dividi entre passado, presente, futuro, cidade, trabalho, sexo, gênero, família, sabedoria popular e presença (esta última, a que me coloca em interlocução na voz alheia).

Em “Sobre o passado e a urbanidade”, fiz a decisão de unir relatos do passado e da cidade. É claro que todo relato do acontecido demanda um cenário ou localização geográfica. No entanto, no início desta dissertação, ao falar sobre a rua, argumento que estamos jogados, muitas vezes sem saber, à historicidade da cidade e a repetição de seus costumes, opressões e repressões.

No livro “Os sete pecados da capital”, Sandra Pesavento (2008) resgata historicamente a trajetória e os delitos de sete mulheres que viveram em épocas diferentes na cidade de Porto Alegre, visando, a partir do registro dos crimes e práticas desviantes destas, presentes em jornais e laudos policiais, analisar o imaginário social que se criou em torno delas, desde a Porto Alegre provinciana até os dias de hoje. É desconfortável imaginar que as escolhas, vidas e ações de ontem podem assombrar as práticas de hoje no meio urbano, mas parece que estar ciente disso – mesmo que seja só um pouquinho – já nos coloca, novamente, em lugar de estranhamento e ruptura, mesmo que seja na cidade onde nascemos, crescemos e vivemos.

Em “Sobre o presente”, elaborações que identifiquei como corriqueiras e atuais.

Em “Sobre o trabalho”, o ganha pão, e as relações e as mazelas que vêm com ele. Tristemente, o único relato positivo sobre trabalho veio de alguém que batalha para conseguir viver fazendo o que gosta.

Em “Sobre política”, gosto de pensar ser um setor sobre escolhas: o que se julga melhor para todos, e os efeitos – as vezes arbitrários, as vezes nem tanto – dessas escolhas, e das que foram feitas no passado.

Em “Sobre família”, as influências e atravessamentos em relações intrafamiliares.

Em “Sobre sexo, gênero e sexualidade”, registros de práticas e formas identitárias.

Em “Sobre (a minha) presença”, momentos em que fui interpelado nesses encontros.

Em “Sobre o futuro”, obviamente, houveram apenas reflexões pessimistas.

As duas imagens ao fim da seção “Vozes” configuram uma projeção sobre a parede de frases curtas e pequenos excertos, tentando buscar outro acesso às palavras, quando, desde o início do isolamento social devido à pandemia do Coronavírus, tive minha circulação limitada a apenas trabalho na assistência social e busca de mantimentos. A ideia surgiu como uma estratégia de manter as palavras em suspensão no ar, mesmo em um contexto de distanciamento social.

Desnecessário dizer, mas todos esses setores se relacionam, e, se antes em montagem estavam todos misturados, hoje foram setorizados por razões de prover alguma orientação.

Nas duas seções seguintes, trago trechos de anotações diárias pessoais dos últimos dois anos e meio. A primeira, “Diário da vida entre peregrinxs”, traz trechos de registros da minha vida enquanto trabalhador na assistência social. A segunda, “Registros solitários sobre peregrinar na pesquisa”, são excertos aleatórios do dia a dia que me remeteram à pesquisa e a pesquisar masculinidades.



Figura 3 - Laboratório/atelier: recorte e montagem - julho de 2019



Figura 4 - Pergaminho de anotações

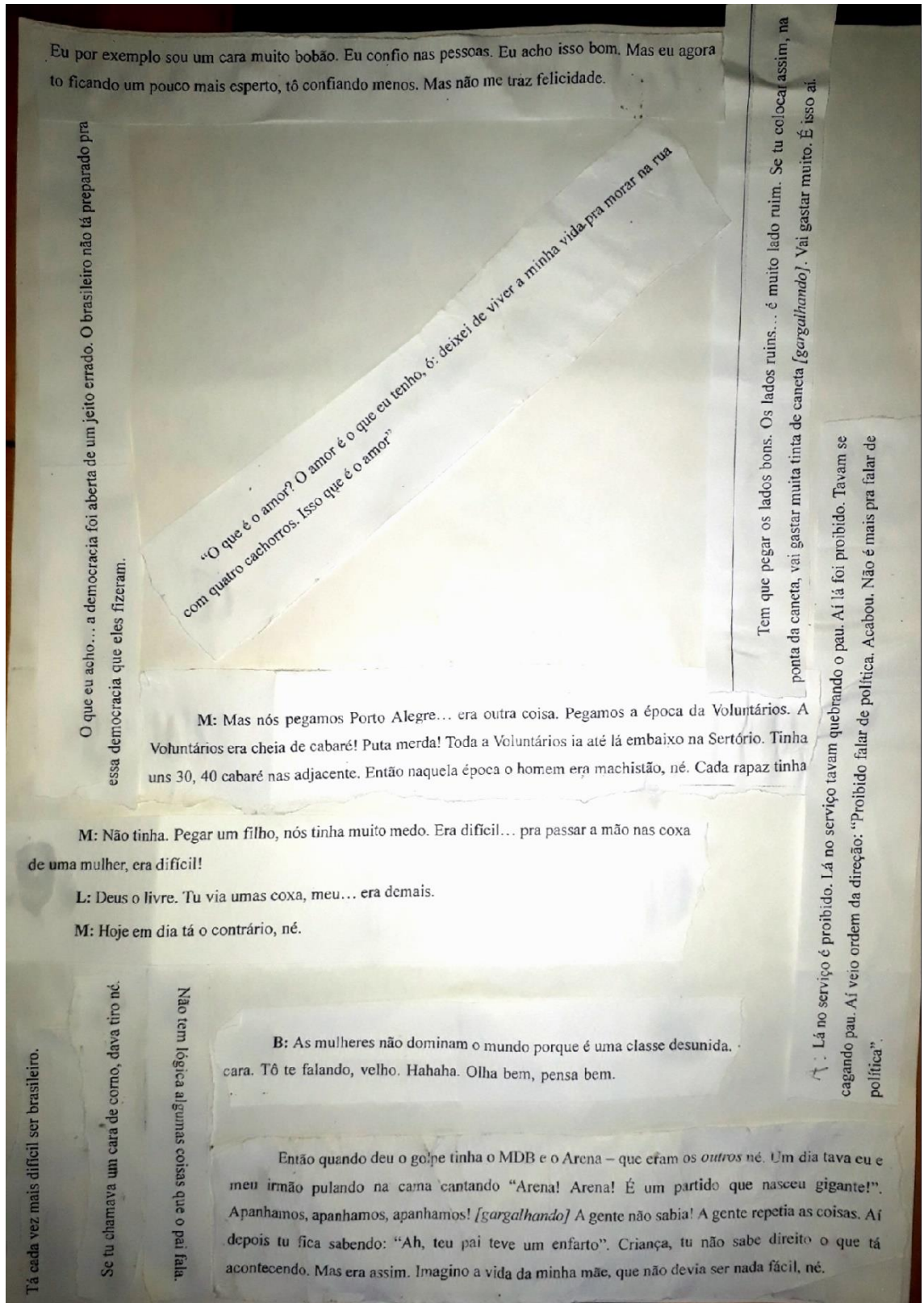


Figura 5 - Recorte e colagem de frases curtas no papel

4.2 SOBRE O PASSADO E A URBANIDADE

- Eu nasci em 1941, em Porto Alegre. Nasci no dia primeiro de abril de 41. Meu pai me registrou no mesmo dia, o dia dos bobos. E sabe o que aconteceu em 1941, em Porto Alegre? A Grande Enchente. Então eu nasci em 41 no primeiro de abril, o ano da enchente. Aí inventaram um termo, porque ninguém esperava que a enchente viesse, porque ela nunca tinha vindo. Quando ela veio foi de repente, e cobriu as casas. Aí criaram um termo: “Abobado da enchente”. Nasci no primeiro de abril do ano dos abobados da enchente. O que que podia dar? Deu no que deu. Isso é fato verdadeiro.

- A experiência que a gente tem do Rio Grande do Sul e até de outros estados também: nós andávamos, indagávamos muito, perguntávamos muito sobre aquele lugar, aquela região onde a gente estava. Eu tenho vários relatos, lugares que eu fui trabalhar e as crianças tinham medo de negro. Adivinha por quê? Morava um neto de um escravo, isso foi na colônia italiana, na serra... quando as crianças incomodavam: “Tu vai ver uma coisa, vou te levar lá pro negro do managuanho!”. Sobrenome da família era Managuanho, sobrenome italiano. As crianças ficavam loucas de medo. Quando eu cheguei, professora e negra, tinha uns ficavam na porta, não entravam na sala. Eu dizia: “Entra, filhinho, vem aqui”. Tinham medo porque... depois eu fiquei assim sem saber por quê. Eu perguntei pra senhora dona da pensão onde eu parava, que era uma criatura muito querida. “Ah, eu vou te dizer”. Aí virou pro marido. “Ô gambatoveio, vou dizer pra ela! É porque assustam as crianças com o negro dos Managuanho”. Eu digo: “quem é esse?” “Era neto de escravos, terminou a escravatura, ficou o pai, ficou tudo, sempre com essa família, trabalhando na roça e tudo”. Eu disse aaaaah bom. Porque eles chegavam na porta na sala de aula... Por que será que essas criança têm tanto medo de mim? Depois, com o tempo, quando eu saí foi uma choradeira, uma choradeira, porque eu vinha-me embora.

- Deixa eu contar bem rapidinho uma história minha. 1970, em Nova Jersey. Fui chamado pelo exército americano, pra exame médico.

Aí eu sei que fui fazer o exame médico. Na chegada no Federal Building, em Nova Jersey, era um inverno frio, nevava na rua pra cacete, eu de bota, aqueles coturnão, e coisa. Aquelas gola olímpica. Casaco por cima, pesado, frio pra cacete na rua, neve até essa altura.

Quando eu cheguei no prédio, o cara pediu meu número do *greencard*. Eu fiz um sete americano, sem a barra do meio. Depois fiquei pensando... porra, se é um psicólogo, já se dá conta que eu tô mentindo. Eu não queria falar inglês com ninguém. Queria a dispensa do exército por não falar inglês. Porra, pra quê que eu vou pro Vietnã, lutar uma guerra que não é minha? Tá louco!

Aí me disseram ó, tu vai chegar lá e vai ter um capitão dando um *speech*, e logo te dão a dispensa. “No english speaking at the time”. E tinha uruguaio, argentino, polonês, italiano. Todo mundo pelado fazendo exame médico, fazendo de conta que não falava inglês. Se fazendo de surdo. Hahaha. Um capitão me arrastou pela camisa, ficou me dando ordem, e eu me fazendo de surdo. Ficou apontando pra minha cara dizendo “I know you understand me, but I cannot prove”. Carimbou minha ficha: “No english speaking”. Depois da dispensa, tava todo mundo num bar. O polonês, o uruguaio, o italiano. Todo mundo conversando em inglês. HAHA.

Aquela guerra não era minha! Não fui eu que fiz. Vão tomar no rabo todos eles. Fiquei trinta anos lá, ganhei muito dinheiro.

- **M:** Mas nós pegamos Porto Alegre... era outra coisa. Pegamos a época da Voluntários. A Voluntários era cheia de cabaré! Puta merda! Toda a Voluntários ia até lá embaixo na Sertório. Tinha uns 30, 40 cabaré nas adjacente. Então naquela época o homem era machistão, né. Cada rapaz tinha que ir num cabaré. Mas uma fumaceira aqueles cabaré, sabe? E as mulheres não eram muito profissionais. Então dançavam a noite toda, que era pro cara pagar umas cerveja. Tu vê, pegamos isso em Porto Alegre, né. E então hoje são superprofissionais, né.

L: Hoje as guria te liga, vai pro... mas é tudo guria de programa filhinha de papai, o caralho a 4. Era diferente: na nossa época tu fazer sexo com uma mulher, ou era uma empregada, ou tu ia pra zona. Não tinha, não tinha outra coisa.

M: Não tinha. Pegar um filho, nós tinha muito medo. Era difícil... pra passar a mão nas coxa de uma mulher, era difícil!

L: Deus o livre. Tu via umas coxa, meu... era demais.

M: Hoje em dia tá o contrário, né.

- Eu tava com tudo pronto pra ir pra AMAN [*Academia Militar dos Agulhas Negras*], tava classificado, podia até escolher entre exército, marinha ou aeronáutica. Só embarcar. Minha

mãe disse que eu não fui porque não quis fazer exame de fezes [*rindo muito*]. Não quis fazer cocô na latinha! Mas não foi isso.

Eu tinha uma namoradinha. Tinha uns 17 ou 18 anos. Um domingo de tarde a gente foi no cinema, assistimos ao filme *Hair*. Tu deve conhecer, o musical aquele. Eu não digo que o *Hair* mudou minha vida, mas abriu meus olhos. Comecei a pensar: “Não, peraí um pouquinho, minha profissão vai ser matar pessoas. Matar gente”. Né? Que é o que o militar faz. Se prepara pra guerra, e se mata, e se morre também, é claro. Aquilo começou a encafifar né.

- Teve um tempo, da legalidade, que teve a Campanha da Legalidade... estuda isso aí que eu não me lembro! Que a Legalidade foi em 61, que foi o tempo que nós estávamos prontos pra sair do país. O pai iria pra Alemanha, e tinha o tio Brizola! Um dia eu disse pro pai: “Pai, por que o tio Brizola não tem aparecido?”. “Ah, ele não tá aí”. Eles tinham se desentendido. Alguma coisa aconteceu que o tio Brizola nunca mais apareceu!

Eu viajei pra Livramento no colo do Brizola, tinha 5 anos. Eu me lembro que a gente olhava, porque ele tinha o cabelo crespo, e ele usava brilhantina. Então todo mundo olhava sempre pra cabeça dele porque ele tinha o cabelo crespinho colado. Eu nunca vou esquecer isso aí! O Tio Brizola!

- Eu sou de uma cidadezinha chamada Itaqui. Filho de militar. A família se mudou pra Curitiba, eu tinha 5 anos. Aí meu pai faleceu. Te contei a história né? Ele era militar, foi fazer um campo, voltou com uma pneumonia e morreu. História meio esquisita né? Quando ele morreu a gente voltou pra Itaqui. Mas a família era de São Borja, eu passava as férias na casa da vó, e lá que eu aprendi a andar a cavalo.

- Deixa eu ver. Vim pro internato do Colégio Militar, lá por 74, 75. Te contei, né? Onde eu vi o rapaz ser chamado pelo comandante e voltar chorando porque o pai tinha morrido. Foi bem na época que meu primo tava preso – época da ditadura, né – ele foi fazer umas passeata, tava preso e “se suicidou” com um tiro na nuca. De madrugada para uma viatura da FAB lá, larga o guri na frente da casa da minha tia lá. “Ó, se matou com um tiro na nuca”. Absurdo né? [*rindo nervoso*]

- **A:** Quando, na época... a gente tava falando de épocas atrás. As mulheres não corneavam tanto os maridos. Não. Era outro tempo.

B: Mas tu tá falando fisicamente ou mentalmente?

[Todos riem]

A: Fisicamente. Mas as mulher de militar tudo guampeavam os marido. Tinha militar corno na época que era difícil ser corno.

- Nós pegamos Porto Alegre numa época muito boa. Tinha os baile bom, carnaval. As comidas eram muito boas, porque não tinha muita coisa industrializada, era muita coisa pura, boa. As bebidas eram boas, a Brahma era a única cervejaria do Brasil, talvez... o tio da minha mãe... ele tinha várias carroça na Brahma porque ele que entregava... e ele também era provador de cerveja lá dentro. Ele morreu bêbado dentro daquele... caiu dentro daquele córrego ali em São Gonçalo, do lado do Zequinha ali, ele bateu com a cabeça e morreu. Morreu bêbado.

- Aqui, ó, a turma aqui ó *[mostrando fotos antigas no computador]*: coronel, coronel aposentado, coronel... esse aqui ó... eu tô aqui ó. Esse aqui... eu tinha uma outra foto dele. Olha, olha. Aqui foi em... Marabá, no Pará. Estágio de adaptação a selva.

Agora olha essa: coronel, esse é coronel também, coronel, coronel, já esse aqui sumiu. Esse aqui é coronel, esse aqui é coro.... Esse aqui é coronel, esse outro é marinha mercante. *[Comento que o marinha mercante tem cara de bicho grilo]* Esse aqui? Não sei que fim ele levou. Não sei.

Essa aqui, olha. Cada foto dessaqui tem uma história. Esse aqui comia que nem um condenado. Essa foto aqui foi dentro do colégio militar. Essa aqui é nos campo que a gente fazia. Essa aqui é último dia de aula. Eu sou eu aqui. Aqui é os guri na AMAN. Esse louco aqui é diretor não sei o que dos correio. Aqui é em Florianópolis. Aqui sou eu, e esse aqui também é coronel aposentado. Aqui é os campo que a gente fazia. Olha o estado dos cara, hahaha. Dá pra ver que tava bom.

Aqui foi no salão nobre do colégio militar. Levei trinta e cinco anos pra conhecer esse lugar. Olha aqui a galera. Esse cara aqui é general, esse aqui é comunista. Cara: comunistão. Esse vota no PT até dizer chega. Daqueles. E esse do lado é de direita, Bolsonaro até o fim. E todo mundo junto. Hahaha.

Olha essa, último dia de aula também. Esse aqui morreu, esse aqui é dono de puteiro. Haha, sério. Esse aqui é polícia federal. Esse aqui não sei que fim levou, esse foi pra AMAN.

- Daí o guarda me disse: “Tu abre mais uma vez tua boca, tu vai acampar na oitava”. A oitava era a pior polícia que tinha. Na subida, quase perto da Carlos Gomes com a Protásio Alves. Ali é hoje uma rádio. Tem antena de rádio e tudo ali.

- Mas vamos voltar pra Porto Alegre. Todo homem naquela época era machista. Mulher não tinha vez. Então... era uma época que só quem viveu... o homem era muito rude. Naquela época o cara era guri, tinha que saber brigar. E naquela época se brigava por qualquer coisinha porque todo homem era valentão. Ignorante, né. Mas tinha coisas boas também. A época das praias era maravilhosa. A gente ia nadar no Guaíba, atravessava a nado pra ir na Ilha do Pavão. Tu acredita que tinha no meio umas boia de ferro? A gente descansava ali.

- Tinha um amigo que ia pro Uruguai na época da ditadura, via os filmes proibidos tudo. Tipo Laranja Mecânica. Então ele tinha que ver cinco vezes, porque tinha que nos descrever cena por cena. A gente pegava o livro abria numa página e dizia: “E aqui?”. E ele dizia: “Aqui é incrível!”. A gente via filme no Brasil, filme de uma hora e quarenta tinha só cinquenta minutos. Cortavam tudo que falava de religião, sexo ou política.

- Porto Alegre na minha época de gurizada não tinha sanitários. Nós morava ali no Passo da Areia. Sabe como é que eles faziam? Vinha os cabungueiro, em um caminhão, carregando esses caixão de madeira, cheio de merda dentro. Eles esvaziam, botavam nos banheiro, e pegavam cheio, atarrachavam tipo uns parafuso grande, né, e levavam pros caminhão levar lá pra ponta. Chegava lá, botavam a merda fora, limpavam as coisa e traziam de volta. Peguei isso por uns dez, quinze anos.

O Paulinho, que morava na São Nicolau, era o único cabungo lá. A gente chamava ele de Paulinho Cheirinho de Arruda. Ele tinha que botar arruda pra tirar o fedor da merda. Isso era Porto Alegre. Imagina. Mas era uma época boa. Não existia refrigerador. Não existia. Era uma geladeira que passava com os cara vendendo gelo. Serrava com serrote. Uma geladeira de lata, tinha meia barra, uma barra inteira...

4.3 SOBRE O PRESENTE

- Bah. Nossa. É quarenta minutos, mas é muita coisa que aconteceu *[rindo muito]*. Porque daí, enquanto eu cortava o cabelo, entrou um cara na barbearia, TODO bombadinho, grisalho assim. E quando ele entrou o barbeiro falou “olha aí o...” sei lá, nome de alguma figura máscula tipo George Clooney, Charles Bronson, sei lá hahaha. Olha... é tipo elogio de hétero. “Olha aí o Fulano, lá vem ele”. Hahaha. E, cara! *[pausa um pouco pra rir]* Era um cara... tava de shortinho, regata, um cara de uns 45 anos. “A maquininha tá aí?”, ele pergunta. O barbeiro diz que sim. Daí basicamente ele sentou do meu lado, enquanto eu cortava o cabelo, pegou a máquina que o cara usa pra cortar cabelo, e começou a raspar as perna e os braço. Juro por deus.

- É triste, né? Aí tu vê a Amazônia, as nossas riquezas tudo sendo vendidas, porque tão tomando conta. Por que as experiências no Brasil são tudo com *hamster*, e nos Estados Unidos é com macaco? Aqui é proibido. Mas quem compra os macacos daqui? Eles! Os americanos! Lá eles podem fazer. Nós é só *hamster* nas experiências. É doido, né? *[rindo]* Aí tu vê que a coisa é bem complicada. É... só por deus, mesmo. Só por deus. Só por ele pras coisas engrenar e dar um jeito.

- Tá todo apagado agora, né. *[Sobre os escritos em frente à casa que foi sede do Dops, na rua Santo Antônio]*. Tá apagado de tanto as pessoas pisarem em cima. É louco. É aquela velha história. Na Alemanha, quando tu vai lá, em cada esquina tem uma marca. “Aqui alguém morreu”, ou “aqui aconteceu tal coisa com alguém”. A gente tem muito genocídio pra olhar ainda, no Brasil.

- Só que com essa função dos Bala na Cara... quando ele entrou, não existia isso. Foi bem no início. Quando ele entrou no mundo do crime, as facções se respeitavam. Tipo, tinha o povo aqui da *****, ele era de ***** , e tinha o povo da ***** , e eles todos se davam. “Vamos fazer churrasco?”, eles todos se reuniam, faziam churrasco. Mas cada um com seu território. Sabe? Se davam superbem, faziam samba todo mundo junto. Daí toda essa função dos Bala na Cara acabou com tudo. Eles querem dominar todos territórios.

- Tu tá ligado aquele texto do Antônio Prata, do bar mais ou menos ruim? Ele tem uma teoria que tem dois caminhos pro bar ruim, aquele bar chinelo. Quando a galera começa a curtir

ele tem dois caminhos: em um deles o dono do bar aceita que o bar é chinelo, abraça isso e segue fazendo sucesso, e o outro é que o cara tenta gurmjetizar o bar chinelo de um jeito tosco. Essa barbearia é a segunda opção. É uma coisa gurmê tosca. Bah, meu. É bizarro.

Tem outra coisa, não é muito importante... lembra do guri, o secretário que aprendeu a dirigir com oito anos? Ele devia ter uns quinze. Depois que eu cortei o cabelo, ele foi lavar meu cabelo. E eu tava muito curioso, porque o momento de lavar o cabelo é o momento que tu pega no cabelo de outro cara, tá ligado? Hahaha. Bah, era muito bizarro. Sei lá parecia que ele tava manuseando fios da bomba atômica, tá ligado? *[rindo]*. Ai ai...

- Às vezes abro muita mão de eu sair pra uma balada, uma coisa, pra buscar meu filho e curtir com ele. E tô sozinho, porque já tive namoradas e quando tu tem namorada e tem filho não é a mesma coisa, entendeu? Já tentei, e não dá certo. Hoje já botei na minha cabeça que... olha: eu fico sozinho, faço o que gosto de fazer, trabalho e dou atenção pro meu filho. Eu botei no mundo, tenho que dar suporte em tudo o que é maneira, ser pai presente e ausente. As duas partes, né. Não é só pagar pensão. Eu tento fazer minha parte, entendeu? O que eu posso fazer eu faço.

- Só aquilo me fez, tipo assim... me fez respirar de novo. E essa frase não saiu mais da minha cabeça. "O tambor é barulhento, mas ele é vazio". Isso apaziguou um medo que eu tinha, e dali em diante não foi mais o mesmo. Eu estava numa coisa de parecer que eu tava sendo... qualquer pessoa na rua podia me vir com um soco. Eu pensei: não é por aí. É muito vazio isso. É tipo aquilo do cão que ladra, mas não morde. Não tem coragem. Tem gente que tem, tem gente que faz essas coisas. Mas como representação, a gente tem que acreditar que é um tambor.

- Às vezes tu tá bem arrumadinho, de terno, aí tu é uma pessoa. Se tu tá com uma roupa mais esportiva, às vezes, o tratamento muda. Como é que pode, né? A apresentação da pessoa é outra, já é um outro "tchan". No Brasil tem muito preconceito, né. Tu entra mal arrumado numa loja, as pessoas não te atendem muito, já te olham com uma cara. Tem gente que vai bem arrumada, rouba a loja, e aí? Dá um cheque sem fundo, e aí?

Quando eu trabalhava na construção civil não tinha tempo, saía mal arrumado, mas tinha dinheiro. Aí chegava pra comprar e não queriam atender. Aí eu puxava o dinheiro, já me chamavam de senhor, me atendiam, ofereciam cafezinho. Muito vi isso acontecer. Fico meio indignado. Às vezes vou mal arrumado numa loja só pra testar o atendimento. Se me atendem

bem, pego o cartão da pessoa. Aí vou lá e gasto bem né. Hoje mesmo, fui numa loja. Isso aqui que eu comprei foi 600 reais. Comprei um terno pra dar uma saída, uma variada. Assim que tem que ser: tratar as pessoas como tem que ser, não pelo que ela tá usando. Né?

- Talvez acabou essa história de indivíduo. Talvez seja mais que hora de acabar com essa ideia de indivíduo. Acho que a gente não é indivíduo, ou individuado. A gente não tá separado de nada. A ideia de indivíduo é mais como uma célula, né? A gente sabe que a gente é constituído a partir do outro. A gente não existe sem outro. Sempre me parece uma falácia isso do indivíduo ser forte. Ninguém é forte sem um coletivo.

- Foi muito bom isso que ela me disse. Ela me disse também que o amor é muito difícil, ele exige muito trabalho. E o ódio é muito fácil. É muito fácil tu odiar alguém, não precisa de muito trabalho pra isso, é só tu negar a existência da pessoa, e acabou, antes de qualquer coisa. Ela me falou um monte de coisa e eu curti muito.

- Daí ele seguiu falando com a senhorinha, essa senhorinha portuguesa. Daí chegou o marido dela. É muito bizarro. O cara que tava nas cobranças tava muito emocionado de encontrar os donos do mercadinho, porque ele morava naquela rua quando era criança. Aí ele dizia: “Ah! Dona Fulana! Lembro da senhora, comprava no mercadinho, morei aqui nos anos 80”. Uma coisa muito de bairro, que eu nunca tinha vivido aqui. Entrou um mendigo pedindo café, e aí começou aqueles papos de mendigo, que a senhorinha disse que ah poisé que foda, e o cara da cobrança com uns papo preconceituoso, tipo “burro sou eu que tô aqui trabalhando”. Enfim.

4.4 SOBRE O TRABALHO

- Aí tu vê só: praticamente é três serviços. Olha, já cheguei a trabalhar muito 24h. Assim ó, sem dormir. Tocar uma jornada de doze horas, e depois tocar mais doze. Já cansei de fazer isso. Hoje já não faço muito, não faz bem pra saúde. Mas já fiz isso. Era acostumado a fazer, mas a idade vai chegando e tu vai vendo que não é assim. Tu vai vendo que tuas forças não são as mesmas, não é mais guri, né. Trinta e cinco anos.

- Aí não tivemos muitos recursos pra pagar um estudo. A gente estudava, com quatorze já trabalhava, então a gente trabalhava e estudava. Eu com dezesseis anos trabalhava no *Zaffari*, de empacotador. Saía do *Zaffari* e estudava à noite. Trabalhava de dia, e sempre fui assim. Se queria fazer um curso, tinha que pagar pelo curso, então tinha que trabalhar. Sempre correr atrás, mesmo. Nada ganhado fácil, assim, “ó, tomaí”, isso nunca aconteceu. De ganhar alguma coisa. Tu quer? Tu vai correr atrás. Corre atrás pra conseguir.

- Eu comecei, na verdade, a trabalhar como motorista de Uber... coisa que eu não queria porque tinha medo, né. Por causa da função da minha mãe, por ela passar por esse aperto, pra ajudar nas despesas de casa. A gente mora aqui de aluguel, a gente não tava recebendo aluguel dos inquilinos da outra casa, então foi uma alternativa, né. Eu tava desempregada, e não tá sendo... tá assim, né, tá bem difícil conseguir qualquer tipo de vaga. Aí eu dei a cara a tapa e fui, comecei a trabalhar. E por incrível que pareça, coisa que todo mundo odeia aqui em casa, eu trabalho à noite, que eu adoro trabalhar de noite. E tá arriscado, agora tô com um pouco de medo, né. Aí agora acho que realmente... vou começar a trabalhar durante o dia e, tipo trabalhar no máximo até umas nove da noite. Se antes já tava ruim, agora vai piorar. Ainda mais eu, mulher negra, à mercê, né. Então agora, realmente, estou com um pouco de receio.

Mas aí foi isso. Dei a cara a tapa, daí procurei muito proteção do lado espiritual. Porque eu não conto com a segurança do nosso governo, não tem como. Eu sou devota a São Jorge. Minha mãe muito mais, porque eu ando falhando bastante, mas daí fui na igreja São Jorge, faço parte... pedi pra ele, me protege, sabe? Me proteger de todos os ângulos, de todos os males, me deixar invisível aos olhos de bandido e ladrão, e ele tem me auxiliado. Nada nunca, nunca aconteceu comigo. As coisas acontecem na minha frente, e parece que as pessoas não me enxergam pra fazer o mal. E eu tenho muita, muita sorte com passageiro.

- Daí só sei que ele iniciou como braço direito, né... de um colega meu, até! Meu colega também não tinha necessidade. Eu sempre estudei em escola pública. E mesmo escola pública sempre tem aquele colega que... eu não sei, tu estudou em escola pública? Pois é: sempre tem um que tem poder aquisitivo melhor. Que é dono de comércio, sempre tem um que tem. E tinha um colega meu que fazia parte dessa facção. E que tinha condição, sempre tinha dinheiro pra merenda. Sabe? Tipo, levava em torno de quinze reais por dia. O guri tinha dinheiro. Daí eu acho que a família dele faliu. Ele sempre teve tudo o que quis, mas a família faliu. Daí acho que a alternativa que ele viu, que ele encontrou pra manter o nível foi virar traficante.

- O que mais eu posso te falar? Tô há quase três anos trabalhando com pornografia na cidade, sou um dos poucos produtores de pornô daqui... tô muito neném na área ainda, mas já fiz o que eu queria fazer, sabe? Comecei com pós-pornografia e pornoterrorismo, que era outra vibe que não tinha no país, então perfeito! Hoje quando vinculam alguma coisa com isso já vem meu nome, e isso é perfeito. Era o que eu queria fazer da minha vida: fazer uma coisa que tivesse um retorno muito grande, que ficasse na história ali, e ponto! Claro que eu queria que fosse alguma outra coisa assim mais foda, mas acho que o pornô é a minha arte, então foi isso!

Pós-pornografia eu acho que é o pós-pornô! Ele é mais livre, mais fetichista com certeza, mais explorador, explora uma sexualidade e trabalha sem o âmbito da... do... como que eu te digo? Me fugiu a palavra! Ahmm... Exploração sexual! É um lance mais “eu faço porque eu quero, eu faço porque eu amo, porque isso me dá tesão”, e o pós-pornô é totalmente ligado à performance: ele é mais performático. E o terrorismo é em público: atos públicos, atos que vão ofender alguém, vai atingir alguém de uma forma negativa, opositiva também, mas no geral negativa. Tem o intuito de ser negativo. Acho que é isso. Eu poderia falar mais, mas é basicamente isso.

Tenho canais no Xvideos, tenho um trabalho pra Safada TV, produzo conteúdo pra eles, é um site que é mais comercial, mais “fode-fode-fode-fode”, em São Paulo, e eu criei a categoria “amador” deles. Fui eu que comecei, e já gravei atuando pra eles também. Foram os primeiros que me pagaram pelo serviço, tipo “ah, tá fazendo isso, vou te pagar”. Me tirou da diversão pra ser um trabalho: me reconheceu como profissional. Perfeito!

Só que eles pagam muito pouco, a pornografia paga muito pouco, sabe. Tá ainda como *hobby*, tá ainda como amador da minha parte, porque isso não me sustenta. E não dá, não dá! Não sei, assim ó, falta o “plim”, e eu não posso ficar a vida inteira esperando essa explosão. Não tem como, eu preciso agora! Eu preciso sobreviver e eu gasto, eu tenho que trabalhar, tenho que fazer outras coisas. E viver disso não dá, impossível, no momento não dá. Mas né, quem sabe daqui a um tempo. O meu objetivo acho que é viver de pornô. Viver, e fazer só isso da minha vida.

- Eu trabalhei a vida toda em escola pública. Em vila. Trabalhei em uma escola particular, que é completamente diferente né. A realidade de uma escola e de outra... saía de uma escola e era uma realidade, e o trabalho na outra escola era completamente diferente. Eu tinha que ser duas pessoas, praticamente. Porque é diferente. E eu, como sou uma pessoa pobre, e via as diferenças dos alunos de escola particular e... eu sofria muito com aquilo, né. Em ver

aquela diferença social. Os alunos com a mesma inteligência, mas que infelizmente não tinham as mesmas oportunidades. Eu sofria muito.

- Mas tipo assim, ó. Já trabalhei em empreiteiras que tavam envolvida na Lava Jato, tipo Odebrecht. Trabalhei dois anos no Rio de Janeiro, nas obra lá. Aí eu via o que era a falcatruagem. Tipo, eu tava trabalhando bem onde acontece o carnaval da Sapucaí, fazendo a ampliação. Tinha um prazo pra tu entregar a obra, porque ia acontecer o carnaval, isso era 2012. Tenho até guardado de lembrança as credencial, né. Eu usava porque tipo, pra entrar dentro do camarote cheio de famosos, eu tava trabalhando, pintando e colocando papel de parede, e o carnaval acontecendo. Eu via várias celebridades ali no meio. Tava trabalhando e a festa acontecendo.

- Se eu matar alguém na minha profissão eu tô FUDIDO, velho. Dois anos eu não trabalho. Se tiverem assaltando um banco, e eu tiver lá na frente e eu matar o cara... e ainda a mulher do cara vai processar. Vai processar! Tu sabe a guria que matou o cara lá em Minas Gerais? Foi em Minas? Minas ou São Paulo? Que a brigadiana tava e o cara assaltando na frente do colégio, e ela puxou a arma? A mãe do guri tá processando ela, quer 200 mil, e vai levar. Tá tudo virado no Brasil, tudo virado. Então nós temos que... vamos organizar. Tem que fazer uma... tu não faz um omelete sem quebrar os ovos.

4.5 SOBRE POLÍTICA

- É que a minha vivência é totalmente diferente, entendeu?. Eu vivi... eu servi na ditadura, tá? Servi na ditadura... três anos na Polícia do Exército. Peguei a transição. Trabalho na área de segurança, então a minha... o que eu divirjo com ela? É o seguinte: eu tenho a visão do patrão.

- Só tem um detalhe: a coisa lá funciona [*nos EUA*]. Eu nunca falei com ninguém até hoje. Entrei no site deles, dei *enter*, botei todos meus dados, e eles mandaram um e-mail. “No mês seguinte dia 24 teu dinheiro da aposentadoria cai na conta”. Desde então é sempre assim. Dia 24 cai o dinheiro lá. Funciona.

Aqui tu tem que ir lá botar teu dedão, dizer que tu tá vivo, o cacete a 4. As pessoas não confiam. Porque tem muita treta. Esse jeitinho brasileiro não existe lá. Em compensação aqui tem amizade, tem calor humano.

- Então quando deu o golpe tinha o MDB e o Arena – que eram os *outros* né. Um dia tava eu e meu irmão pulando na cama cantando “Arena! Arena! É um partido que nasceu gigante!”. Apanhamos, apanhamos, apanhamos! *[gargalhando]* A gente não sabia! A gente repetia as coisas. Aí depois tu fica sabendo: “Ah, teu pai teve um enfarto”. Criança, tu não sabe direito o que tá acontecendo. Mas era assim. Imagino a vida da minha mãe, que não devia ser nada fácil, né.

- É que nem aquela empregada que eu tinha, a Teresa, faxineira. Eu disse: “Olha, Teresa! Tem um candidato a senador negro! Vou votar nele”. “Eu, não”, ela disse. “Como assim, Teresa?”. “Eu não voto em negro”. Eu disse “Teresa! É alguém que vai te representar!”. “Não voto”. É a coisa do Brasil, o pobre reacionário né. Educado pela Globo. Sim, quem tu acha que paga as torneiras folhadas a ouro do Edir Macedo?

- Vai entender? Qual é o sistema que funciona? O sistema da política em Brasília já tem corrupção, roubalheira. O que sobra disso? Aí tipo se tu parar pra pensar, fica até meio doido.

- E nós, mais uma vez indo pra trás. Tá acontecendo a mesma coisa da ditadura, em termos de clima, ou tu só sentar e ver que os outros tão legal, sabe? E tu não entende. Por que tu cruza uma fronteira, e tu não é mais um criminoso? Por que tu vai fumar no Uruguai? Que nem um guri que eu conheci no ônibus, indo pra lá. Uruguai. A gente parou em Pelotas, e ele saiu pra fumar. Eu pensei “ah, também vou fumar”. Cheguei e perguntei “tenes un porro?”, e ele me diz “vosotros no pueden, no”. Bah, deu uma coisa! Quer dizer, eles não são criminosos. Nós somos.

- Aí já tá bastante ampliada a violência. Eu vi que Porto Alegre tava a quinta cidade mais violenta no Brasil. É porque tem muitos direitos humanos, né? Esses direitos humanos aí complica, né? A situação, tipo, vagabundo se quiser atirar na polícia, e a polícia atirar e matar, a polícia vai ser investigada, né? Pra ver como é que foi, se matou pelas costas. Dependendo da situação, a polícia pode ir presa, né? Aí os direitos humanos vão pra cima.

Aconteceu uma situação mais ou menos parecida comigo. O vagabundo me apontou uma arma, pra roubar meu veículo. Aí eu fui pra entregar o veículo, e como eu tenho a defesa pessoal, eu pude aplicar. Reagi. Reagi porque sei o que tô fazendo. Reagi, desarme ele, e ele

ficou violento. Aí tive que dar umas coronhadas nele. Ele tomou 26 coronhadas, todas na cabeça. Dei várias coronhada nele, né.

Aí respondi processo de tentativa de homicídio. Aí onde fica a parte que ele me apontou uma arma? Que ele quis atirar em mim, roubar meu veículo? Trabalhei vários anos pra comprar meu veículo e ele vai roubar fácil. Reagi. Eles acharam que eu usei demais da força, que não precisava fazer tanto uso da força. Mas é uma pessoa armada. Ela podia me matar e ficaria de boa, mas eu reagi, aí quem vai pra cima é os direitos humanos. Aí tu viu. Então às vezes não pode nem reagir porque tu vai ser prejudicado, ainda. Entendeu?

- Porque a ideia... o exército pensa diferente. O exército é guerrilheiro! Ele vai na fonte. O exército atira primeiro e pergunta depois! Entendeu? E não vem com essa coisinha de direitos humanos aí, que se vir com direitos humanos, vai cair! Vai cair! E muito perigo com congresso! Isso é certo! E o povo votou porque o povo... tchê, o Lauro Quadros fazia uma enquete e perguntava, dava 80% queria a volta da ditadura. A enquete do Lauro Quadros. O povo votou porque sabia. Ele [*Bolsonaro*] nunca mentiu, ele disse “eu vou colocar um milico em cada coisa”. O congresso que não se meta a besta! Se ele começar a botar projeto no congresso, projeto no congresso, e o congresso começar a vetar...

- Escrevi um livro, tive filhos, plantei árvore... Eu tenho, plantei árvore, falando em plantar árvore, tu já viu um pé de Nim? Não sabe o que é Nim? Não? É uma árvore que eles usam como inseticida na Índia, usam pra fazer sabonete, pasta de dente, o diabo a quatro. É a primeira ali no canto do pátio, à direita. Depois dela tem um carvalho, que meu irmão me deu. Mas o carvalho... ele não vem muito, ele apanha. Ele custa... não é daqui, né? A gente comete esse erro. Traz árvore de lá pra cá achando que vai dar. Mas é diferente. Já não tem aqui por causa disso.

- **L:** Nós não tivemos ditadura militar. Não tivemos ditadura no Brasil. Nós tivemos um regime militar, mas não foi uma ditadura. Numa ditadura tu não tem o direito de ir e vir. Uma ditadura: Coreia do Norte, que tu não pode sair, a China, altamente restrita, a... aquela outra lá... Venezuela, só fugindo. Cuba também, só fugindo. Isso é ditadura. Nós tivemos um regime militar. Tá, tinha um sistema de censura, por que?

M: Ele diz porque nós vivemos na mesma época, mas ele tava pra outros lados. Eu participei das lutas. Participei. Era do Partido Comunista. Fiquei quarenta anos nesse partido.

L: Que que tu ganhou com isso?

M: Não ganhei um cafezinho [*rindo*].

L: Pois é.

M: Prisão, pau. Mas daí tu lutava! Tu lutava por uma...

L e M, simultaneamente: Por uma ideologia!

L: Só que era uma ideologia marxista!

M: O que que o comunista quer? Ele quer o equilíbrio social.

L: Mas eles não faziam isso, M!

M: É, não. Concordo. O problema, na verdade, depois de muitos anos eu fui entender que a briga é do bem e do mal. É de deus e o diabo. Essa é a briga espiritual. Essa briga carnal nunca vai existir, nunca vão se acertar, o mundo vai se terminar mas a briga carnal não tem valor nenhum. Ela é espiritual. É o diabo e deus. E o diabo tá tomando conta, né? O mundo, infelizmente o homem atingiu essa alta tecnologia, quase que perfeição, né? E nunca foi tão infeliz.

- Pra quem... pra mim, na época, quer ver uma coisa? Pra mim, que servia na PE, e eu mandava e caga na cabeça de tudo o que era brigadiano, era ótimo! Entendeu? Mandava os brigadiano bater continência porque nós era força superior. A gente tinha aquele ego. Só que depois fomos aprendendo. É que nem o 31 de março. Eu não conhecia, meu pai era brizolista doente, doente. Eu não conhecia, ele me deu abertura. Mas todo dia 31 de março o coronel botava nós no... eu servi 3 anos. Botava nós no salão e dizia: “bah, esse homem é perigoso! Subversivo!” e eu tava na minha cabeça fazendo, e tu vai montando, vai pensando. “Fidel Castro, o cara é um animal, papapá”.

Quando eu vi o primeiro discurso do Brizola, me apaixonei, cara! O cara era... tinha o dom da palavra! O cara era o veio! Eu descobri porque que o pai era apaixonado pelo Brizola. O Brizola falava e todo mundo parava pra ouvir. Era o Brizola falando. E o cara era muito bom. Bah! Aí já comecei a desmistificar. Pensei: “não, o que o exército diz pra mim não é... era lavagem cerebral”. Isso não é subversivo, um velho tri simpático. Aí tu vai ler, vai te informar, porque que foi, porque que não foi. Mas como todo regime...

- Mas eu notei que o povo aqui não é muito de brigar, é mais tranquilo, não vão na reunião. Eu fui a duas reuniões aqui, tinha o que... quinze pessoas. Então as pessoas tão cansadas de brigar, não acreditam mais em nada, começando pelo condomínio, né. O último

síndico roubou, roubou, roubou. Saiu daqui, comprou apartamento pra ele, pra amante, carro do ano. E eles passivo, vendo tudo isso. “Ah, ele tá roubando”, né. Não tá investindo no condomínio, na manutenção. Eles deveriam ir cobrar dele, né. Ou chamar pra uma sindicância né, alguma coisa nesse sentido. Pessoal não reclama. O cara foi embora, roubou o que pôde, trocaram de síndico, agora tem um rapaz bem novo até, que é advogado. Pelo menos tá aparecendo o trabalho dele, tá arrumando a estrutura, porque são prédios antigos né. Precisam de estrutura, tudo o que tem aqui. E ele tá mostrando trabalho. Pelo menos desde que assumiu tem mostrado trabalho. Mas não que tenha sido uma maioria reivindicando: é uma minoria que fala. As pessoas não querem se incomodar. “Ah não vai adiantar eu falar, não adianta, o Brasil tá perdido”. As pessoas tão muito descrentes, né, da justiça, de tudo, né. “Não quero saber, não vou reclamar, não vou reivindicar, porque não vai adiantar”. Aí os mais espertos vão tomando conta, porque o povo tá cansado.

- Nós tamo já na era de Áquario, que é a era dos falsos profetas! Bem certinho: a era dos falsos profetas. Tu acha que ganha o Bolsonaro? Todo mundo acha que não, mas eu não sei, eu sou filho de político, eu sei como é a surpresa. Fico imaginando a vida tensa que o meu pai tinha... fico pensando hoje em dia... que louco, né? O cara vai pra rua, não sabe se vai ser preso.

Meu pai voltava todo dia pra casa com um chocolate todo mole no bolso. Sempre levava chocolate porque não sabia se ia ser preso. Caso ele fosse preso, daí tinha comida, né. Então de noite, eu lembro que ele chegava em casa e nos dava o chocolate, todo derretido. Até hoje eu digo pro meu irmão que eu gosto de chocolate mole: lembra o pai.

Na verdade, significava que o pai não tinha sido preso. Depois, quando a gente vai crescendo, que a gente junta os pontinhos: “Ah! Por isso que ficava todo mundo ouvindo a Hora do Brasil!”. Era quando anunciavam quem tinha sido cassado. E era o último lote, o último lote foi o do meu pai. Eles não achavam nada de podre pra incriminar ele. Tudo era discurso, economia, etc. Então resolveram. Foi o Castelo Branco que cassou ele. O ÚLTIMO DA LISTA! Foi meu pai! Ele quase teve um ataque na hora. Ficou dez anos cassado, teve três enfartes, meu pai.

4.6 SOBRE FAMÍLIA

- Vamos contar pra ele porque que a gente saiu de lá! Tem esse lado também. Que nós temos esse lado da família que a gente tava falando, que é de lá de *****, onde a gente morava antes. Meus primos eram da facção. A gente morava na *****, era praticamente início do morro, e eles moravam no morro. E sem necessidade, entraram na facção sem passar necessidade. É triste dizer, mas eles sempre tiveram tudo. Uma vida digna.

- Em Brasília, os apartamentos dos deputados tinham duzentos metros quadrados, o pai ocupava só dois. O pai ficava num cantinho: era o quarto dele, e a cozinha. Era o cantinho! E aquele baita apartamento mobiliado.

- Meus pais, por exemplo, nunca ganharam nada de ninguém. Foi sempre na batalha, de trabalhar e conquistar sem ajuda de ninguém. Meu pai e minha mãe, sempre trabalhando, deixavam a gente com a vizinha e iam trabalhar. A gente ia pra creche, meus pais sempre tentaram fazer a melhor educação pra gente, mas nós não tivemos as melhores escolas. Tivemos em escolas públicas, de baixo nível. A mais perto de casa? É essa daqui. Bem de vila.

- Tudo o que era presente que a gente ganhava dos inimigos políticos – tipo autorama, carrinho que tu podia entrar dentro e andar – meu pai dizia: “É natal. Brinca com a tua boneca de tamanho natural. Brinca com teu autorama, teus irmãos brincam com os carrinhos, dia 25 é amanhã, dia 26 vocês embrulham que nós vamos devolver. Não vai vender teu pai por causa disso”. A gente dizia “mas eu quero!”. “Não pode”.

Aí sabe o que ele fazia? Falava com uma mulher do Pão dos Pobres e ela fazia caixa de sapateiro pra todos nós, então a gente saía pela sala com a caixa de sapateiro, pra lustrar os sapatos dos amigo do pai pra ganhar dinheiro! *[gargalhando]*

- Eu me lembro até hoje, eu tinha dezessete anos, meu pai falou assim ó: “Tira tua habilitação que eu deixo tu dirigir o carro”. Eu lavava o carro, mas dirigir, não. Só depois da habilitação. Aí eu fui lá, fiz dezoito, tirei habilitação de carro e moto. Aí ele: “Não, agora tu vai comprar o que é teu, não vai dirigir” *[gargalhando]*. Aham! Isso mesmo! E na época ele tinha um baita *Tempra*! O *Tempra* naquela época era bonito, né? Aí eu bah, fiquei tri brabo né, “pô, o senhor mentiu”.

- Me botaram lá, no grupo do Whatsapp, a imagem lá do grupo era o brasão né, que eu nem sabia que existia, criaram eu acho. Devem ter inventado. Que é pra dizer assim “MINHA FAMÍLIA TEM BRASÃO! EU SOU SANGUE AZUL!”, hahaha, aquelas coisas né. Aí é assim: é São Paulo, é zero onze, zero dezesseis, zero cinco quatro, zero meia-não-sei-o-quê, não sei tudo, nem quantas pessoas, só sei que vou te contar o que aconteceu.

- Mas eu fico contente que a minha mãe, pelo menos, antes de morrer, ela foi pra Nova York, e conheceu o *Empire State Building*. Eles foram de *Constellation*, em 1954. Eu tinha um ano. Foi aí que minha mãe voltou completamente americanizada. Era suco de laranja de manhã, ovos mexidos, salsicha, era tudo bem *americanischen*.

- O Jorge, ele me deu umas guampa de veado, grandes, e depois que eu fui trabalhar lá no interior ele sumiu com tudo. Tava lá na casa dele.

Aí um dia... abre um parênteses: lá onde eu morava aconteceu-se um caso. O cara tava levando os boi de canga – sabe como é boi de canga, com as guampa DESSE tamanho – e ele tava levando os boi pra dar água, puxando um boi atrás do outro, assim. Quando ele chegou foi que o boi de trás cravou a guampa no boi da frente, o boi da frente cravou a guampa no cu do cara, matou o cara. É. Levantou o cara pelo rabo.

Baaaah... a família daí... tá, enterraram o cara e então: “como é que vamo pagar pelo enterro?”. Venderam os boi. Lá na cooperativa eles carneavam, né. Aí carnearam aquele boi, e eu peguei as guampa. Cortei a testa do boi assassino, e falei pro meu irmão, e ele ficou bem louco. “BAH! ME MANDA! ME MANDA!”. Aí arrumei direitinho, envernizei, botei num suporte de madeira e mandei pro meu irmão.

Essas coisas eu aprendi com meu pai. Meu pai dizia: “Meu filho, pensa. Quando for numa loja, se coloca no lugar da pessoa que tá te atendendo”. Essas coisas ele dizia em alemão, que é o mesmo dito em inglês: “*Walk a mile in my shoes*”, que é “caminha com meus sapatos”, pra ver como é minha vida! Essas coisas criança ouve uma vez e nunca esquece.

- Somos ex, eu e ele. Mas somos muito amigos. Não moramos juntos, mas ele vive aqui em casa, hahaha. Ele tem a casa dele, e às vezes ele vem pra cá, e juntamos todos filhos e ficamos aqui.

4.7 SOBRE SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE

- Eu digo que sou o IBGE do sexo. Sou mesmo, sou mesmo *[rindo]*. Bato de porta em porta, vou atrás, não tenho muito gosto. Sou bem assim mesmo, faço levantamento de tudo, população, quem é, o que gosta, o que faz, do que se alimenta. Faço tudo!

- É por isso que muitas pessoas sofrem porque amam demais. E eu também, eu passei por isso. Vivi 40 anos com minha velha, gostei muito dela, amei ela demais, e hoje estou sofrendo por causa disso. Se fosse uma paixão, há muito tempo a gente não vivia mais junto. A gente já estaria... ih! Muito tempo. Que mulher tem aos montes por aí, né? Mulher é a mesma coisa que uma camisa, tu tira aquela e bota outra, tira aquela e... antigamente, no meu tempo não era assim. Mas agora é assim. Agora os casamento tão sendo até por contrato. Entendeu como é que é? Não gostou, boa noite, amor! Vai embora, tenho outra! 'A fila anda', como diz o ditado.

- Mesmo o homem branco e hétero pode estar fragilizado, e tu negar isso, é tu negar a condição da pessoa de também participar desse processo. É voltar pra uma política identitária de que só alguns sabem o que é isso. A testemunha, né. Tipo assim, não! A gente tem que fragilizar isso um pouco, assim. E ver nossas coalizões. A gente junto tem muito mais força do que só eu com as gays, ou sei lá, coisas assim que a gente possa pensar como "em comum".

- Então. Aí tenho alguns problemas. Meus problemas é que como eu sou gerente de banco eu já tô no lugar de um homem, que deveria ser um homem que está ali. Como eles tão acostumados com homem, né, eu já tenho problema de tá nesse lugar, e num lugar de autoridade, de ter intervenções políticas e... são muito machistas. Quanto mais ignorante, mais machista é. Infelizmente.

Eu acho que 300 municípios dos 596 do Rio Grande do Sul tem menos de 10 mil habitantes. Quer dizer, é muito município, com muito pouca gente. Nós tamo ficando fofoqueiro e vagabundo aqui. Mas é bem complexo. Agora nessa efervescência do... Eles marchavam, de noite. Marchavam. Uma caravana do Bolsonaro todas as noites na frente da minha janela. É sério. Todas as noites, aquela coisa assim...

- Acho importante ter esses dispositivos e fazer as pessoas acessarem isso. Se tu não tá na procura tu cai na mesmice mesmo, tu vai ficar ali e não vai desenvolver nada mais: tu acha que já gosta daquilo, não precisa mais conhecer nada. Acho que as pessoas se acomodam muito com isso. Só que sei lá... sexo é quase 70% da tua vida, se tu for analisar, e ele influencia na tua vida 70% com certeza, tanto no teu trabalho quanto no teu dia a dia e na tua vida social, pode atrapalhar com certeza, e ele é importante. Então acho foda tu acabar se limitando, sendo que tu vai se limitar em outros âmbitos. Com certeza vai limitar: em algum momento vai atrapalhar. Eu acho né, pode ser que não [*rindo*]. Mas já tô meio que convicto, se esse lado não tá legal pra mim, eu sei que o resto não vai andar. Não vai andar! Mas eu sou compulsivo né, tenho que tá sempre fodendo.

- Entre os gays tem muito isso, também. De ter um gozo de permanecer num lugar secreto, velado. Sabe? Isso do erótico proibido. Não só nos gays. Putaria, suruba, orgias casa de swing. Passa por aí. Alguns gays curtem essas coisas tipo... não necessariamente querer ter o seu desejo representado, o gozo está justamente no oposto. Tá justamente no segredo, no que é proibido. Então precisa de alguma forma manter o negócio proibido. Porque assim ele goza nessa estrutura que mantém ele segregado. Bom, tem toda uma estratégia de gozo pra que a coisa se estabeleça e se conclua. Não é algo que... bom, tu pode dar a mão pra outro cara na rua, e vocês vão ser olhados. É um não-apaziguamento. É a coisa velada. E aí tem algo que é... bom, tu mantém super em segredo, e se isso é desvelado, perde esse prazer.

Constitutivamente tem gays que só curtem isso. Por isso que eu acho que tem gays que se constituem de formas muito diferentes. Tem essa coisa de fazer as coisas mais escondido, muita coisa, inclusive coisas perigosas, galera que curte transar sem camisinha com várias pessoas ao mesmo tempo, pra tipo, roleta russa, sabe esse tipo de teto? Esse é o teto que faz com que as pessoas também curtam não saber, ninguém saber que tu é gay, sabe? “Macho discreto e fora do meio”. Nos aplicativos é a coisa que tu mais vê. Assim, direto.

- É difícil porque é uma prática assim com... sei lá... muitos adeptos e pessoas estudiosas, muita gente em volta disso, do *bareback* – foder no pelo, né, foder sem capa. O terrorismo começa também por aí, começa nessa vibe aí. Eu não sou contra a prática, eu sou contra agressões que vão com... sei lá. Não sei. Não sei o que eu sou contra. Não sou contra nada, na verdade. Me gosto, me cuido, adoraria fazer só *bareback*, tomei PrEP um tempo, que é uma medicação que te deixa imune ao vírus HIV.

- Talvez essa masculinidade frágil, ou em crise, que representa o Bolsonaro como candidato, seja assim perante uma grandiosíssima representatividade do desejo feminino. Tipo, eu comecei a falar com uma amiga sobre esse processo... como talvez a magia, meio lacanianamente esteja voltada pro desejo feminino: do fora, sabe? “A mulher não existe”? Não tá representada. Mas aí minha amiga falou “não, a mulher tá representada”. Claro, no tempo do Lacan, não estava. Talvez por isso ele tenha dito. Aí eu me liguei, a mulher tá representada. Tem muita representação de desejo feminino, sabe? Tá por aí. As mulheres tão falando, tão em cargos. As mulheres estão em muitos lugares agora, que na época do Lacan e do Freud, não tavam. Ou, se tavam, muito pouco, sabe? Daí até fiquei pensando: tem a ver, uma crise da masculinidade como dominante, no momento em que as minas tão aí. Tão falando. Muita gente tá falando. Tem muita voz.

- Acho que até... em Porto Alegre acho que eu me sinto tão bem porque foi tipo em Porto Alegre que eu comecei a fazer o que eu queria fazer – realmente fazer. Já tinha estado em outros lugares, já tinha me formado, feito outras coisas, trabalhava na minha área, e Porto Alegre me deu essa vontade de executar, chamei as pessoas certas, e fechou! “Vamos fazer! Já demorou, a gente já devia tá fazendo isso”. Porto Alegre me libertou bastante. Também aqui é complicado porque é um dos maiores índices de HIV do país. Tipo, as pessoas transam bastante aqui, mas elas se contaminam bastante também, elas são mais radi... elas são mais *heavy metal*, em relação ao resto do país. Com certeza, as gaúchas [*os gays gaúchos*] são as mais pesadas. Tem em outros lugares, mas as gaúchas são as mais pesadas com certeza. Levantamento de IBGE!

4.8 SOBRE (A MINHA) PRESENÇA

- Mas faz uma pergunta aí, agora, o que tu quiser. É muita coisa pra falar [*risos*] aí a gente tem que passar assim, tipo uma frisada em cada situação, tentar tirar uma média que dê pra tu aproveitar.

- Que idade tu tem? Que idade tu tem? Antigamente se tu ia preso, tu ia aprender. A ser costureiro, as bola de futebol eram feitas por presidiário. Tu não ficava ocioso na cadeia, tu ia aprender. Tu ia ter uma oficina. Entendeu? Mente vazia é a oficina do demônio. Não tem. Claro,

realmente, não tinha que ter cadeia, mas tu tem que resolver o problema. Tem que ter colônia, entendeu? Cadeias industriais, como tem em Caxias.

- Ah, eu não fumei ainda. O que o médico vai dizer? Fumemos, Theo? E a música? Olha, minha amiga me trouxe, ela me traz seda, filtro e adesivo de riponga, olha que engraçado, parece que ela tem um amigo adolescente. Ela me trouxe da Colômbia, um monte de cacareco, e *gadgets*. Fumemos! Ah, o primeiro do dia: saúde e alegria! Que Alá nunca me deixe sem isso, obrigado!

- **L:** Como é seu nome mesmo? Theo? Mas Theo de Theodoro ou só Theo?

M: Theo é Deus né. Hahaha. Theo de Theobaldo: Queremos Deus!

L: Theo, a grande mudança da nossa geração pra nova geração foi a partir do evento dos primeiros computadores que apareceram.

M: E a televisão, quando surgiu. RÁDIO! Sabe o tamanho dos rádio? Tamanho duma mesa dessas! Imagina, quem é que tinha rádio? Não era qualquer um.

- Tu acha mesmo que o Bolsonaro vai ganhar? Em quem tu vai votar? Que pergunta, né, Theo?

- Tu tem filhos? Com quantos anos tu tá? Tu é novo. Um filho na vida muda tudo.

4.9 SOBRE O FUTURO

- Eu tenho medo porque olha aí ó [*aponta para os netos brincando no chão*] eu gostaria de deixar um país melhor. Mas não tô vendo luz no futuro. Tô achando que... Meu neto não vai ter... não sei. A gente tá começando a conquistar tantas coisas, mas agora acho que tá voltando no tempo. Tá regredindo. E eu tenho muito medo disso.

Claro, eu já passei menos, minhas filhas passaram menos do que eu, menos que meus pais. Minha mãe era empregada doméstica, meu pai era zelador. Eu já consegui uma profissão. Paguei, tive que pagar, minha mãe ajudou, né, a pagar faculdade. E as gurias... a Liege começou a faculdade, fazia educação física. Aí eu saí da direção na escola, meu salário baixou, não consegui mais pagar, ela não conseguiu mais voltar. Mas já teve uma vida melhor que a minha. Eu achei que tava caminhando, né. Pro melhor. E agora vejo que a coisa tá complicada, e não

vejo tanta esperança pro meu neto. Eu achei que... meu deus! Meu neto teria muitas oportunidades, se a gente fosse caminhando pra esse mundo. Mas agora já não sei mais.

- Mas eu tenho pena da nova geração. Infelizmente, não vai ser fácil. Eu tenho um filho só, meu filho tem nove anos. Tudo o que eu faço é tentar dar um suporte pra ele, pra poder tentar sair fora do Brasil, porque no Brasil não tão vindo melhoras, entendeu? Tu tá vendo só a coisa decair, decair. É uma pena. O Brasil é um país muito rico. Mas é a roubalheira, os políticos, o sistema, né? O que é que sobra pros outros?

- Mas eu vou te dizer: eu não vou estar mais aí pra ver, mas lamento muito por essas crianças daí dessa geração de hoje. O futuro deles vai ser muito duro. Vai ser duro. Infelizmente a droga tá tomando conta do mundo. Hoje em dia ninguém trabalha mais para adquirir, é mais pelo vício. Pra sustentar o vício. E pelas drogas que existe toda essa criminalidade que tem aí. Antigamente, no meu tempo, não tinha issaí. No meu tempo era só trago, divertimento, cerveja, e tal. Mas a gente trabalhava, e dava dinheiro: hoje em dia o dinheiro não dá pra nada. Hoje em dia sou aposentado, ganho mil e duzentos por mês, e pra mim é um troco. Eu sou viúvo, trabalho, moro com minha neta, tenho que ajudar ela. Compro gás, ajudo a pagar luz, ajudo no rancho pra ela. Então... quer dizer, eu tô vivo, graças a deus. Não tô sozinho, não bebo, não fumo, então tô louco de bom. Se eu ganhar dez pila aqui tá bom, se ganhar cinco aqui tá bom, se ganhar cem tá ótimo. Né?

- Eu fiquei impressionada! A voz da Xuxa não é mais a mesma. É voz de velhinha! Voz da Hebe Camargo! Hahaha. Bem velhinha. Ela tá tentando forçar a voz dela, voz de criancinha, de angelical. Mas não! Não dá mais. Achei que ela tivesse rouca, mas a voz que mudou. É que a idade chega pra todo mundo, né.

- Mas os tempos mudaram muito. E agora nós vamos pro final do final. Eu acho que o computador vai terminar com tudo. Não dá pra confiar mais em nada. É o fim do mundo ou não é? Eu por exemplo sou um cara muito bobão. Eu confio nas pessoas. Eu acho isso bom. Mas eu agora tô ficando um pouco mais esperto, tô confiando menos. Mas não me traz felicidade.

- Nunca o homem foi tão infeliz como ele é agora. *[Aponta pro celular na mesa]*. Tira uma coisinha dessas aí das pessoa pra ti ver. São capaz de matar. Por causa dessas coisinhas que o cara conhece o mundo, e não conhece sua família. E não se conhece internamente. Tem

cabimento isso? Sabe tudo do mundo, mas não conhece a vida do irmão, nem do pai, nada. É, isso aí, então. Se afastam né?

Tá indo pro fim. Infelizmente.

Ai eu falaria
feito um teste
vocacional

[gargalhando]
? Tá lá de lado
cogitando

especial.
Hehehe.
Como que eu
vou estudar

isso aí? Onde
eu vou
trabalhar?
Não tem, né?

**TU É MUITO MELZINHO. SE O CARA É MUITO
MELZINHO AS FORMIGA TUDO VEM E COMEM ELE**

Boltrava o pau em tudo o que era
buraco, o Jorro, Meu irmão,

Mes era bem

Tu tem filhos? Com
quantos anos tu és?

excitante. Eu acho
que era excitante. Tu
achas mesmo que o

Bolsonaro vai

ganhar? Em quem

tu vai votar? Que

pergunta, né, Theo?

Se tu chamava um cara de como dava tiro né

As mulheres
não dominam

o mundo
porque é uma

desastre
Hahaha. É só

por essa cara
To te falando

velha. Hahaha.
Otra bem,

perce bem.

Mes isso
sempre
existiu,

pai. É que
as
pessoas

não
tiravam
coragem

de fazer.

Quando a cabeça
não pensa
o corpo padecer

IBGE do sexo!

Bixa, eu sou o

Tá cada vez
mais difícil ser
brasileiro

Eu

trabalhei
muitos anos

trabalhei.
Conectei a

trabalhar
com nove

anos, estou
com 73 e tô

trabalhando
ainda. É isso
aí.

Tem que pegar os lados bons. Os lados ruins...
é mão bado num. Se tu colocar assim, na ponta
da carne, vai gastar muita tina de carne
[gargalhando]. Vai gastar muita. É isso aí.

Sobriedad! Coisa de sobriedad.

O que eu
acho... a
democracia
foi aberta
de um jeito
errado. O
brasileiro
não tá
preparado
pra essa
democracia
que eles
fizeram.

La no serviço
é proibido
La no serviço
tambem

quebrando o
pau. Ni li tu
proibido.

Tambem se
cagando pau.

Ni voto
orden da

delegação:
"Proibido
falar de
politica.

Acabou. Não
é mais pra
falar de
politica."

Acabou. Não
é mais pra
falar de
politica."

Acabou. Não
é mais pra
falar de
politica."

Acabou. Não
é mais pra
falar de
politica."

Não tem

lógica

algumas

coisas que o

pal fala

Tu imagina as

nossas brigas

aqui todos os

dias até

chegar o dia

da eleição.

Haha. Era...

terrível!

Nossa preciso parar de comer um leão daqui!

Já dizia um amigo meu... essa história

de dignidade e valores morais é coisa

de pobre, rico não tá nem aí pra esse

tipo de coisa.



Figura 6 - Trabalho do corpo quarentenado: projeção de frases curtas da escuta rueira

Ai eu tinha
feito um teste
vocalcional!

/gargalhando

! Tinha dado
engenharia
espaçial.

Hahaha.

Como que eu
vou estudar

isso aí? Onde

eu vou

trabalhar?

Não tem, né?

TU É MUITO MELZINHO. SE O CARA É MUITO
MELZINHO AS FORMIGA TUDO VÊM E COMEM ELE

**Botava o pau em tudo o que era
buraco, o Jorge. Meu irmão.**

Mas era bem

Tu tem filhos? Com

excitante. Eu acho

quantos anos tu tá?

Tu é novo. Um filho na

que era excitante. Tu
vida muda tudo,

acha mesmo que o

Bolsonaro vai

ganhar? Em quem

tu vai votar? Que

pergunta, né, Theo?

Se tu chamava um cara

de corno, dava tiro né

As mulheres

não dominam

o mundo

porque é uma

classe

desunida.

Hahaha. É só

por isso, cara.

Tô te falando,

velho, Hahaha.

Olha bem,

pensa bem.

Mas isso

sempre

existiu,

pai. É que

as

pessoas

não

tinham

coragem

de fazer.

Quando a cabeça

não pensa

o corpo padece

Bixa, eu sou o

IBGE do sexo!

E eu

trabalhei

muitos anos.

trabalhei.

Comecei a

trabalhar

com nove

anos, estou

com 73 e tô

trabalhando

ainda. É isso

ai.

Tem que pegar os lados bons. Os lados ruins...
é muito lado ruim. Se tu colocar assim, na ponta
da caneta, vai gastar muita tinta de caneta
[gargalhando]. Vai gastar muito. É isso aí.

O que eu

acho... a

democracia

foi aberta

de um jeito

errado. O

brasileiro

não tá

preparado

pra essa

democracia

que eles

fizeram.

Solteirão! Coisa de solteirão.

Lá no serviço

é proibido.

Lá no serviço

tavam

quebrando o

pau. Ai lá foi

proibido.

Tavam se

cagando pau.

Ai veio

ordem da

direção:

"Proibido

falar de

política.

Acabou. Não

é mais pra

falar de

política".

Não tem

lógica

algumas

coisas que o

pai fala

Tu imagina as

nossas brigas

aqui todos os

dias, até

chegar o dia

da eleição.

Haha. Era...

terrível!

Nossa preciso parar de comer tira isso daqui

Já dizia um amigo meu... essa história

de dignidade e valores morais é coisa

de pobre, rico não tá nem aí pra esse

tipo de coisa.

5 DIÁRIOS DA VIDA ENTRE PEREGRINXS

5.1 CURTAS E GROSSAS

“Aposto que ela nunca me viu assim”, me diz um peregrino que eu atendia, as 7h da matina do lado de fora do serviço. “Eu estou muito louco”. Ele vira para outro peregrino tagarelando em voz alta atrás dele na fila para acesso. “Falo isso com todo respeito”, ele diz ao peregrino mais velho enquanto cambaleia sobre a perna esquerda – o preço de uma virada de corpo tão brusca. “Se eu ouvir a voz do senhor hoje, eu lhe mato”.

“Só pra provar procê que eu não tô te mentindo, Theo”, me diz um peregrino quando pergunto se ele voltou a praticar assaltos. Ele abre a carteira, e jorram cartões sobre a mesa. C&A, Renner, Marisa, Caixa Econômica Federal. “Olha aqui ó... meus pano, a bicicleta... tudo dentro da lei”, ele diz. Os cartões apresentam uma vasta gama de nomes que eu nunca vi na vida. “Dessa vez tô tomando jeito”.

“Tu é muito melzinho”, me diz um peregrino puto da cara. “Se o cara é muito melzinho as formigas tudo vêm e comem ele”.

“Bom dia”, digo no início da manhã a uma peregrina trans que está entrando no espaço. “Tu tem toda a cara de quem passa cheque né Theo”, ela responde.

“Pode trabalhar tranquilo, Theo”, me diz um peregrino que eu vinha atendendo a algumas semanas, depois de eu suspender outro peregrino por me ameaçar de morte. “Quem cuida de mim tá muito bem cuidado”, ele me diz levantando a camiseta e exibindo um facão mal posicionado na cintura. “E todo mundo tá sabendo. Aqui ninguém vai fazer nada contigo. Pode confiar”.

“Ah é? Tu não vai me deixar fazer uma ligação?” me pergunta um peregrino jovem, do lado de fora do espaço. Ele bota a mão no bolso e saca um isqueiro. “Se não me deixar fazer uma ligação vou colocar fogo nesse lugar”. Ele leva o isqueiro até a fachada de concreto, e acende. Ficamos os dois olhando a chama pateticamente lambendo a tinta branca. Tento segurar o riso e não consigo. Ele atravessa a rua puto da cara e arremessa uma pedra, quebrando uma das janelas.

“MEU PRÍNCIPE DOS CABELOS CACHEADOS”, grita uma peregrina trans pra mim. Eu havia abordado ela reforçando que se ela fosse traficar, que fosse do lado de fora do serviço, porque eu não estava a fim de suspender ninguém num plantão de feriado, mas também não queria ser cúmplice. “Me desculpa, lindo. Viajei mesmo. Só me vê o lanche que eu já tô saindo”.

“O negócio é o seguinte, Theo. Eu tô muito louco”. “ÉÉ O CARA TA MT LOKO”, me diz um peregrino que fica com dupla personalidade quando fuma crack. “Tô fumando pedra e tomando uma boa cachaça, aí quando anoitecer só passo no CAPS e eles me internam então não preciso de albergue”. “HEHEHEHE ÉÉÉÉ O CARA VAI DORMIR BEM HOJE”.

“Que idade tu tem, filho da puta?”, me diz um peregrino quando informo ele que ele está suspenso. Ele havia agredido outro peregrino com deficiência física dentro do serviço. “Tu não tem nem 30 anos ainda. Eu tenho 30 anos só de rua. Me respeita ô pau no cu”.

“Tô com uma namorada em Dom Pedrito agora, Theo. Quero ir visitar ela semana que vem”, me diz um peregrino catador quando alcanço o telefone fixo para ele ligar pra ela. Ele saca do bolso um anúncio recortado do jornal, que diz: “Mulher, loira, 44 anos, procura homem evangélico de 30 a 50 anos para relacionamento sério”. Reflito se deveria mesmo permitir a ligação, mas quando me dou conta ele já sai falando: “Oi amor. Sou eu”.

“CARALHO THEO O GIGANTE TÁ BATENDO PUNHETA COM O DEDO NO CU NO BANHEIRO DOS HOMENS AGORA TU VAI TER QUE SUSPENDER ELE HAHAAAAHA”, me diz um peregrino jovem no início de um turno de plantão de domingo. Desnecessário dizer, mas um dos piores plantões da minha vida.

Dois peregrinos conversam comigo numa tarde ensolarada de domingo, no pátio. “Tu ganha uns 5 mil né Theo”, me pergunta um deles. Dou uma alta gargalhada, propositalmente. Outro peregrino o corrige: “Não né meu. O Theo é técnico. Deve fazer uns 8 no mínimo”. Rio mais alto ainda. “Quanto tu ganha?”, o primeiro me pergunta. “Chutem”, eu respondo. Um deles dá um palpite ótimo: 13 mil. Minutos se passam sem eles acertarem nenhum palpite e desistirem. Faço um gesto com a mão fechada e dois dedos erguidos ao céu. “Só isso?”, eles

perguntam. Aceno que sim. Os dois respondem com silêncio por um tempo. “Então tu meio que gosta da gente mesmo?”, um deles pergunta.

“Puxei 15 anos quando fui preso. Não desejo isso pra ninguém”.

“Quem diz que o crack é a droga mais barata não sabe o que fala. Na verdade, é a droga mais cara. O cara fuma uma pedrinha e não consegue mais se segurar. Fica menos de um minuto no brilho depois precisa de mais. Segue nesse fluxo a noite toda. Isso sem falar do esculacho. Quem tá na pedra é muito esculachado na boca. Ninguém respeita”.

“Ô THEO TU PARECE AQUELES POLICIAL DO DENARC NÉ... CABELO PRESO, ROUPA TODA PRETA”.

Na porta do serviço, informo um peregrino que ele está suspenso por contínuas ameaças de morte a equipe, ressaltando que um tempo longe o faria bem e pedindo que repensasse a forma como se relaciona com os demais. Ele sai calmamente, e para na calçada voltando-se pra mim. “Eu não ameacei ninguém”, ele diz. Peço novamente que tome um tempo para refletir. “Agora tu vai ver o que é uma ameaça. Eu vou voltar aqui depois!”. “Meu querido”, eu respondo, “isso é uma ameaça”. “Não é não”, ele insiste. “Ameaça tu vai ver o que é amanhã, quando eu voltar”. “Veja só”, eu digo de novo. “Isso é outra ameaça. Tá vendo?”.

5.2 ADEUS AO ALBERGUE MUNICIPAL

Era meados de setembro de 2019 e o Albergue Municipal de Porto Alegre iria fechar. A Casinha, assim chamada carinhosamente pelos peregrinos, fazia parte do bairro Floresta e oferecia 150 vagas durante a operação inverno – mas nós, que trabalhamos no meio, sabíamos que a equipe de lá às vezes colocava mais pessoas pra dentro reconhecendo particularidades e necessidades específicas.

O fechamento fazia parte do projeto da prefeitura de “Parceirização”, termo carinhoso e eufemista para uma privatização que reduzia orçamentos e isentava o governo de arcar com custos de estrutura e recursos humanos. Em seu lugar, um albergue com meras 75 vagas no mesmo território, regido por instituição religiosa e estruturado fisicamente a partir de doações, abriria as portas sem qualificação técnica ou experiência prévia.

Frente ao fechamento, minha curiosidade me levou até ele após um turno de trabalho, para conhecer o lugar que fecharia em questão de dias. Fui com uma colega, e fomos recebidos pela assistente social com mais de 20 anos de estrada no mesmo serviço. Ela, feliz com a surpresa e com alguns minutos de folga até a abertura, nos acompanhou em um tour guiado pelo prédio vazio, que lotaria de peregrinos no turno da noite, assim como o fez todo o santo dia ininterruptamente, independente de que feriado fosse, durante décadas.

A assistente social nos passou pela portaria, onde as poucas posses de dezenas de peregrinos ficavam armazenadas antes de passarem por detector de metais, nos levando em seguida para o refeitório, os banheiros e chuveiros, recheando o espaço físico com relatos de vinte anos de experiência em um serviço noturno de portas abertas e demanda espontânea. Pegamos o elevador e fomos aos quartos, separados por gênero (masculino, feminino e trans) e por enfermidade (acessibilidade, quadro de tuberculose, etc.), depois as salas da equipe.

Ela parou numa divisória e puxou uma porta de aço, longa e pesada. “Porta do pânico”, ela disse. Instalada em 2014, após uma forte rebelião interna por não haver transmissão dos jogos da copa do mundo. Narrou a tropa de choque entrando no espaço e os peregrinos correndo para deitar em seus leitos antes da invasão ao andar superior. Perguntei sobre política da casa em relação ao futebol: “Depois disso, quem quiser ver jogo pode ver e vai deitar mais tarde”, ela disse.

Senti muita coisa enquanto andava pelo espaço e ouvia as histórias. Anos de construção metodológica, adaptação do espaço, histórias, tudo ia embora com o sopro dos tempos de austeridade, sem qualquer registro. As dezenas de milhares de prontuários apodreceriam em algum canto escuro da sede da FASC, toda a produção de conhecimento em um lugar que intervém no turno da noite caída no esquecimento, a reabertura de um serviço novo começando do zero, sem experiência, sem acesso a prontuários ou metodologia. Quis conversar com ela mais, para minha pesquisa, mas não fiz convite algum. Apenas perguntei, logo antes de ir embora: “Como tu se sente com esse fechamento?”

“Vou dizer uma coisa pra vocês que vocês não vão gostar”, ela disse em tom de advertência. “Sei que ninguém gosta de ouvir isso, mas é a verdade. Tá tudo uma bagunça. Nos tempos da ditadura dos militares pelo menos as coisas funcionavam! Hoje em dia é tudo desordem e confusão”

Aquilo caiu no meu estômago como um tijolo. Quer dizer: como assim? Décadas de trabalho com peregrinação, de um serviço essencial, de SENSIBILIDADE no acolhimento e de colocar mais gente pra dentro pra acolher mais gente e proteger e... isso? Esse é o sentimento?

Minha colega, ao meu lado, parecia mais chocada. Ela disse: “Mas... como que... como que tu diz isso?”

“É a verdade”, ela responde. “Eu sei que ninguém gosta de ouvir isso. Vocês são novos, não entendem”.

“Mas... pessoas foram torturadas! Houve graves violações de direitos!”, minha colega insistiu.

“Naaaaah”, responde ela. “Isso foi o que? Só quatro por cento da população. Não é nada”.

A portaria abria e os peregrinos iam se enfileirando para entrar, sacolas nas costas, carrinhos, garrafas vazias de cachaça aqui e ali, cães. Saímos atônitos, atravessamos a rua cumprimentando peregrinos conhecidos e seguimos, cada um com seu caminho.

Não só a Casinha fechou em 2019, mas também nesse ano coisa inominável de 2020 o albergue mais antigo da cidade também foi fechado pela prefeitura para abrir um com menos vagas, não só “parceirizado”, como também delegado à empresa religiosa do filho do secretário de desenvolvimento social do município. É uma equação matemática: com menos vagas de pernoite, aumenta o número de pessoas em condições deploráveis, a violência explode entre a população que habita a rua.

E fico pensando na assistente social e seus “só” quatro por cento. Fico fazendo tentativas de redimir o comentário dela, pensando que hoje em dia não existe encaminhamento para albergues por outros serviços da assistência por razão de falta de vagas, e a metodologia adotada por parte dos albergues parceirizados, em questão de menos de um ano, passa por catequização dos peregrinos e intolerância religiosa.

Talvez o que ela quis dizer é que a repressão é maior hoje em dia, que nesses anos que passaram desenvolvemos novas tecnologias para ampliar o genocídio e a precariedade do povo brasileiro, e que a nossa democracia, hoje, se tornou método mais eficiente de culto à morte e à miséria do que os militares tiveram nos anos de chumbo.

Me lembro de uma peregrina cuja única fonte de renda era sentar no meio fio da rua próxima a uma boca de fumo, avisando os patrões do movimento da polícia. Ela, que já havia sido torturada pela polícia tantas vezes que já fazia piada com isso, uma vez me descreveu quando dois brigadianos utilizaram uma técnica de tortura chamada *waterboarding*, desenvolvida pelos norte-americanos no Iraque, para se divertir às custas dela. Se paro para contabilizar o número de relatos de tortura em primeira pessoa a que tive acesso, somados a necropolítica e a estratégias mais sutis de matar, talvez estejamos matando, numérica e

proporcionalmente, mais pessoas do que se fazia antes. Mas isso é só especulação da minha parte.

Ao lado do prédio vazio da Casinha – literalmente ao lado – em pleno território de uso e tráfico de drogas, prostituição e peregrinação, abrirá um Museu de Arte Contemporânea, impulsionado pela verba de grandes empresas.

5.3 O DIA EM QUE EU NÃO FUI ASSALTADO

É meia-noite de um dia de semana, estou na orla do Guaíba tomando a saideira e decido que quero voltar a pé para casa para ir bebericando um latão de polar no caminho enquanto ouço música. A noite está linda, mas isso acarreta num caminho longo: percorrer toda a Duque de Caxias até a Independência, vencer toda a Independência até a Mostardeiro, descer a Miguel Tostes até o Rio Branco e virar na Mariante. Sei das implicações da minha decisão, mas estou com muita vontade. Vou andando. Nos fones, estourando o volume, toca Balkan Beat Box, que é pra dar pique e animação enquanto a cidade deserta vai passando sob meus pés.

Na curva da Santa Casa, o ponto mais escuro e perigoso do caminho, avisto dois homens jovens, cada um com uma garrafa de corote rosa na mão, vindo no sentido oposto ao meu. Minha mão fica trêmula e afrouxa a pegada no latão. Não há mais ninguém na rua. Respiro fundo e tento me concentrar nas pernas caso seja necessário correr. Percebo na movimentação e no silêncio deles que já existe uma combinação prévia ao nosso encontro. Estou jogado à sorte.

Quando nos aproximamos, um deles fica surpreso, e grita: “AE CABELOOOO TA FAZENDO O QUE AQUI IRMÃO”. Estamos todos bêbados e a felicidade de ver um rosto conhecido me coloca em êxtase. Pulamos e gritamos juntos, nos abraçamos, brindamos e damos algumas risadas jogando conversa fora. O Cabelo (que eu chamo assim porque ele mesmo me chama de Cabelo) me apresenta ao seu amigo e diz pra ele: “O Cabelo é uma figura, negão. Trabalha lá no pop, me dá uma força de vez em quando”. Seguimos com nossos destinos. Chego em casa extasiado por ter passado ileso e vou direto pra cama porque vou trabalhar no dia seguinte.

Quando chego no serviço, as 7h da manhã subsequente, encontro o Cabelo de novo. Dou bom dia pra ele, tentando segurar o riso, e ele bate nas minhas costas. “Ô cabelo hein. Tá me devendo uma. A gente ia te assaltar ontem”. Ele vira para os demais peregrinos, rindo: “O cabelo ontem dando rolê de madrugada no centro. Deu sorte que o negão me ouviu. Eu disse

pra ele não, não, negão, o cabelo é legal, esse aí passa. Porra cabelo quase tomou uma ruim ontem hahaha”.

Lembro de pensar comigo mesmo: nada mais natural. Apesar de amar meu trabalho, é preciso reconhecer que pouco mais de dois mil reais mensais é uma quantia pífia para trabalhar sob insultos e ameaças, imerso em violento território e com comprometimento de sono cada vez mais agravante. Pelo menos tive isso: mantive meu telefone celular por mais tempo, e tive um encontro aleatório que ressignificou as intervenções que eu fazia com um jovem em situação de rua.

5.4 RACISMO E AUTO-ÓDIO NO MUNDO PEREGRINO

Estou com uma colega do trabalho em frente ao Centro POP, jogando conversa fora com peregrinos que aguardam para entrar no serviço e tomar um banho. Os peregrinos estão de olho em um carro estacionado. É um carro grande, tipo um SUV, bem cuidado, limpo e pintado de duas cores.

Todos se calam para observar o dono do carro chegando quando o alarme apita uma vez, indicando que está destrancado. Um homem negro, alto, de terno e óculos escuros entra no carro sem trocar olhares conosco, dá a partida e sai do campo dos olhares curiosos dos peregrinos. “Vish”, diz um deles, “preto com um carro desses só pode ser ladrão”.

Minha colega demonstra ultraje com o comentário e intervém: “Como tu pode dizer isso, tu é negro também”. “É sou ladrão também, né. Tá aí”, ele responde rindo.

5.5 CARTOGRAFIA DE UM SOCORRO: [ALERTA DE GATILHO – VIOLÊNCIA]

Era início de mês e eu estava na sala de atendimento técnico nas correrias burocráticas de terminar o monitoramento do mês para enviar à prefeitura e prestar as contas mensais do funcionamento do serviço. Entre focar na tela do computador e me distrair com a mente vagando atônita, o canto do meu olho capta, na televisão sobre o armário que exhibe as imagens filmadas pela câmera na fachada do Centro POP, uma movimentação atípica. E me levanto e tento ver de perto para discernir. Na imagem, dois peregrinos indo às vias de fato cambaleiam pela rua se empurrando e trocando socos. Um deles derruba o outro e desfere golpes com o pé no corpo desacordado.

Saio correndo, desço o lance de escadas em dois saltos que quase confunde as pernas que já se encontram trêmulas. Quando chego à rua, o peregrino que restou em pé está chutando

o outro inconsciente no chão. Faço uma gritaria, chamo o agressor pelo nome. Ele para logo antes do golpe de misericórdia direcionado a cabeça, vira para mim com os olhos de raiva. Grito que se alguém vir a óbito não hesitarei em citar nomes às autoridades. Ele sai andando pela rua. “Gaúcho é muito macho, mesmo. Muito macho. Olha o que acontece”. Nunca mais o vi depois.

Ando até o corpo desmoronado no asfalto. O rosto está irreconhecível. Ele grunhe. A roupa rasgada, sangue, inchaços. Minha colega vasculha seus bolsos e encontra um documento. Eu o conhecia. Havia atendido ele na semana passada. Ele assaltava pessoas na redondeza como forma de renda. Me procurou pedindo duas passagens de ônibus, e como não tinha especificado a razão do requerimento, dei a negativa. “Tudo bem”, ele me disse à época. “Se não me der, caso eu te encontre por aí na rua, não me responsabilizo pelo que possa fazer. Sei onde tu pega ônibus”.

Agora era diferente, obviamente. Aquele ser hostil que saíra do atendimento puto da cara comigo era vítima, e era impossível não sentir pena, ou dor. O sol forte do meio dia incidia em ângulo reto sobre o corpo exposto pelo conflito. Com uma mão projeto uma sombra sobre seu rosto, e com a outra ligo para chamar uma ambulância. 15 minutos de espera.

Me ajoelho ao lado dele e o chamo pelo nome. “Tá me ouvindo?”, eu pergunto. “Tô”, ele diz sem se mexer. “Sabe onde tu tá?”. “Não. Me ajuda”. Digo que já acionei socorro médico, e que basta aguardar um pouco. Digo onde ele está, e digo que sou eu que estou com ele. A mão se estende na minha direção e eu a seguro. Ela está áspera e quente, suja de sangue e terra. “Fica aqui comigo por favor”, ele diz. “Não vá embora. Eu te pago depois”.

Depois do que parece uma eternidade, a ambulância chega e o leva. Como não informam onde ele será levado, deixo um cartão com duas passagens de ônibus no seu bolso. As passagens que eu não dei na semana anterior.

Na mesma noite, sonho que estou em um atendimento, consolando uma peregrina trans que apresenta sintomas severos de abstinência. Ela chora porque não tem como encontrar recursos pra atender a essa necessidade física. Eu digo que não faz parte do meu trabalho fornecer recursos para dependência química. Seguro sua mão. Outros peregrinos passam e proferem insultos em minha direção, me julgando pela característica puramente afetiva da minha intervenção. Acordo com a mão latejando.

Tantos pensamentos, tantas perguntas. Que tipo de ser é esse, a Rua? E por que é substantivo feminino? Quase 85% da população em situação de rua é masculina, perdidos ou achados em idas e vindas. Peregrinos. Quase como homens em um relacionamento abusivo, do qual eles mesmos são vítimas, e através do qual eles vitimam. Seria a Rua uma divindade como

a Medusa, que petrifica quem olha pra ela diretamente, conservando peregrinos como rocha em situação de rua, passíveis de violentar e serem violentados sistematicamente? Qual é o feitiço dela, que mesmo quando alguém sai da rua e encontra domicílio, nunca mais se desvincula da metodologia necessária para sobreviver sem casa?

“Não vai embora. Eu te pago”. Tudo na rua é monetizado. Um cigarro, meio cigarro. Tênis, cuecas, alimentos. Nada mais natural, e óbvio, que monetizar a atenção e o afeto. Mas quem vincula é só eu. O ato de ter tocado em outro peregrino me marca pra sempre, como uma cicatriz. Eu estou pra sempre vinculado a ele. Eu sonho com isso, por vezes sinto a textura áspera de terra na minha mão, como se tivesse cruzado uma fronteira imaginária quando burlei o limite do toque e agora me vejo num deserto arenoso.

Por outro lado, pra quem é peregrino, é só mais um dia. O vínculo pra quem tá na rua é outro, e há quem diga que ele inexistente. Na semana seguinte ele retorna ao Centro POP. Não quer entrar, nem atendimento, apenas o documento de volta. Um dos educadores o alcança a carteira de trabalho através da grade do portão, e ele segue sua caminhada.

5.6 DAS COISAS QUE TEMOS EM CASA, MAS ENCONTRAMOS ALEATORIAMENTE NA RUA

Era uma quarta-feira de cinzas e havia sido um dia fodido no trabalho. Eu havia atendido literalmente 19 peregrinos, e estava exausto quando, faltando menos de um par de horas pro fim do expediente, P. furou a fila de moradores de rua para acesso ao espaço e correu para a sala de atendimento técnico. Ele sentou numa cadeira a minha frente usando uma camisa do Milan, e levou a mão, empunhando um sem-número de comprimidos como depakene e diazepam, à boca. Eu pulei por cima da mesa e entramos em um embate físico – o meu primeiro em quase um ano trabalhando com população em situação de rua – apenas para eu constatar que era tarde demais. Tomando fôlego após engolir o montante todo, P. chorou, e disse que foda-se mesmo porque a vida não valia a pena ser vivida.

P. fazia parte de um grupo de pessoas que eu chamo de “Calcanhar de Aquiles das Políticas da Assistência Social”: egresso de abrigos para menores, egresso da FASE e depois do cárcere, situação de rua, negro. Seus vinte anos de idade dizem à lei que ele é maior. Seus olhos me dizem, sempre que o vejo, que é um menino. Embarquei numa ambulância com ele, segurei sua mão, enxuguei suas lágrimas. Na Unidade de Pronto Atendimento, liguei o aparelho de oxigênio que o médico e os enfermeiros, acostumados a ter corpos negros deitados sobre as

macas, acidentalmente esqueceram desligado. Descobri que se usa carvão ativado para fazer lavagem estomacal, a mesma matéria que filtra a água que eu bebo no aconchego do lar.

6 REGISTROS SOLITÁRIOS SOBRE PEREGRINAR NA PESQUISA

6.1 CONVERSAS DE BAR

“Aproveitei que tinha pego uma trena emprestada pra pendurar na parede meu quadro novo do time do Grêmio campeão da Libertadores de 2017 e medi meu pau pela primeira vez.”

6.2 CONVERSAS DE UBER

“Irmão, deixa eu te contar um caso então. Copa do Mundo no Brasil, 2014. Recebo uma corrida pra levar uns argentinos: um casal e dois amigos. O homem do casal senta aí onde tu tá, no carona. Atrás senta a mina no meio, entre os outros dois caras. Todos entram no carro com uns copão cheio de bira. Caipirinha.

Vou conversando com o cara do meu lado, mas olho no retrovisor: os dois amigos dele passando a mão na mina, cara! Na cara de pau, passando mão na coxa, no corpo todinho. Os três ali atrás de risadinha. ‘Hihihi’, ‘hohoho’. Eu fico na minha, fico bem quietinho.

Lá pelas tantas, o cara olha pra trás e vê aquilo. Fica PUTASSO, pistola mesmo. Começa a gritar, e xingar. Me diz pra parar o carro e manda os dois caras descem ali mesmo. Na Venâncio Aires, perto da praça Garibaldi. Eles descem, nós seguimos a corrida. Eu e o casal. Aí o cara fica xingando a mina, gritando com ela. O cara tá fora de controle. Bota a mão pra trás e começa a tentar bater na mina. Aí eu digo: ‘Ôôôpa! Peraí. Tu quer bater na mina, vai fazer isso na rua, bem longe do meu carro. Me deixa fora disso’. Aí o cara começa a gritar comigo, me xingar, e eu já não entendo mais nada porque é tudo em espanhol e o cara tá fora de controle.

Paro o carro, desço e arranco ele dali. Começo a cagar o cara a pau. Ele cai no chão e eu tô lá: chutando, chutando. Quando canso, entro no carro de novo, e a mina pede pra eu esperar. Hahahaha. Ela desce do carro, dá mais uns chutes nele, e pega a carteira. Volta pro carro, e me dá outro destino, pra encontrar aqueles amigos. Abre a carteira do cara, e me dá todo o dinheiro dele. Todinho! Hahahaha. Ainda saí lucrando.

Mas concordo contigo, os argentinos são... bem, é difícil falar assim, como se fosse todo argentino. Aí não dá. Mas eles são diferentes de nós mesmo. Argentino chega aqui e fica urubuzando as brasileiras, véi. Não conseguem se controlar. Quem vê de fora acha que não existe mulher na Argentina, pelo jeito que eles olham.”

6.3 PAPO DE PAI PRA FILHO

Putá que me pariu! Que porra é essa? Que absurdo isso, que coisa mais desagradável, porra. Se não quer fechar a porta quando vai mijar pelo menos faça isso sentado. Ou melhor, faça isso sentado sempre que estiver aqui: suja menos meu banheiro. Já não basta ficar velho e levar quinze minutos pra mijar, pouquinho por pouquinho, tenho que escutar meu filho fazendo Foz do Iguaçu na minha privada, todo machão. Aproveita. Aproveita enquanto dura. Sabe o que é ser velho? Primeiro é ter que ter um dedo enfiado no seu cu uma vez a cada seis meses. Aí você sai atrás de urologistas, e faz uma consulta só. É tudo fresco, tudo cheio de nó pelas costas. Tudo médico cuzão, mal resolvido. Todo mundo fica insuportavelmente sério naquela hora. Ainda estou pra encontrar um único que ria das minhas piadas. “Pelo menos me pague um jantar antes, doutor”. “Doutor, isso não foi tão ruim, que tal me dar seu telefone pessoal?”. E eles ficam lá, impassíveis, como se tivessem eles mesmos com um dedo atochado no rabo. Aí tu procura teus amigos pra indicação de urologista. “O meu também é um cuzão”, eles dizem. Tudo recalcado por causa da profissão que escolheram: colocar dedo no cu de idoso. E isso é uma coisa, a próstata, o mijo. Pode rir, eu não me importo. Ri mas fecha a merda da porta! É também o meu quadril que tá me fazendo andar torto, e andar torto que tá fodendo meu joelho. Me mandam pra tudo o que é lugar. Acupuntura, medicina alternativa, traumato, a porra toda eu já fiz. Aí agora que me aposentei, ao invés de ficar em casa, tenho pilates, natação, caminhada. A natação fodeu meu ombro: fui pro quiroprata. Fiquei tempo sem exercício físico. E a barriga aumentando. Tu nem reparou, mas eu quase não tô mais bebendo cerveja. Nem vinho, e cortei os drinks com tônica. Queijo colonial? Nem pensar. Cortei as bolachas de água e sal, a manteiga, a carne vermelha, a maionese. Eu não como nada que eu gosto há três semanas já. E nada de comer até se saciar: é um prato e deu. E a barriga não diminui: olha como eu estou. Cento e dez quilos. Eu sou uma rolha que anda torto e mija gotinhas. Aproveita isso que tu tem. Depois tudo para de funcionar e vira uma merda. Me faça só um favor, pelo menos feche a porta quando mijar aqui. Eu sei que temos essa intimidade, mas não me obrigue mais a ouvir sua mijadeira viril. Nem lembro quando foi a última vez que mijei dessa maneira. Faça só esse favor ao seu velho pai. Eu raramente te peço qualquer coisa. É muito desagradável. Vou te dizer uma coisa: se eu pudesse ter um desejo atendido, um único desejo atendido, qualquer desejo, sabe o que eu pediria? Não pediria dinheiro, não pediria companhia, nem nada material. Eu sequer pediria pra ser jovem de novo, não quero nem ser jovem de novo! Não me importo mais com nada! Só pediria isso, exclusivamente isso: faz esse corpo voltar a funcionar direito. Nem que seja por um dia, um único dia! Quero lembrar como é levantar da cama de manhã sem um urro

de dor ou um suspiro cansado. Andar direitinho, sem mancar, até o banheiro e dar uma mijada dessas aí. Foz do Iguaçu! Vamos combinar isso? Próxima vez tu fecha a porta. Obrigado. E faz sentado, antes que eu me esqueça. Tu viu que o Ferreira pediu divórcio da Márcia? Trinta anos de casados. Parece que tá com uma guria nova, uma professora universitária, 40 e poucos anos...

6.4 ESPAÇOS ALEATÓRIOS DE CONFISSÃO

Quando eu tinha moto, e ela estragava, eu passava numa oficina e deixava lá. O dono da oficina era meio cegueta, tinha perdido 80 por cento da visão num acidente de moto. Ele fazia boca de urna pro Brizola, foi pego pela polícia e decidiu fugir. Deu de cara num caminhão, durante a fuga. Ficou quase cego. Um outro cara que trabalhava lá tomava um litro de cachaça, pegava a moto e dirigia até o Cassino, em Rio Grande, todo fim de semana. Era esse tipo de louco que frequentava a oficina. Os dois tinham um amigo que era mais louco que eles. Tinha três motos, todas com nomes femininos, e chamava elas pelo nome próprio. A Sandra, a Madonna, a Patrícia. Mas quando ele falava da esposa, só dizia: “A mulher”. Tu entende? “A mulher disse que... a mulher acha que...” Ele tratava as motos como pessoas, e a mulher, como “a mulher”. Tirou a surdina de todas as motos: a gente ouvia ele chegar na oficina a quilômetros de distância. TUNDUMDUMDUM PAPAPAPA. Ensurdecedor, mas ninguém falava nada. Quando ele saía, todo mundo comentava: a surdina era pra avisar a esposa. “É moto de corno manso”, eles disseram. “A mulher se dá conta, manda o amante pra rua e todos ficam bem”. Sabe o que é pior? Era uma piadinha de tiozera, idiota, sabe? Mas parei pra pensar e total fazia sentido...

6.5 MAIS CONVERSAS DE BAR

Quatro homens e duas mulheres, todos brancos, conversam em pé numa roda. Todos tomam cerveja de latão. Estão na praça do aeromóvel, e já passou da uma hora da madrugada de um dia de semana. Mesmo assim, centenas de pessoas espalhadas pelo gramado insistem na noite, e o som de burbúrio é alto. Todos conversam gritando, trabalhados no álcool desde o pôr do sol. Faixa etária: dos 25 aos 30 anos.

“E eu e meu coroa, que quase saímos na mão esses dias? Desculpa, tô louco já, mas vou falar. A gente brigou. Aí ele me diz que devia dar em mim. Eu digo ‘pode vir, mas fica sabendo

que eu vou botar contra. Queria dar em mim? Devia ter aproveitado quando era pequeno. Agora tô grande, vou pôr contra, não vou aceitar'. É isso. Se precisar saio na mão com ele”

“É sério isso? Tipo briga física? Se pegar no pau? Não acredito, querido. Mas vocês apanhavam quando eram pequenos?”

“Bah, eu apanhei horrores. Apanhava. A última vez eu tinha quinze anos, tava no banco do carona do carro. Meu pai tava dirigindo. Deu em mim de mão fechada. Foi tão forte que minha cabeça ricocheteou e eu bati a cabeça no vidro da janela”.

“O QUÊ?”

“É... comigo era assim. Mas eu nunca revidei, jamais daria no meu pai. Não entendo quem diz que sairia na mão com o próprio pai. Mas era isso, ele achava que tava fazendo a coisa certa. Ele era filho de coronel, apanhou de todo jeito possível quando era jovem. Como quando ele olha pra si, pensa que a educação deu certo, e que fez bem pra ele, usou o mesmo método comigo. Mas é doido, isso me ensinou umas coisas bem ao contrário, por muito tempo. Eu apanhava, mas o que eu pensava? Que sim, o que eu fazia era moralmente errado, mas que o importante era não ser pego. Não vacilar. Aprendi a mentir, e aprendi também a fazer um monte de coisa sem ser pego. Valorizava mais a possibilidade de escapar, e criava formas disso. Levei muito tempo pra me dar conta que o vacilo é inevitável, mas que o importante é ser sincero”.

“Meu, eu nunca apanhei. Tá certo que eu sou menina, mas acho que... acho que eu era mais de boas, sabe? Nunca entendi isso de dar nos filhos. Nunca. É muito estranho pensar que isso acontecia, que era normal. Que se educava assim, sabe? Acho louco pensar nisso”

“Eu também nunca apanhei”

“Tá meu, deixa eu terminar a história da briga com meu coroa. É que a gente tava brigando por causa da educação que eu dou pro meu filho. Ele me diz: ‘Filho, as vezes tu tem que corrigir, tem que dar nele. Isso faz parte da educação’. Só que ô meu, PORRA! Meu filho é muito de boas, tá ligado? Ele é de outro tempo, ele é de outra época. Não dá, tá ligado? É impossível. É todo um outro entendimento das coisas. Ele pode fazer uma merda enorme, que mesmo assim é impossível ficar brabo com ele. Tu diz ‘PORRA, filho! Por que tu fez isso? Qualé que é, tá ligado?’. Aí ele vem correndo e me abraça. ‘Me desculpa, pai. Desculpa mesmo. Eu te amo’. Nunca deixa de sorrir, nunca se abala. É assim que ele aprende. E pede desculpas, sorrindo. Faz um carinho. É impossível cogitar dar uma nele. Mas é isso que tu disse: pros nossos coroa, era assim que se fazia. Eles viam uma legitimidade naquilo. Eu não consigo, jamais conseguiria bater no meu filho. Ele é muito de boas, muito ligeiro. Aprende muito mais rápido do que a gente aprendia. Não faz sentido bater nele. Não tem por quê”

6.6 MAIS E MAIS CONVERSAS DE BAR

- Theo, tu acha que o churrasco é uma expressão de masculinidade tóxica?
- Só se for para o meio ambiente.

6.7 MAIS ESPAÇOS ALEATÓRIOS DE CONFISSÃO

Do que eu tenho medo? Imagine o seguinte: ela me abandona, eventualmente. Solteiro, triste e incapaz de interagir, não consigo mais transar nunca, nunca mais. Vou pirando no celibatismo, fico cada vez mais recalcado, amargo. Eventualmente, começo a defender o Bolsonaro. Esse é meu medo: virar mais um bolsonarista, por causa de frustrações pessoais que não são culpa de ninguém senão minhas. Esse é o meu medo. Me tornar um daqueles caras.

7 O IMORAL SE TORNOU POEIRA DO DIA A DIA ?

É, no mínimo, irônico o fato de que advogo a caminhada enquanto método, e a importância do passo a passo para registrar e prestar atenção nas vozes da cidade, mas minha semente de pergunta de pesquisa, “qual é o problema dos homens?”, tenha vindo em um Uber que acelerava pelo asfalto de madrugada. Mas abraço minhas contradições.

O ano de 2012, que cito também na abertura desse trabalho, foi um dos últimos anos de que me lembro de sair de noite durante a semana, vagar por bares em busca de algo que eu nem sabia o que era e retornar às quatro horas da manhã, a pé, escalando a fachada do colégio militar para andar acima da calçada ou subindo em cima de paradas de ônibus. Em plena quarta feira. Certo que eu era mais jovem, mas hoje não há mais bares depois das 2h da manhã em Porto Alegre – com ou sem pandemia – e quem escolhe por vagar de madrugada durante a semana sabe dos riscos que corre: se até os peregrinos preferem se ajuntar quando vão dormir na rua, estão também sinalizando uma leitura do que é a rua no período da noite. Nesses últimos anos de Porto Alegre de noites desertas, às vezes é mais barato voltar de Uber.

E interessante eu sabia, à época, que a boemia, naquela forma que eu conhecia, tinha seus dias contados. No final de 2011, meu primeiro trabalho em mais puro método Cut-Up, publicado em um blog que eu mantinha – coincidentemente um blog que resistiu a gentrificação do território virtual – já dizia trazia vozes dos anos que seguiriam.

O grande jornalista Hunter Thompson escreveu, ao fim da década de 80, que aquela havia sido a pior década do século XX para se ter vivido. A consolidação de uma era policial no ocidente, o apocalipse cultural (se é que é possível reduzir mais ainda o pouco de cultura da cidade).

Mais da metade dos bares de Porto Alegre já foram vítimas da SMIC. A tendência é no sul nos fodermos sem camisinha também, sempre com o mesmo propósito, trazendo consigo a verdadeira geração de suínos, em que ninguém se orgulhará de fazer parte do “faça o que eu digo mas não faça o que eu faço”. O imoral se tornou poeira do dia a dia? O que os jovens vão tornar ao lar, inundado pelas gotas e cem quilômetros por hora, para manter a existência, tudo isso dentro do parque?

Como disse Iggy Pop: “America takes drugs in psychic defense”. Bem, aqui que em algumas semanas, quase nenhum bar esteja aberto depois da meia noite. 00:00h. Já dirá a lei, seguindo o que lhes é dito com passividade, uma década em que, quando todos os bares fecharem e não quisermos controle, nunca vamos escapar de duas sirenes ligadas. Não sendo lá uma cidade de grandes entretenimentos, Porto Alegre caminha na direção de filho deficiente do moralismo. Ou ele descende da necessidade de auto-afirmação, em que

perca a identidade dualista de errado e maléfico? Um estado policial que morre no final.

Mas como seguir resistindo? Onde vamos beber a fuga parcial condenada a retornar? Ao próprio parque é permitido caçar o outlaw, zunindo, arrastando o som estridente de sua maturação do moralismo: a batata da mente correta. Minha perna não era o único desconforto que sentia: ter que fazer para o imoral a herança católica maniqueísta a grama que pinicava descansando, enquanto eu deitava sob o sol. Enquanto eu lia, o sexo mata. De fato, a perfeita grama da Redenção não mais é apenas um texto do Bukowski.

E tudo o que foi dito não é novidade. (EU MESMO, 2011)¹⁸

Outro Cut-Up meu da mesma época, mas que prefiro não citar diretamente, abordava a relação dinheiro e trabalho: eu dizia, em outras palavras, que, com o tão pouco que o trabalho gerava, logo teríamos pessoas vagando pela cidade vinte e quatro horas por dia, apenas para conseguir ter o que comer. Hoje, isso faz parte do que é chamado de “Uberização das relações de trabalho”. Eu não sou tão inocente quanto era a nove anos atrás, mas ainda creio que o método Cut-Up é uma forma de descolar um texto de sua transitoriedade e trazê-lo à atemporalidade.

No final, Ubers e bares também são produções da rua, assim como a rua é produto de políticas, de vidas e mortes, empobrecimento e enriquecimento, do passado, de relações sociais e relações sexuais. Não é acaso que, na sessão “Sobre o futuro” das vozes, só constam avaliações negativas. Não há muito do que se orgulhar do que é – e foi – cozido para ser servido na posteridade. E, no meio disso, supomos talvez corretamente que os homens têm problemas, e que ainda está em aberto (e talvez sempre esteja) o que foi, o que é, e o que será deles. E, aproveitando a deixa da pauta da temporalidade, gostaria de fazer uso dela para traçar uma conclusão. Afinal, o que é e o que será dos homens só pode ser especulado uma vez que arriscamos hipotetizar o que foi.

Não me parece completamente honesto dizer que a vida era mais simples, ou mais fácil, para homens brancos no passado. Certamente cada época carrega seus pesos e medidas, seus desafios. Todavia, até algum tempo atrás, nenhum homem branco talvez tenha sido convidado a “checar seus privilégios”, até porque, indubitavelmente, eles estavam lá – assim como, sendo estruturais, permanecem. Com o desenvolvimento dos estudos de identidade, raça e gênero, talvez o que tenha restado aos homens seja realmente o problema, desprovido de solução. Sim,

¹⁸ Texto e registro fotográfico ainda disponível aqui: <http://thesoulkitchenbaby.blogspot.com/2011/12/um-cut-up-autentico.html>. Acesso em 18/10/2020

as questões do homem branco são meramente existenciais, dado que são questões de um lugar de vantagem, mas isso não significa que elas não causem sofrimento, e que esse sofrimento, por vezes, acabe levando ao extremismo, à violência, à destruição e à autodestruição.

Como já sinalizei na subseção “Fronteiras”, pode até parecer que os homens brancos heterossexuais permaneçam como bloco monolítico estático em um rio de constantes mudanças. Parte da solução, dito isso, creio ser fluir também como rio. Decidi abrir a seção “masculinidades” nesse trabalho com a provocação de sugerir o cuidado de si e do outro enquanto práticas subversivas da norma e libertadoras. Permitir-se mudar, buscas novas ideias e abolir modelos estruturais que já existiram também podem ser vistas como práticas de cuidado.

E eu, como já disse, abraço minhas contradições. O futuro realmente parece distópico e catastrófico se olharmos para ele do prisma do ano da (des)graça de 2020. E talvez ele realmente o seja, mas não significa que ele será isento de resistência, produção e reinvenção. Durante muito tempo a união e reunião entre homens foi baseada na legitimidade de lugares de poder, de práticas de dominação, e de competições a título de força física e virilidade. Já existem grupos que subvertem tais demandas sociais, que abordam as consequências de relações tóxicas e que colocam a branquitude no lugar de também ser pensada criticamente enquanto raça, além de reavaliar e repensar práticas que dizem respeito a ela. Se pressuponho que, como já disse, um dia o homem vai acabar, não digo que ele vai acabar no sentido de não existir mais, mas que talvez vire outra coisa, alguma coisa menos... homem, talvez?¹⁹

E aproveitando a carona nas contradições, acho que “fé” é um termo totalmente contraditório e antiacadêmico, mas ajuda a traduzir um pouco da relação que estabeleci com a rua.

Costumo dizer, quando estou entre pessoas mais íntimas, que a vida fora da universidade, depois da graduação, é um curso superior inteiramente novo. O ensino superior é algo maravilhoso, que abre portas para novos discursos, novas redes e relações, conflitos, dúvidas, desafios. Mas o mundo e os saberes do lado de fora muitas vezes têm outros funcionamentos. Viver longe de uma instituição que facilitava conexões e relações demandou

¹⁹ E por que não? Se às vezes dizemos para alguém ser homem, ou ser mais homem, qual o problema de ser menos?

que eu descobrisse novas estratégias para conhecer pessoas novas, buscar oportunidades novas e manter um acesso constante a novidades, para que não perdesse o prazer de viver.

A saída de uma zona de conforto inevitavelmente levava à rua, e à abertura para o encontro e o improvável. E, se por vezes acabou me colocando em situações desprazerosas, também acabou me levando a morar e trabalhar por um tempo em Salvador/BA. A ideia de desenvolver uma metodologia que passasse pelas ruas, esquinas e avenidas também diz disso: uma tentativa de conciliar a ciência com a ciência da rua, da mesma maneira que tentei conciliar laboratório e atelier, enquanto coisas que podem se complementar. Ou conflitar. Ou só produzir algo, independentemente de ser belo ou feio.

O trabalho que faço na assistência social com população em situação de rua não tem nada de contraditório dentro dessa lógica. Foi uma afortunada coincidência quando, já vagando a cidade em busca de saberes, tive essa oportunidade, e ela também ter uma relação direta, justamente, com a rua e com outros saberes. Todo encontro acarreta uma troca e uma intersecção de histórias, a produção de algo novo entre as partes envolvidas. Na universidade é assim, não tem por que na rua, ou em qualquer outro lugar, não ser. A abolição de uma ortodoxia ou rigorosidade metodológica faz parte da potencialização desses encontros. Nesse sentido, fé diz respeito à confiança no que é produzido a nível das pequenas aglomerações, dos esbarros, da reunião e união espontâneas, e na potência revolucionária do aqui e do agora.

REFERÊNCIAS

- ALEKSIÉVITCH, S. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. **Vozes de Tchernóbil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é Habitar um Território Existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUPP, V.; ESCÓSSIA, L. D. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.
- AMBRA, P. Cartografias da Masculinidade: do mito aos horizontes de desconstrução. **Cult**, São Paulo, v. 242, Fevereiro 2019.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2001.
- ANZALDÚA, G. To(o) queer the writer - Loca, escritora y chicana. In: ANZALDÚA, G. **The Gloria Anzaldúa Reader**. London: Duke University Press, 2009. p. 163-175.
- AZEVEDO, A. B. D.; HENZ, A. D. O.; RODRIGUES, A. Pesquisar no Lugar Infame, Obscuro e Mudo. In: MENDES, R.; AZEVEDO, A. B. D.; FRUTUOSO, M. F. P. **Pesquisar com os Pés: Deslocamentos no cuidado e na saúde**. São Paulo: Hucitec Editora Ltda, 2019. p. 99-117.
- BRYSON, B. **Em casa: uma breve história da vida doméstica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BURROUGHS, W.; GYSIN, B. **The Third Mind**. New York: The Viking Press, 1978.
- CÉSAR, C. Hipersexualização, auto-estima e relacionamento inter-racial. In: RESTIER, H.; SOUZA, R. M. D. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 53-76.
- CONNELL, R. **Masculinities**. Berkeley: California Press, 2005.
- FONSECA, I. **Bury Me Standing: The gypsies and their journey**. New York: Vintage Departures, 1995.
- HARARI, Y. N. **Sapiens: breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- HUSTVEDT, A. **Medical Muses: Hysteria in Nineteenth-century Paris**. New York: W.W. Norton & Company Inc, 2011.
- JUNG, C. G. **O Livro Vermelho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- KASTRUPP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUPP, V.; ESCÓSSIA, L. D. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.
- LEHRER, J. **Proust foi um neurocientista: Como a arte antecipa a ciência**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.
- MARQUEZ, G. G. A Solidão na América Latina. In: MARQUEZ, G. G. **Cem Anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- MBEMBE, A. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.
- OLIVEIRA, M. D. **O sagrado coração do homem**. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A Cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUPP, V.; ESCÓSSIA, L. D. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

- PESAVENTO, S. J. **Os sete pecados da capital**. Porto Alegre: Hucitec, 2008.
- RESTIER, H. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In: RESTIER, H.; SOUZA, R. M. D. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 21-52.
- SANTANA, B. Pensando as Transmasculinidades Negras. In: RESTIER, H.; SOUZA, R. M. D. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 95-104.
- SCHUCH, P.; GEHLEN, I. A "situação de rua" para além de determinismos: explorações conceituais. In: DORNELES, A. E.; OBST, J.; SILVA, M. B. **A rua em movimento: debates acerca da população em situação de rua na cidade de Porto Alegre**. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil, 2012. p. 11-26.
- SOLNIT, R. **A História do Caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- SOUZA, S. J.; CARVALHO, C. D. S. Ética e Pesquisa: o compromisso com o discurso do outro. **Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, p. 98-112, Janeiro 2016.
- VIGARELLO, G. **História da virilidade 1: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- WARD, J. **Not Gay: Sex between straight white men**. New York: New York University Press, 2015.
- ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. D. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, v. 23, p. 454-463, Setembro-Dezembro 2011.